

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

V CURSO DE MESTRADO EM MUSEOLOGIA

Lígia Isabel da Silva Rafael

*“Os Trinta Anos do Projecto Mértola Vila Museu:
Balanço e Perspectivas”*

Orientador: Professor Doutor João Carlos Brigola

Co-Orientador: Doutor Cláudio Figueiredo Torres

Évora, 25 Março 2010

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

V CURSO DE MESTRADO EM MUSEOLOGIA

Lígia Isabel da Silva Rafael

*“Os Trinta Anos do Projecto Mértola Vila Museu:
Balanço e Perspectivas”*

Orientador: Professor Doutor João Carlos Brigola

Co-Orientador: Doutor Cláudio Figueiredo Torres

Évora, 25 Março 2010

“ Campo pálidos. Raras árvores. Tísicas. Céu azul. O Guadiana, melancólico, arrasta-se penosamente. Segue o seu destino eviterno. As suas lágrimas rolam tristemente para o mar.

Mértola ergue-se altiva, como um senhor feudal.

Ao alto, o castelo fere o azul do céu. Em degraus, as casas pequenas e térreas, quedam-se num arroubo singular.

Ruas estreitas cortam-se continuamente, ladeirentas e sujas.

Disseminadas aparecem, de quando em vez, lâmpadas eléctricas, que á noite, quando não estão fundidas, emprestam à escuridade um pobre palor.

Em alguns locais, um cheiro desagradável, penetra-nos em lufadas contínuas e sufocantes.

Nas ruas, um movimento extraordinário de cães, gatos e galináceos.

Silencio apenas quebrado pelo cacarejar das galinhas e lutas eternas de cães e gatos.

Uma nuvem pequenina e branca, só, na imensidade do céu, desliza suavemente, afastando-se, pressurosa, desta terra morta e esquecida.

Um cavaleiro irrompe no pequeno e fedorento largo onde estacionam as camionetas. Alto. Magro. Barba e cabelos crescidos e bem tratados. Desmonta. Com o animal pelas rédeas, dirige-se, sem hesitação para o castelo. Aí, durante largo tempo, contempla, com os olhos marejados de lágrimas, as muralhas derruídas. Depois, mudamente, percorre toda a vila. O seu semblante torna-se carrancudo. Lágrimas correm-lhe pelas faces. Molham-se as venerandas barbas brancas. Soluços abalam-no. Num sopro, murmura:

«As mesmas ruas, as mesmas casas, as mesmas paredes de há 700 anos... apenas mais derrubadas».

E, numa voz vibrante clama:

Sim, eu, Sancho II te vi próspera e rica, oh Mértola!...”

(Imagens de Mértola (1964) in, Textos de Serrão Martins, 1985).

Em memória do meu irmão João Paulo da Silva Rafael.

Sei que sempre acreditaste em mim.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço ao Doutor João Carlos Brigola, orientador deste trabalho e que, tanto nesta fase como ao longo de todo o Curso de Mestrado me incentivou, motivou e fez com que esta Tese chegasse a bom porto. Um especial agradecimento ao Doutor Cláudio Torres, co-orientador, que para além do apoio e incentivo nesta etapa, desde há 24 anos acreditou nas minhas capacidades, me incentivou e foi, é e será sempre, uma fonte de motivação e vontade de continuar em frente apesar das dificuldades.

À Câmara Municipal pelo apoio, a todos os meus colegas do Campo Arqueológico de Mértola, principalmente à Susana Gómez Martinez, Guilhermina Bento, Rute Fortuna, Nelia Romba, Filipa Medeiros e Filipe Gomes, pelo incentivo, disponibilidade, ajuda e grande paciência. Ao Doutor Rui Mateus e Dr. Jorge Revez pela disponibilização de informação. À Mariana Lopes pela grande ajuda. Um especial agradecimento à Isabel Gouveia e à Joana Oliveira pela troca de ideias e incentivo nos momentos de desespero. Finalmente a todos os que colaboraram comigo, principalmente os que tiveram a atenção de responder à entrevista.

Por fim, a toda a minha família, especialmente aos meus pais e à minha irmã. Um agradecimento muito especial ao Fernando e à Maria João, pela paciência e pelas ausências ao longo destes dois anos, mas também pelo grande incentivo e apoio.

Obrigada a todos!

Resumo

A partir de final da década de setenta do século XX Mértola viveu novos tempos, não tão áureos como os do seu passado de cidade portuária, elo de ligação com as riquezas do Mediterrâneo mas, pelo menos, de Vila conhecedora das suas raízes, pronta para construir o seu novo futuro. Este novo alento foi sem dúvida dado pela consciencialização relativamente à importância do seu património arqueológico, histórico e natural.

Esta tese pretende clarificar a relação existente entre o Projecto Mértola Vila Museu e o desenvolvimento local, caracterizando e analisando o projecto com o objectivo de conhecer as suas acções, implicações e consequências no desenvolvimento de Mértola. Passados trinta anos esta reflexão é essencial para perceber se este projecto foi, ainda é, e será, factor de desenvolvimento local, e quais as suas perspectivas de futuro.

Palavras-chave: Património; Território; Desenvolvimento Local; Comunidade; Museu; Preservação; Valorização.

Abstract

The Mértola Town Museum Project - Thirty Years of Experience: Balance and Perspectives

From the end of the 70s of the 20th century Mértola has experienced a new phase, not as magnificent as when it was a city port in the past, when it was a link in the relationship with the riches of the Mediterranean but at least as a town with knowledge of its roots, a town ready to construct its new future. This new breath of energy was, without doubt, given by the awareness of the importance of its archaeological, historical and natural heritage.

This thesis aims to clarify the relationship that exists between the Project “Mértola Museum Town” and local development, characterizing and analyzing the project with the aim of getting to know its actions, implications and consequences in Mértola’s development. With the passing of thirty years, this reflection is essential in order to understand whether this project was, still is and will be a factor in local development and what are its perspectives for the future.

Key-Words: Heritage, Territory, Local Development; Community; Museum; Preservation; Valorisation.

INDICE

Imagens de Mértola (1964) de Serrão Martins

Dedicatória

Agradecimentos

Resumo 1

Abstract 2

Abreviaturas e Acrónimos 5

INTRODUÇÃO 7

CAPITULO I - BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DE PORTUGAL ENTRE O PÓS-25 DE ABRIL E O INICIO DO SEGUNDO MILÉNIO

1.1. Contextualização histórica e política12

1.2. A museologia em Portugal: de finais dos anos 70 do século XX até à actualidade 13

CAPITULO II - O PATRIMÓNIO, OS MUSEUS E O DESENVOLVIMENTO

2.1. Breves definições 15

2.2. A relação entre património, museus e desenvolvimento 21

CAPITULO III - O PROJECTO MÉRTOLA VILA MUSEU

3.1. Linhas orientadoras e objectivos 27

3.2. Principais intervenientes: instituições, personalidades e comunidade local

3.3. O Museu de Mértola 32

3.3.1. Antecedentes 33

3.3.2. Os núcleos museológicos do Museu de Mértola 36

3.4. O património, o território, a comunidade e o desenvolvimento local 43

CAPITULO IV - AS REPERCURSSÕES SÓCIO-ECONÓMICAS

4.1. O registo e caracterização de visitantes	52
4.2. Os dados económicos	55

CAPITULO V - O PONTO DE VISTA DE ALGUNS INTERVENIENTES NO PROJECTO

5.1. Metodologia: inquéritos e entrevistas direccionadas	68
5.2. Análise das entrevistas e dos inquéritos	69
5.3. Ponto de situação	77

CAPITULO VI - BALANÇO E PERSPECTIVAS DO PROJECTO

6.1. Diagnóstico com utilização da Análise SWOT	81
6.2. Balanço de actividades e projectos	84
6.2.1. Actividades da Autarquia	84
6.2.2. Actividades e projectos da ADPM	92
6.2.3. Actividades e projectos do CAM	93
6.2.4. Actividades de outras instituições	96
6.2.5. O Projecto Integrado de Mértola	98
6.2.6. Terras da Moura Encantada	99
6.2.7. Discover Islamic Art	100
6.2.8. O Protocolo de Colaboração entre o IPPAR, Autarquia e o CAM	
6.2.9. Rede Portuguesa de Museus	102
7. Propostas para um desenvolvimento sustentável	105

CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
-----------------------------------	-----

BIBLIOGRAFIA	114
---------------------------	-----

ANEXOS	121
---------------------	-----

ABREVIATURAS E ACRÓNIMOS

ADPM – Associação de Defesa do Património de Mértola

ALSUD – Cooperativa de Ensino e Formação do Alentejo, CRL

AMU – Área Medianamente Urbana

APOM – Associação Portuguesa de Museologia

APR – Áreas Predominantemente Rurais

ARQUEOCULTURA – Salvaguarda e Valorização dos Recursos Arqueológicos, Patrimoniais e Culturais

AVEC – *Alliance of European Cultural Cities*

CAM – Campo Arqueológico de Mértola

FSM – Fundação Serrão Martins

ICOM – *International Council of Museums*

IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitectónico

INE – Instituto Nacional de Estatística

JNICT – Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica

IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico

MERCATOR – *Route des Marchands, Villes des Marches en Méditerranée*

MERTURIS – Empresa Municipal de Turismo

MINOM – Movimento Internacional para a Nova Museologia

MWNF – *Museum with No Frontiers*

ONG – Organização Não Governamental

PALOP – Países de Língua Oficial Portuguesa

PAQM – Programa de Apoio à Qualificação de Museus

PATNIME – Património Histórico e Arqueológico de Mértola e Niebla

PIM – Projecto Integrado de Mértola

PIT – Posto de Informação Turística

PNTA – Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos

PNVG – Parque Natural do Vale do Guadiana

PORA – Programa Operacional Regional do Alentejo

QREN – Quadro de Referência Estratégica Nacional

RESIDE – *Reseaux des Sites pour le Development*

REVA – Rede Europeia de Vilas Arqueológicas

RPM – Rede portuguesa de Museus

RSI – Rendimento Social de Inserção

SWOT – *Strength, Worth, Opportunities and Threats*

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

WWF – *World Wild Found*

INTRODUÇÃO

Em tempos mais longínquos o museu local era entendido como depositário da memória de uma população, trabalho levado a cabo por “curiosos”, conhecedores e amantes das velharias e da história material de uma população. Não poderemos considerá-los verdadeiros museus, tal como os definimos na actualidade, estes eram espaços de acondicionamento e preservação de uma identidade, de um território e de uma comunidade. Não havia a preocupação com a museografia, com o estudo da colecção, com a divulgação ou educação, a principal meta a atingir por estes homens era, em primeiro lugar, uma satisfação própria e, além disso, a de se sentirem protectores e guardadores de memórias.

Até há bem pouco tempo o pequeno museu de uma localidade era tido nos meios académicos como um elemento representante do amadorismo e da falta de rigor científico. Apesar de muitas destas colecções corresponderem a simples amontoados de objectos representantes de todas as tipologias, temáticas e cronologias, foram e são elementos importantíssimos para a construção de uma verdadeira história local e, conseqüentemente, de uma história global, para não dizer nacional se a analisarmos em contexto mais alargado.

Actualmente, muitos investigadores defendem aquilo que podemos chamar de “microhistória” já que, só conhecendo as nossas raízes desde o mais ínfimo pormenor, principalmente os factos do quotidiano e da vida do homem comum, se podem estabelecer conotações e relações com os territórios circundantes e, posteriormente, fazer uma análise global que permita passar para uma macro-escala.

Só em meados do séc. XX, mais concretamente a partir da década de 70, se iniciou um redescobrir dos museus locais e da valorização patrimonial como principal aliado do desenvolvimento de pequenas localidades com poucos recursos. Começou a entender-se que o pequeno museu, representativo da identidade de um território e de uma comunidade, poderia ser factor principal de atracção turística e, conseqüentemente, de desenvolvimento.

É a partir desta altura que surgem as primeiras experiências museológicas baseadas na comunidade e no território, e os investigadores começam a utilizar terminologia específica como museu comunitário, museu de território, ecomuseu, reforço identitário, território, turismo cultural e desenvolvimento local, integrado e sustentável. Em qualquer um destes conceitos alia-se sempre uma comunidade a um território, perfeitamente delimitado, que serve de forte elemento identitário que pode, e deve, ser utilizado pelos agentes locais como factor agregador e dinamizador com o objectivo de potenciar o desenvolvimento.

Por outro lado, na forte relação comunidade/território nem só o museu é o principal componente. De facto, a estruturação de um projecto de desenvolvimento local que tenha como base a valorização patrimonial e o turismo deve ter como elemento agregador um museu bem estruturado e integrado numa estratégia de desenvolvimento sustentável e integrado, em que este é só mais um elemento. Uma estratégia de desenvolvimento baseada na vertente patrimonial tem de saber aliar todos os elementos do território, ou seja, as gentes, os objectos do quotidiano, os costumes e tradições – “o saber fazer”, o património histórico e arqueológico, o património natural e, de uma forma inteligente, visionária e coerente, criar um forte elemento de ligação entre eles que sirva de factor de estabilidade e sustentabilidade.

Este é o grande desafio. Transformar uma pequena localidade, pobre em recursos mas com elementos identitários inequívocos, num pólo de atracção para o visitante exterior, sem esquecer as suas raízes e sempre com o apoio e colaboração da população local. Nas últimas décadas esta temática tem sido amplamente discutida e alvo de interessantes artigos, publicações e teses, desenvolvidos no meio académico e em conceituadas instituições de investigação. Estará toda esta profícua produção bibliográfica relacionada com o interesse deste tema ou estará relacionada com a existência de verdadeiras experiências que merecem ser alvo de análise e estudo?

No final dos anos 70 a Vila de Mértola, adormecida e completamente esquecida, apresentava todas as condições para enveredar por um projecto estratégico que tivesse como principal motor de desenvolvimento a valorização patrimonial e o envolvimento da população local. Era necessário que um visionário, amante da sua terra e da sua história, o percebesse e iniciasse um processo que culminaria com a “ideia” de Mértola Vila Museu. A este homem de horizontes abertos juntou-se toda uma equipa de importantes investigadores e jovens estudantes que aqui iniciaram uma forte intervenção de investigação, valorização e divulgação patrimonial.

Não existem dúvidas de que, a partir de final da década de 70 do séc. XX, Mértola viveu novos tempos, não tão áureos como os do seu passado de cidade portuária, elo de ligação com as riquezas do Mediterrâneo mas, pelo menos, de Vila conhecedora das suas raízes, pronta para construir o seu futuro. Este novo alento foi sem dúvida dado pela consciencialização relativamente à importância do seu património arqueológico, histórico e natural e, também, pelo envolvimento dos agentes locais e da população no que se entendia ser uma das principais formas de criar desenvolvimento em Mértola que se repercutisse na melhoria das condições de vida dos seus habitantes.

O “Projecto Mértola Vila Museu” tornou-se uma referência nacional não só no que se refere à valorização patrimonial, investigação e divulgação mas, principalmente, pelos seus interessantes projectos museográficos desenvolvidos ao longo dos últimos 30 anos. O que levaria um projecto museológico e de valorização patrimonial, desenvolvido fora dos grandes centros políticos, económicos e culturais, a constituir uma referência nacional? Quais os antecedentes deste projecto e como se desenvolveu? Quem foram os mentores desta aventura em terreno tão adverso? Quais as consequências sociais e económicas para a população local? Será que pode ser considerado o motor do desenvolvimento de Mértola nos últimos trinta anos? Qual a situação actual e que futuro? Uma análise isenta, crítica e algumas sugestões para que o projecto

iniciado nos finais da década de 70 seja retomado e desenvolvido como verdadeiro factor de progresso para Mértola é o desafio a que me proponho.

Em termos metodológicos a estruturação do presente trabalho passou por um levantamento bibliográfico exaustivo sobre a temática dos museus e desenvolvimento e de artigos e estudos que abordassem a temática de Mértola Vila Museu. Paralelamente, foi efectuada uma pesquisa no Arquivo e Biblioteca Municipal de Mértola, na Biblioteca do Centro de Estudos Islâmicos e do Mediterrâneo, nos Arquivos do CAM e do Museu de Mértola. Esta recolha documental teve como propósito perceber a dinâmica do projecto ao longo destes anos e a sua projecção para o exterior, a nível local, nacional e internacional.

Foi também efectuada uma criteriosa pesquisa e recolha de elementos estatísticos relacionados com dados económicos e sociais mas, também, com dados mais precisos como o licenciamento de estabelecimentos comerciais relacionados com a actividade turística, o registo de visitantes e a receita de bilheteira do Museu e do Posto de Informação Turística, de forma a perceber a evolução no afluxo de visitantes e a relação com a economia local.

Desde logo constatei que a informação acerca desta temática era diversificada, tanto em termos qualitativos como quantitativos. Apesar disso, era necessário obter informação mais individualizada, mais objectiva e mais crítica. Para a recolha dessa informação recorri à realização de entrevistas a uma série de colaboradores, actuais e antigos, do projecto, que me permitissem o fornecimento de dados concretos e realistas de forma a melhor perceber a génese do projecto, o seu desenvolvimento e as suas perspectivas futuras. Por outro lado, tendo em conta a proximidade pessoal e profissional com a maioria dos entrevistados e a minha relação próxima com o projecto, optei por realizar entrevistas não presenciais, de forma a potenciar um maior distanciamento, com o objectivo de evitar influenciar as respostas e torná-las tendenciosas.

A presente tese encontra-se estruturada em seis capítulos que pretendem numa primeira fase abordar, sucintamente, a contextualização histórica, política e

museológica entre o pós-25 de Abril e o início do segundo milénio, e alguns conceitos básicos relacionados com o património, os museus e o desenvolvimento (Capítulo I e II). A partir do Capítulo III, inicia-se uma abordagem concreta do projecto, dos seus antecedentes, intervenientes e principais linhas de acção, passando por uma curta abordagem dos aspectos sociais e económicos, não só em termos gerais como a nível mais específico de análise dos dados estatísticos de visitantes e receita do Museu de Mértola (Capítulo IV).

O Capítulo V é inteiramente dedicado ao ponto de vista dos intervenientes, onde se apresenta a análise das entrevistas e um ponto de situação. A última parte (Capítulo VII) é dedicada ao balanço e perspectivas de futuro, sendo no primeiro apresentados alguns projectos importantes desenvolvidos ao longo destes 30 anos pelas diversas instituições intervenientes e, no segundo, uma abordagem analítica e crítica de todos os elementos, que conduzem a uma proposta de revitalização e implementação de acções que permitam ao “Projecto Mértola Vila Museu” continuar a ser um verdadeiro motor de desenvolvimento para Mértola.

Não pretendo com este estudo apresentar soluções milagrosas que permitam inverter um processo de alguma estagnação, descrédito e decadência deste projecto de valorização patrimonial. O meu principal objectivo é clarificar a relação existente entre o “Projecto Mértola Vila Museu”, a comunidade e o desenvolvimento, caracterizá-lo sumariamente e perceber as suas implicações e consequências no desenvolvimento de Mértola. Será que os objectivos, bem definidos, desde a primeira hora foram de facto atingidos? Se sim, será o projecto Mértola Vila Museu um projecto com futuro e enquadrável na sociedade actual?

CAPITULO I - BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DE PORTUGAL ENTRE O PÓS-25 DE ABRIL E O INÍCIO DO SEGUNDO MILÉNIO

1.1. Contextualização histórica e política

No dia 25 de Abril de 1974 o regime autoritário é derrubado por um golpe de estado, executado por um Movimento das Forças Armadas portuguesas com o objectivo de por termo à guerra nas colónias, democratizar e desenvolver o país. Este movimento teve o apoio da população desde a primeira hora. *“O golpe de estado de 25 de Abril de 1974 rapidamente deu lugar a um processo revolucionário, de democratização política, de colectivização interna de economia e de descolonização externa, com contrastes entre projectos populares e parlamentares de democracia¹”*.

Os anos da transição democrática foram anos de grande instabilidade política, económica e social. Com a promulgação da nova constituição em 1976 iniciou-se uma nova fase na transição constitucional e o afastamento dos militares do poder político. A adesão de Portugal à Comunidade Europeia, em 1986, foi decisiva para a conclusão do processo de transição para a democracia política e para a integração europeia tendo sido iniciado um período de maior estabilidade política e desenvolvimento económico, que se traduziu em reformas estruturais no domínio económico e financeiro, na comunicação social, no ensino e no investimento em infra-estruturas.

A Revolução de Abril revolucionou os meios estudantis, científicos, associativos e cívicos, abriu os horizontes aos portugueses e incentivou-os a participar na construção de uma nova sociedade. No entanto, os anos de atraso relativamente a outros países da Europa têm custado caro aos portugueses que, apesar de beneficiarem de anos de maior estabilidade política, têm passado por períodos de

¹ *“A 25 de Novembro de 1975 o projecto de revolução popular foi travado, abrindo-se caminho à instituição de uma democracia parlamentar”*. Manuel Braga da Cruz, *A Revolução de Abril in*, Roberto Carneiro, *Memória de Portugal. O milénio português*, pp. 522-523.

grande instabilidade económica e social com problemas graves ao nível do emprego, saúde, educação e conseqüente desenvolvimento do país.

1.2. A museologia em Portugal: de finais dos anos 70 do século XX até à actualidade

As raízes do movimento designado como Nova Museologia encontram-se nos anos 70, na sequência dos acontecimentos de Maio de 1968 que também contestavam as unidades museológicas considerando-as “*instituições passivas e burguesas*”². Em 1971, a conferência do ICOM, subordinada ao tema “*O museus ao serviço do homem - Actualidade e futuro*” lança as bases de um novo pensamento museológico em que a função social do museu é uma das principais preocupações. Acentua-se o debate em torno dos museus e no desenvolvimento da investigação e da divulgação no âmbito das funções museológicas.

Para o desenvolvimento do conceito de museu, das funções museológicas e da museologia contribuíram de forma inequívoca George-Henri Riviere³ e Hugues de Varine⁴, tendo o último desenvolvido um conjunto de noções importantíssimas como desenvolvimento comunitário, comunidade, cultura da iniciativa e património comunitário. De acordo com este autor o museu só faz sentido se a comunidade se envolver na sua criação e na sua gestão.

² Clara Frayão Camacho, *A problemática da museologia vs desenvolvimento* (policopiado).

³ George-Henri Rivière (1897-1985) foi um dos maiores museólogos franceses. Estudou museologia na *École du Louvre* onde se formou em 1928 e durante vários anos foi curador da colecção de David Weill. Durante vários anos acompanhou ambiciosos projectos de investigação relacionados com a etnografia e, em 1937, abriu o Museu Nacional de Artes e Tradições Populares baseado nas colecções etnográficas do Museu do Trocadero. Entre 1948 e 1965, foi Director do ICOM, ao qual retornou em 1968 como consultor. A publicação “*Le muséologie selon Georges-Henri Rivière*”, foi publicada postumamente em 1989.

⁴ Hugues de Varine foi Director do ICOM, tendo vivido e trabalhado vários anos em Portugal ligado à acção cultural da Embaixada francesa. Actualmente é consultor “free-lance” em projectos de desenvolvimento local e é solicitado em todo o mundo para conferências e outros eventos relacionados com a museologia, os ecomuseus e o desenvolvimento local.

A partir de finais dos anos 70, início da década de 80 do séc. XX, Portugal experimenta uma viragem na museologia que está directamente relacionada com novas práticas museológicas, com o alargamento do conceito de património museológico e com a renovação e criação de novos museus. Nasceram novos museus como o Ecomuseu Municipal do Seixal (1982), o Museu Municipal de Alcochete, o Museu Rural e do Vinho do Concelho do Cartaxo, o Museu Agrícola de Entre Douro e Minho (1989), o primeiro núcleo museológico do Museu de Mértola (1988) e muitas outras experiências, principalmente ligadas ao poder local.

De referir o importante papel de Portugal no âmbito do movimento para a Nova Museologia que se iniciou em Lisboa, em 1985, com a criação do Movimento Internacional para a Nova Museologia: *“O MINOM reagrupa, sobre uma larga plataforma de tendências e organismos, indivíduos voltados para uma museologia activa, interactiva e incentivadora de mudanças sociais e culturais. Favorece a cooperação entre os utilizadores e os profissionais. É uma museologia aberta a todas as perspectivas que possam contribuir para fazer do museu e da exposição um instrumento de desenvolvimento das personalidades, das comunidades e um laboratório de construção do futuro”*⁵.

A filosofia que está na base da constituição do projecto Mértola Vila Museu enquadra-se perfeitamente na corrente da Nova Museologia que assenta principalmente na preocupação prioritária com a museologia social e o desenvolvimento sustentado com base na intervenção cultural activa das populações e no reforço da identidade.

⁵ Excerto retirado do site do MINOM - www.minom-icom.net (consultado em 07/06/2009).

CAPITULO II - O PATRIMÓNIO, OS MUSEUS E O DESENVOLVIMENTO

“É uma história longa e silenciosa a desta vila islâmica, de que as fontes escritas quase não falam e onde emires e califas nunca passaram. Também por esses motivos a história de Mértola está quase só gravada nas pedras dos muros, nas memórias das tradições e naquilo que de mais antigo o território conserva. (...) é a conquista para uma terra do interior, e por via de uma riqueza patrimonial que não cessa de nos surpreender, de uma projecção, de uma dignidade e de perspectivas de desenvolvimento que há 30 anos atrás não eram sequer imagináveis”⁶.

2.1. Breves definições

O património é elemento identitário e legitimador dos indivíduos num determinado território pelo que, desde sempre existiu uma preocupação com o legado dos nossos antepassados e com a sua passagem para as gerações vindouras. Dentro deste espírito, em 16 de Novembro de 1972, a Conferência Geral da UNESCO, reunida em Paris, constata que *“o património cultural e património natural estão cada vez mais ameaçados de destruição, não apenas pelas causas tradicionais de degradação, mas também pela evolução da vida social e económica que as agrava através de fenómenos de alteração ou de destruição ainda mais importantes”⁷.*

Como reacção a estas preocupações é adoptada a Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural onde, entre outras tomadas de posição, se aprova uma definição de património cultural e natural⁸, sendo distinguidos, dentro do primeiro, os monumentos, os conjuntos e os locais de interesse e, no

⁶ Santiago Macias, Catálogo da Exposição Mértola – O Último Porto do Mediterrâneo.

⁷ Este documento considera ainda que *“a degradação ou o desaparecimento de um bem cultural e natural constitui um empobrecimento efectivo do património de todos os povos do mundo”*.

⁸ Ver definições de património cultural e natural em anexo (pg. 162)

segundo, os monumentos naturais, as formações geológicas e fisiográficas e os locais de interesse natural.

Em Portugal, a legislação relacionada com a salvaguarda do património cultural tem como primeira expressão o Decreto de 26 de Maio de 1911 e a Lei n.º 1:700, de 18 de Dezembro de 1924 que verão os seus princípios basilares reforçados com o Decreto n.º 20:985, de 7 de Março de 1932 e o Decreto-Lei n.º 27:633, de 6 de Abril de 1937, onde se expressa a preocupação do governo com a protecção e valorização do património cultural e, onde se encontra já bem vincada a preocupação com os bens arqueológicos.

A Lei n.º 13/85⁹, definiu os instrumentos de classificação de bens móveis e imóveis, introduziu a nova designação de monumentos, conjuntos e sítios, considerou que os bens imateriais devem ser objecto de protecção legal, instituiu o regime específico do património arqueológico e estabeleceu medidas de fomento para a conservação e valorização do património cultural.

Em 1996, o XIII Governo Constitucional concedeu à cultura um importante papel que vem reformular as funções e a estrutura das instituições, expressas no Decreto-Lei n.º 42/97¹⁰. A década de 90 é profícua na publicação de diversos diplomas legais sobre a temática do património que se debruçam sobre o património arquitectónico e arqueológico, o património subaquático e o mecenato cultural, entre outras temáticas.

A Lei n.º 107/2001¹¹, *“estabelece as bases da política e regime de protecção e valorização do património cultural, como realidade da maior relevância para a compreensão, permanência e construção da identidade nacional e para a democratização da cultura”*¹². O

⁹ Lei 13/85, de 13 de Julho – Lei de Bases do Património Cultural.

¹⁰ Decreto-Lei n.º 42/97, de 7 de Maio – Lei orgânica do Ministério da Cultura.

¹¹ Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro – Lei de Bases da Política e do Regime de Protecção e Valorização do Património Cultural.

¹² IDEM, Título I – Artigo 1^a – Objecto - número 1.

artigo 2º, no número 1, define que *“integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de especial protecção e valorização”* e estabelece também o âmbito do património cultural que faz, no seu número 2, referência à língua portuguesa como fundamento de soberania nacional¹³.

Esta Lei estabelece ainda que *“o conhecimento, estudo, protecção, valorização e divulgação do património cultural constituem um dever do Estado, das Regiões Autónomas e das Autarquias locais”*¹⁴ e reúne, de uma forma estruturada as principais preocupações e mecanismos de acção no que concerne à salvaguarda e valorização do património cultural ao mesmo tempo que determina os direitos e deveres do Estado e das instituições responsáveis e, também, dos cidadãos.

A legislação nacional, relativa às competências das autarquias locais, estabelece ainda na Lei n.º 159/99¹⁵, que é da sua atribuição o investimento na criação e gestão de unidades no âmbito da cultura, ciência, bibliotecas e museus bem como todas as

¹³ IDEM, O mesmo artigo no n.º 3, refere ainda que *“o interesse cultural relevante, designadamente histórico, paleontológico, arqueológico, arquitectónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico, dos bens que integram o património cultural reflectirá valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade.*

¹⁴ - IDEM, Artigo 3º - Tarefa fundamental do Estado, n.º 3.

¹⁵ A Lei n.º 159/99, de 14 de Setembro, estabelece o quadro de transferência de atribuições e competências para as autarquias locais. No artigo 20º, n.º 1, que é da *“competência dos órgãos municipais o planeamento, a gestão e a realização de investimentos públicos nos seguintes domínios: a) Centros de cultura, centros de ciência, bibliotecas, teatros e museus municipais e b) Património cultural, paisagístico e urbanístico do município.* O n.º 2 do mesmo artigo refere também que *“é igualmente da competência dos órgãos municipais: a) Propor a classificação de imóveis, conjuntos ou sítios nos termos legais; b) proceder à classificação de imóveis, conjuntos ou sítios considerados de interesse municipal e assegurar a sua manutenção e recuperação; c) participar, mediante a celebração de protocolos com entidades públicas, particulares ou cooperativas, na conservação e recuperação do património e das áreas classificadas; d) organizar e manter actualizado um inventário do património cultural, urbanístico e paisagístico existente na área do município; e) gerir museus, edifícios e sítios classificados nos termos a definir por lei; f) apoiar projectos e agentes culturais não profissionais; g) apoiar actividades culturais de interesse municipal; e h) apoiar a construção e conservação de equipamentos culturais de âmbito local”.*

acções que se relacionem com a preservação e valorização do património natural e cultural do seu território.

Relativamente às unidades museológicas o ICOM define como museu “*uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição*”¹⁶. Refere ainda que, para além das instituições designadas como museus são abrangidos por esta definição “*os sítios e monumentos naturais, arqueológicos e etnográficos e os sítios e monumentos históricos com características de aquisição, conservação e comunicação dos testemunhos materiais dos povos e do seu ambiente*”¹⁷.

A legislação nacional relativamente ao conceito de museus desenvolve-se na linha da definição do ICOM e tem como expressão mais recente a Lei n.º 47/2004¹⁸. Até esta data não existiam, em Portugal, normativas legais que regulamentassem as instituições museológicas, estas regiam-se por indicações subjectivas em diversos diplomas legislativos portugueses e pelas definições constantes dos documentos internacionais. Esta Lei reveste-se de uma importância extrema para a regulamentação da museologia nacional, facto bem expresso no seu artigo 1º, alíneas a), b), c) e d)¹⁹. No artigo 2º são explicitados princípios da museologia

¹⁶ Definição de Museu retirada do documento que se encontra no site do ICOM Portugal - <http://icom-portugal.org/conteudo.aspx?args=55,conceitos,2,museu> (definição extraída dos estatutos do ICOM, adoptados na 16ª Assembleia-Geral do ICOM (Haia, Holanda, 5 de Setembro de 1989) e alterados pela 18ª Assembleia-Geral do ICOM (Stavanger, Noruega, 7 de Julho de 1995) e pela 20ª Assembleia Geral (Barcelona, Espanha, 6 de Julho de 2001).

¹⁷ A definição extraída dos Estatutos do ICOM contém ainda na alínea a) que “*a definição de museu (...) deve ser aplicada sem quaisquer limitações resultantes da natureza da entidade responsável, do estatuto territorial, do sistema de funcionamento ou de orientação das colecções da instituição em causa*”.

¹⁸ Lei n.º 47/2004, de 19 de Agosto – Lei-Quadro dos Museus Portugueses.

¹⁹ IDEM, Artigo 1º Objecto - a) *Definir princípios da política museológica nacional; alínea b) Estabelecer o regime jurídico comum aos museus portugueses; alínea c) Promover o rigor técnico e*

nacional onde destaco a alínea a)²⁰ e b)²¹ que se referem ao desenvolvimento e promoção da cidadania responsável no indivíduo ao mesmo tempo que lhe ensina a respeitar, salvaguardar e divulgar o património do seu território, os seus valores e tradições.

O artigo 3º da Lei acima referida apresenta uma definição de museu que vem claramente na linha da definição adoptada pelo ICOM: *“Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite: a) garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objectivos científicos, educativos e lúdicos; b) facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade”*²².

Relativamente à Lei-Quadro dos Museus Portugueses é ainda importante referir as sete funções museológicas nela contidas e devidamente desenvolvidas: estudo e investigação, incorporação, inventário e documentação, conservação, segurança, interpretação e exposição e educação²³. Para além disso, neste diploma legal são

profissional das práticas museológicas; alínea d) Instituir mecanismos de regulação e supervisão da programação, criação e transformação de museus.

²⁰ IDEM, 1 – A política museológica nacional obedece aos seguintes princípios: artigo 2º, a) *Principio do primado da pessoa, através da afirmação dos museus como instituições indispensáveis para o seu desenvolvimento integral e a concretização dos seus direitos fundamentais.*

²¹ IDEM, b) *Principio da promoção da cidadania responsável, através da valorização da pessoa, para a qual os museus constituem instrumentos indispensáveis no domínio da fruição e criação cultural, estimulando o empenhamento de todos os cidadãos na sua salvaguarda, enriquecimento e divulgação.*

²² A Lei n.º 47/2004, refere ainda no artigo 3º, 2 – *Consideram-se museus as instituições, com diferentes designações, que apresentem as características e cumpram as funções museológicas previstas na presente lei para o museu, ainda que o respectivo acervo integre espécies vivas, tanto botânicas como zoológicas, testemunhos resultantes da materialização de ideias, representações da realidade existentes ou virtuais, assim como bens de património cultural imóvel, ambiental e paisagístico.*

²³ Desenvolvidas na Secção II - artigos 8º, 9º, 10º e 11º, Secção III - artigos 12º, 13º e 14º; Secção IV - artigos 15º, 16º, 17º, 18º, 19º, 20º, 21º, 22º, 23º, 24º, 25º e 26º; Secção V - artigos

devidamente regulamentadas as questões relacionadas com os recursos humanos, financeiros e instalações, a propriedade, o depósito e cedência, a criação e fusão de museus e a Rede Portuguesa de Museus²⁴, onde são definidos elementos imprescindíveis para os museus portugueses como é o caso das normas e procedimentos para a credenciação²⁵.

Nunca é demais referir que, também os cidadãos devem ser educados para o respeito e espírito de protecção dos bens culturais representativos da sua cultura e território. Os museus são locais privilegiados para que os indivíduos recebam esta formação e passem a mensagem para os seus descendentes. Para que tal aconteça também os profissionais de museus têm que se reger por normas de conduta e comportamento que prossigam os mesmos fins e que sejam comuns a todas as unidades museológicas e a todas as diferentes profissões e actividades dos museus onde desempenham funções.

O Código Deontológico do ICOM para Museus²⁶ representa um conjunto de normas e apresenta-se como uma série de princípios fundamentados em directrizes para práticas profissionais adequadas, importantes também para a prossecução dos objectivos dos museus locais, da sua relação com a comunidade e da interacção que

27º, 28º, 29º, 30º e 31º; Secção VI – artigos 32º, 33º, 34º, 35º, 36º, 37 e 38º; Secção VII – artigos 39º, 40º, 41º; e Secção VIII – artigos 42º e 43º.

²⁴ No Capítulo VIII – Rede Portuguesa de Museus, Secção I – Objectivos, composição e actividade, o artigo 102º refere “*A Rede Portuguesa de Museus é um sistema organizado, baseado na adesão voluntária, configurado de forma progressiva e que visa a descentralização, a mediação, a qualificação e a cooperação entre museus*”.

²⁵ No Capítulo IX – Credenciação de museus, Secção I – no artigo 111º definem-se como objectivos da credenciação “ (...) *promover o acesso à cultura e o enriquecimento do património cultural através da introdução de padrões de rigor e de qualidade no exercício das funções museológicas dos museus portugueses*”.

²⁶ O Código Deontológico para Museus foi elaborado pelo Conselho Internacional de Museus e corresponde à regulamentação de padrões éticos para museus, estabelecidos nos Estatutos do ICOM. Este Código reflecte os princípios adoptados, de modo geral, pela comunidade internacional de museus (ver especificações do documento em anexo – Pg. 165-166).

Ver também <http://icomportugal.org/conteudos.aspx?args=56,conceitos,2,profissional>

com ela devem estabelecer. Destaco as normas apresentadas no ponto 1 deste documento onde se refere que *“os museus preservam, interpretam e promovem o património natural e cultural da humanidade”* e, no ponto 6 onde se diz que *“os museus trabalham em estreita cooperação com as comunidades de onde provêm os seus acervos, assim como aquelas às quais servem”*.

A salvaguarda do património, a consciencialização das populações para a sua preservação no sentido de apropriação e identidade são elementos estruturantes de qualquer estratégia de desenvolvimento local, delineada em estreito respeito pelas características de um território e da sua população. É dever de todas as instituições públicas e privadas relacionadas com projectos de desenvolvimento local o respeito pelo binómio território/comunidade, baseando as suas estratégias de intervenção num diálogo aberto de partilha e consensos.

2.2. A relação entre património, museus e desenvolvimento

Os resultados das estratégias de desenvolvimento local relacionadas com a salvaguarda e valorização patrimonial, na maioria dos casos portugueses, continuam com grandes indefinições, que estão longe de estar resolvidas. Estas indefinições estão directamente relacionadas com os níveis de sustentabilidade que dificilmente são atingidos, com a evolução e algumas transformações nos conceitos de salvaguarda do património e, também, com a modificação de estratégias directamente relacionadas com questões de ordem política.

Por outro lado, as estratégias de desenvolvimento relacionadas com a valorização patrimonial, seja cultural ou natural, têm fortes implicações em termos sociais e económicos já que, na maioria das vezes, estes projectos estão intimamente relacionados com o turismo. Estas estratégias de valorização da herança cultural, principalmente das comunidades rurais, devem tentar tirar vantagens das suas características específicas e atrair visitantes que procurem destinos calmos propícios para estadias de curta duração.

No seu sentido mais lato, o desenvolvimento baseado na preservação do património, deve implicar não só a intervenção das entidades, instituições locais e seus representantes mas, também, e muito especialmente, a participação activa da população a quem se destina o projecto. Cabe por isso às entidades e instituições intervenientes serem perseverantes e sensibilizarem a comunidade através da divulgação e da informação, incentivando o seu espírito crítico de forma a que os indivíduos se sintam parte integrante de todo o processo, ao mesmo tempo que se consciencializam para a necessidade de preservar o seu legado, material e imaterial, estes entendidos como testemunho e materialização do local e do seu passado. A participação activa dos indivíduos tem o seu retorno quando estes se identificam com o seu território, se revêem nos projectos e acções desenvolvidas e sentem que o desenvolvimento atingido é resultado do seu esforço e dos restantes indivíduos, incentivando-os a repetir a experiência.

Tal como é referido por Henrique Coutinho Gouveia²⁷ *“a informação sobre museus locais representa, certamente, um dos sectores mais ricos no contexto da bibliografia museológica portuguesa, e o levantamento e análise de numerosíssimos folhetos e artigos que se lhes referem podem vir a permitir um melhor conhecimento de diversos aspectos da evolução dos museus entre nós”*. Este pressuposto serve também de base a este estudo já que este implica a consulta de documentação diversa a nível local, regional e nacional relacionada com a temática da museologia em contexto local, mais concretamente, o caso do projecto de Mértola amplamente conhecido e divulgado. Implica também uma tomada de consciência relativamente ao território abrangido e às características da sua população, seja a residente, temporária ou sazonal, relacionada directamente com acções no âmbito deste projecto.

São os museus, principalmente os que têm como principal disciplina a arqueologia e a etnografia, os que mais se podem ligar às comunidades locais, já

²⁷ Henrique Coutinho Gouveia, *Para a história dos Museus Locais em Portugal. A propósito da criação do Museu de Lorvão*, 1984, pg. 6.

que contribuem para que os indivíduos interiorizem a dimensão cultural do seu território e reforcem a sua identidade, em oposição à globalização, impessoal, estranha e totalmente imposta. Hughes de Varine refere sobre a temática dos museus e da sua relação com a comunidade que “ (...) nos anos 80 e 90, face à globalização que inquieta os cidadãos e os afasta do poder de decisão, as noções de território de proximidade e desenvolvimento surgem um pouco por todo o lado como que ofertando em conjunto um quadro propício a uma certa matriz de mudança e um reforço das identidades de iniciativa endógena. O património surge como uma fonte e o museu como uma instituição símbolo do dinamismo local, um factor de construção de capital social. (...)”²⁸.

Este investigador, com a sua longa experiência nas temáticas que envolvem os pequenos museus locais, comunidades e territórios diferenciados, refere também as dificuldades que enfrentam estas pequenas instituições que dependem de poderes locais em constante mutação, reestruturação de estratégias políticas, atitudes eleitoralistas e megalómanas que não têm subjacentes questões de sustentabilidade, de financiamentos públicos e privados, cada vez mais difíceis de conseguir, da mudança da própria mentalidade e do entendimento de património como factor identitário e estruturante de um território e de uma comunidade²⁹.

O desenvolvimento local, directamente relacionado com a valorização patrimonial está, quase sempre, relacionado com o turismo. No entanto, devido às próprias características desta actividade e às expectativas causadas na população, o turismo pode transformar-se num factor ilusório e utópico, já que pode levar a que se invistam em projectos museológicos inadequados às pequenas populações, que em nada se identificam com elas e que, por sua vez, não atraem os visitantes esperados transformando-se em “elefantes brancos”, completamente alienados da realidade social e cultural do território.

²⁸ Hughes de Varine, “Museus e Ordenamento do território. Algumas experiências e uma tentativa de problematização” in *Museal*, 2009, pp. 52 e 53.

²⁹ IDEM, pg. 54 e 55.

Apesar da complexidade que implica a gestão destes museus, principalmente em pequenas localidades, com fracos recursos financeiros e conseqüentemente carências em recursos humanos qualificados, podem ser equacionadas e tentadas outras saídas que sejam mais abrangentes e mais integrantes, não só em termos territoriais como populacionais.

Ainda sobre a relação território, comunidade e valorização patrimonial, adaptada a uma nova sociedade, Hughes de Varine apresenta algumas pistas³⁰, nomeadamente: uma nova noção de património que inclua os elementos patrimoniais nas suas mais variadas vertentes, o ambiente e a comunidade; a definição de novas estratégias de desenvolvimento local baseadas nos recursos de cada território, principalmente humanos e patrimoniais; a utilização do museu como principal veículo de educação patrimonial, não só das gerações mais jovens, mas também dos adultos e dos diversos grupos da sociedade; a generalização das Agendas 21 Locais como nova ferramenta de desenvolvimento estratégico; os museus entendidos num conceito mais global que inclui o território e a comunidade; e, por fim, a criação de redes, associações e outros tipos de instituições e organizações que permitam aos indivíduos serem parte integrante do processo de apropriação e valorização do património.

É ainda opinião deste investigador que devem ser criadas *“condições de concertação entre os eleitos locais, agentes de desenvolvimento e profissionais do património e museus, para que estes actores do desenvolvimento local se conheçam, conversem, aprendam a compreender as suas necessidades e dificuldades recíprocas”*³¹.

³⁰ Hughes de Varine, “Museus e Ordenamento do território. Algumas experiências e uma tentativa de problematização” in *Museal*, 2009, pp. 56 e 57.

³¹ IDEM, pg. 59.

Cláudio Torres considera também muito importante a relação entre museu, território e desenvolvimento³². *“A descoberta acidental de um artefacto, a curiosidade despertada pela simples valorização de uma ruína, a decapagem de uma pintura mural, pode despoletar um movimento de identificação colectiva. (...) Com uma pequena investigação, com um levantamento arqueológico, com a integração num circuito, começam, por vezes, e quanto menos se espera, a ser criadas algumas expectativas de enraizamento para a nova geração”*³³.

No entanto, é necessária alguma prudência já que as novas condições tecnológicas e de trabalho à distância podem levar a que indivíduos mais jovens e qualificados à procura do “exótico” e do “tradicional” possam desenvolver as suas actividades profissionais longe dos grandes centros urbanos. Esta nova sociedade pode colocar em risco a defesa das áreas rurais mais sensíveis no sentido em que *“é nestes territórios que se guardam e preservam as marcas e os símbolos da nossa própria identidade”*³⁴.

Os museus municipais e locais ao prosseguirem a sua missão e objectivos no território devem alargar progressivamente as suas actividades e áreas de abrangência sempre tendo em conta a relação com o território e a comunidade. *“Colocam-se deste modo novos desafios e responsabilidades colectivas. Exigindo-se dos museus, agentes culturais e entidades de tutela, a percepção da sua quota-parte de responsabilidade na intervenção específica nessa gestão, tendente à adopção de medidas que passam necessariamente pela formação de parcerias, realização de acordos ou efectivação de*

³² Cláudio Torres, “Museus, Território e Desenvolvimento” in, *Museal*, 2009, pg. 61. *“Toda a sociedade, qualquer comunidade, procura guardar, proteger os seus bens mais preciosos, as provas e documentos identitários, os objectos e artefactos portadores de uma marca ou sinal da memória colectiva. Este local pode e deve ser o museu. Um espaço sacralizado capaz de concentrar e sintetizar a alma de um sítio ou território, capaz de dignificar o carácter mais profundo da comunidade. (...). Mais significativo se torna o museu local quando este se fracciona em vários núcleos temáticos e quando estes, gradativamente, vão incluindo áreas de protecção, vias de acesso, portas e poiais, toda uma população interessada, conivente e solidária”*.

³³ IBIDEM, pg. 64.

³⁴ IBIDEM, pg. 65.

*protocolos, para a salvaguarda, interpretação, valorização e fruição dessas mesmas estruturas, relacionadas com os bens culturais móveis, imóveis e imateriais*³⁵.

As autarquias têm um papel privilegiado na preservação e valorização do património, no seu sentido mais lato, já que estabelecem um contacto directo com a população dos territórios que administram. Assim, os museus locais, na sua maioria de tutela autárquica, dão resposta às questões museológicas, defendendo com os meios de que dispõem os interesses patrimoniais. Estes museus, apesar do seu complexo funcionamento a nível organizacional, devem cumprir com as suas funções museológicas mas, devem ir mais além. Devem ser um elo de ligação com a comunidade no sentido de lhe inculcar um sentido de pertença, de identidade e de auto-estima, constituindo assim o principal elemento estruturador e integrante entre as gentes e o território, entre o passado e o futuro.

³⁵ José Gameiro, “Uma visão museológica territorial, culturalmente integrada” in, *Museal*, pg. 95.

CAPITULO III - O PROJECTO MÉRTOLA VILA MUSEU

“A experiência científica, museográfica e pedagógica do projecto Mértola Vila Museu, não pode ser dissociada de um programa estruturante de cariz marcadamente político: no interior empobrecido e em despovoamento, a memória do local, na sua potencialidade dignificante, pode tornar-se em poderoso factor de desenvolvimento”³⁶.

3.1. Linhas orientadoras e objectivos

“Até tempos recentes, o Concelho de Mértola, como tantos outros, era apenas, por junto, o local onde se nascia e de onde se partia em busca de melhor vida. Aos que foram ficando por estas terras, no abandono a que pareciam condenados, em particular após o encerramento, nos anos sessenta, da centenária mina de S. Domingos, restavam apenas as magras jornas, as felicidades da caça e da pesca, e a solidariedade que amparava o correr dos dias. (...)”³⁷. A Revolução de Abril e a consequente abertura de horizontes levou a um novo olhar sobre a realidade destes habitantes e possibilitou que o espírito iluminado de um jovem presidente da Câmara empreendesse um trabalho árduo, para muitos utópico, de retirar a sua Vila do marasmo em que se encontrava.

A partir de 1978, com o empenho do então Presidente da Câmara, António Serrão Martins, e de Cláudio Torres, com o apoio sempre presente de António Borges Coelho, ambos professores da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, começa a dar-se corpo a um projecto de desenvolvimento integrado de Mértola que teria como principal fundamento os recursos patrimoniais, arqueológicos, arquitectónicos, etnológicos e paisagísticos. O tecido urbano do Centro Histórico de Mértola é um conjunto de alto valor histórico, patrimonial, estético e vivencial pelo que, desde o início, se percebeu que a filosofia de

³⁶ Cláudio Torres, “Mértola Vila Museu. Um projecto cultural de desenvolvimento local” in, *Museologia.pt*, n.º1, pg. 2.

³⁷ Joaquim Boiça e Rui Mateus, “O Projecto Mértola Vila Museu” in, *Boletim do Curso de Técnicos de Turismo Cultural*, n.º 1, pg. 15.

intervenção teria que passar sempre por uma recuperação social e patrimonial do Centro Histórico.

A designada “Vila Velha” corresponde ao núcleo urbano primitivo que reúne todos os vestígios do passado e é símbolo e motor do seu próprio desenvolvimento turístico. Neste quadro é fácil perceber que o museu é a própria vila: *“de facto, historicamente tão importantes como os achados arqueológicos que enchem os expositores, são as ruas, a organização dos espaços públicos. A estruturação e usufruto das fachadas, volumes arquitectónicos, materiais e técnicas de construção, assim como uma sustentada requalificação habitacional”*³⁸.

Segundo Santiago Macias, *“ (...) a arqueologia conduziu a desenvolvimentos mais importantes que a investigação científica tomada em sentido estrito. Quando se inicia uma intervenção como aquela a que nos entregámos no Campo Arqueológico, não podemos ficar “presos ao caco”, ela implica um projecto, supõe a fixação no terreno e lançar raízes aqui”*³⁹. A opinião deste investigador do CAM reflecte a realidade deste projecto porque, de facto, não podemos dissociar o projecto de Mértola da arqueologia, já que esta bem como todas as actividades a ela inerentes e a fixação de investigadores e estudantes, estão na base da sua constituição⁴⁰.

Sempre se entendeu também que, tendo em conta as especificidades, as necessidades de preservação e valorização do Centro Histórico, o projecto de

³⁸ Joaquim Boiça e Rui Mateus “O Projecto Mértola Vila Museu” in, *Boletim do Curso de Técnicos de Turismo Cultural*, n.º 1, pg. 4.

³⁹ *Jornal do Baixo Guadiana* (Maio 2007), *À conversa com Santiago Macias, arqueólogo do Campo Arqueológico de Mértola e Vice-presidente da Câmara Municipal de Moura. O Campo Arqueológico é decisivo para Mértola. Este investigador refere ainda que “ao lado do Campo Arqueológico nasceu a Associação de Defesa do Património de Mértola, a Oficina de Tecelagem, a Escola Profissional Bento de Jesus Caraça, a rede de museus”*.

⁴⁰ A conservação e restauro e outras actividades como o desenho técnico e a fotografia, a investigação, a recuperação do património edificado, a valorização e a divulgação, seja através de encontros científicos, publicações, núcleos museológicos ou exposições temporárias e itinerantes, são actividades desenvolvidas e assumidas pela equipa do CAM desde o primeiro momento.

museologia local teria que passar pela polinuclearização, instalando em pontos-chave do casco antigo pequenos núcleos museológicos temáticos e, sempre que possível, no próprio local dos achados arqueológicos, que servissem de pólos de divulgação e dinamização.

3.2. Principais intervenientes: instituições, personalidades e comunidade local

(...) Na primavera de 1978, acompanhados pelo saudoso Serrão Martins, já na altura Presidente da Câmara de Mértola e nosso aluno de História, visitei pela primeira vez esta vila do Guadiana. O fascínio foi imediato. Como em nenhuma outra parte, era possível aliar uma investigação arqueológica inovadora sobre uma época praticamente desconhecida, com um projecto de intervenção política em que todos os habitantes eram também objecto de estilo e actores entusiastas. O António Borges Coelho foi conivente neste projecto. Tudo era possível nessa altura. Mesmo mudar o mundo”⁴¹.

O espírito inteligente, empreendedor e sonhador de Serrão Martins⁴² suscitou a curiosidade de Cláudio Torres⁴³ e Borges Coelho⁴⁴. São estes os principais

⁴¹ António Borges Coelho, *Historiador em discurso directo*, Mértola; excerto do texto de Cláudio Torres – A caminho do Sul, pg. 7.

⁴² Sobre Serrão Martins escreve João Paulo Velez, “ (...) ao longo dos quase oito anos do seu trabalho como presidente de uma câmara a que a democracia dera vida nova, o Serrão conquistara a confiança das suas gentes; ele assumira como seus os sofrimentos e aspirações da sua comunidade. (...) Sabia também lutar e concretizar o que décadas e décadas de imobilismo tinham deixado por fazer. Soube entusiasmar a população nessa participação colectiva virada para a construção de um futuro que tornasse menos árida a existência de cada um dos seus concidadãos” (...). Excerto do prefácio escrito por João Paulo Velez, no livro de Serrão Martins, *Textos*, 1985.

⁴³ Cláudio Torres nasceu em Tondela em 11 de Janeiro de 1939. Licenciou-se em História e Teoria da Arte na Universidade de Bucareste em 1973 e obteve a equivalência à Licenciatura em História, em Portugal, em 1976. Entre 1974 e 1986 foi docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e em 1978 fundou o Campo Arqueológico de Mértola. Em 2003 foi-lhe concedido o grau de Doutor “*Honoris Causa*”, pela Universidade de Évora. Para além de diversas publicações de sua autoria, tem participado com artigos, textos e capítulos em diversas publicações nacionais e estrangeiras sobre a

responsáveis pelo início da aventura que daria origem a um importante projecto de desenvolvimento local levado a cabo em Mértola, sempre tendo em conta a valorização patrimonial, o território envolvente e a sua população.

Na primavera de 1978, o arqueólogo Cláudio Torres e o historiador António Borges Coelho fazem a sua primeira visita a Mértola. Logo se apercebem, do seu potencial arquitectónico e arqueológico, da sua beleza envolvente e das suas potencialidades turísticas. Nesse mesmo dia, no Castelo e na Alcáçova, se fazem as primeiras recolhas de superfície que permitem perceber as potencialidades arqueológicas do local. A primeira intervenção arqueológica inicia-se no Verão desse mesmo ano com a ajuda de estudantes universitários e jovens voluntários de Mértola, entusiasmados com as novas perspectivas que a vinda destes “estranhos” traziam à sua adormecida Vila.

Posteriormente, todos os verões, Mértola era animada por grupos de jovens estudantes que vinham trabalhar nas “escavações” da Alcáçova, perfeitamente integrados entre a juventude local e alvo da simpatia dos restantes habitantes que os viam como uma lufada de ar fresco na sua terra. Rápido se percebeu que as potencialidades e importância do achado, tanto estruturas como objectos, era tal que a intervenção em Mértola não podia ser só sazonal, tinha que se delinear um Projecto a médio/longo prazo que contasse com uma equipa especializada a tempo inteiro.

temática do período islâmico, a arqueologia e o património cultural principalmente no que se relaciona com o desenvolvimento local.

⁴⁴ António Borges Coelho nasceu em Murça, em 1928. O seu percurso de vida é caracterizado por uma intensa actividade política e académica. É actualmente um reconhecido medievalista. Foi Professor Catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa, onde participou em numerosos júris de provas de mestrados, doutoramentos e de agregação e orientou inúmeras teses de mestrado e doutoramento. Autor de uma vasta e riquíssima bibliografia, participou em diversos congressos e reuniões científicas, em Portugal, Espanha e Brasil. Foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem de Santiago e recebeu o Prémio da Fundação Internacional Racionalista. Deu a sua Última Lição em 11 de Dezembro de 1999, mas continua a dedicar-se com entusiasmo à História.

Cláudio Torres instala-se em Mértola e forma uma equipa constituída por alunos ou ex-alunos de Lisboa e jovens de Mértola que iniciam uma actividade desconhecida que, para muitos, transformará a sua vida e constituirá o seu futuro pessoal e profissional. A equipa inclui arqueólogos, historiadores, desenhadores, técnicos de conservação e restauro e fotografia, uns inteiramente dedicados aos trabalhos inerentes à intervenção arqueológica enquanto que, outros se dedicam ao estudo da história local e ao desenvolvimento dos primeiros projectos de investigação.

A Autarquia desde o primeiro momento assumiu o papel de liderança neste projecto de desenvolvimento local sustentado. No entanto, foi também importantíssimo, nos primórdios como na actualidade, o papel de duas associações privadas de interesse público, a Associação de Defesa do Património e o Campo Arqueológico de Mértola. A primeira, criada em 1980, tinha como objectivos principais preservar, valorizar e divulgar o património cultural e natural de Mértola e incluía uma secção de arqueologia onde se integrava toda a actividade inerente à investigação arqueológica e histórica.

Em 1988, a secção de arqueologia autonomiza-se e é criado o CAM não existindo, como se poderia pensar à primeira vista, uma cisão entre as duas associações, existiu sim uma especialização natural: enquanto que a primeira se dedica a questões ambientais, sociais e de desenvolvimento local, a segunda dedica-se à investigação arqueológica e histórica e à preservação e divulgação do património cultural de Mértola onde se inclui o projecto de museologia.

A frase do jornalista António Carlos Silva espelha bem o projecto desencadeado por Cláudio Torres e a sua equipa e o seu impacto em Mértola: (...) *este arqueólogo leva a cabo no interior um projecto que, sem concessões de facilidade no campo científico (...), se distingue pelo seu compromisso social, contribuindo decisivamente para estancar a*

*desertificação de uma vila que num passado longínquo foi porta aberta para o mundo civilizado do Mediterrâneo” (...)*⁴⁵.

No âmbito deste projecto de preservação e valorização do património cultural de Mértola, para além da arqueologia, são realizados importantes trabalhos de recolha e levantamento do património em todo o Concelho, nomeadamente, ao nível da arquitectura tradicional, do património religioso, da etnografia, dos costumes e tradições e das actividades ligadas ao rio. O primeiro núcleo museológico - a Casa Romana - é inaugurado em 1988, seguindo-se depois um intenso labor museológico que culminou com a abertura em 2009 do Circuito de Visitas da Alcáçova, um dos últimos núcleos a integrar o Museu de Mértola.

Esta dinâmica museológica foi acompanhada de intensa actividade de investigação atestada pela quantidade e diversidade de bibliografia editada pelo CAM, em colaboração com a Autarquia e a ADPM: catálogos dos núcleos museológicos, de exposições temporárias e itinerantes, uma revista anual - Arqueologia Medieval - monografias, folhetos turísticos, teses de mestrado e doutoramento, uma linha comercial que inclui diversos produtos entre eles, colecções de postais temáticas sobre o património de Mértola e o acervo do Museu. De referir também a importância da criação, em 1995, do Parque Natural do Vale do Guadiana (PNVG), mecanismo imprescindível na preservação da natureza e na manutenção da relação comunidade/paisagem/território.

Na actualidade, as instituições referidas continuam a contribuir para o desenvolvimento de Mértola através da execução de importantes actividades relacionadas com as suas áreas de acção específicas, que incluem novos projectos, novas linhas de actuação adequadas à sociedade actual e, obviamente, novas dificuldades e novos desafios.

⁴⁵ Diário de Notícias (16 de Dezembro 1993), *Basílica Paleocristã de Mértola - Final feliz para um século de esquecimento*, por António Carlos Silva.

3.3. O Museu de Mértola

Não existe um documento fundador⁴⁶ nem uma data em que seja claramente expressa a ideia de constituir o museu municipal. No entanto, já em 1939, após uma visita a Mértola, Abel Viana refere numa edição do Diário do Alentejo “o projecto de se criar, em breve, na vetusta vila de Mértola, um museu histórico-arqueológico⁴⁷”.

3.3.1. Antecedentes

As primeiras acções na área da museologia foram iniciadas em Outubro de 1978, com a intenção, não expressa formalmente, de criar o museu municipal. A primeira ideia era a de recolher e depositar na Torre de Menagem do Castelo todos os materiais arqueológicos, arquitectónicos, objectos de arte popular e etnográficos recolhidos no território mas também resultantes do contacto com a população da vila e povoações do Concelho, no sentido destas doarem ao futuro museu moedas, capitéis e outros objectos que detinham em seu poder. Numa segunda fase, o depósito dos materiais recolhidos passou para o edifício semiarruinado da Igreja da Misericórdia, um edifício do séc. XVIII cuja função religiosa tinha sido abandonada.

Desde logo foi defendida a ideia de um museu polinucleado, com núcleos localizados na Vila, principalmente no Centro Histórico⁴⁸ e, também em povoações limítrofes. A primeira colecção a ser formada foi a de Arte Sacra⁴⁹, com um espólio

⁴⁶ Podemos considerar como documento fundador a criação na orgânica da CMM do Sector de Museus e a definição das suas atribuições, conforme regulamento da Estrutura Orgânica da CMM, publicado no Diário da República, II Série, n.º 126, de 31 de Maio de 2000.

⁴⁷ “ (...) Pretende-se, agora, levar a efeito uma meritória empresa que há muito andava, ainda que debilmente, no desejo dos habitantes de Mértola – a criação do Museu Myrtilense” in, Arquivo de Beja – Abel Viana – Antologia de Textos de Arqueologia, 2007, pg. 365 e 368.

⁴⁸ Livro n.º 35 – Acta n.º 4/80 – Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho de Mértola de 25 de Fevereiro de 1980 (fl. 42v): “ (...) celebrada a escritura de doação de um prédio urbano em Mértola (...) destinada a uma secção do museu concelhio”.

⁴⁹ Livro n.º 35 – acta n.º 7/80 – Acta da reunião ordinária da Câmara Municipal do concelho de Mértola de 19 de Março de 1980 (fl. 64v e 65): “ (...) Pelo Snr. Presidente foi dito que sendo amanhã, 20 de Março, a inauguração do Museu Concelhio de Arte Sacra (...)”.

de peças litúrgicas e de imaginária, cujo trabalho de inventariação e de selecção foi iniciado em 1979, com a colaboração do Pároco da Freguesia, e que seriam posteriormente instalados na Igreja da Misericórdia, onde viria também a funcionar a oficina de restauro destes materiais.

No início dos anos 90, a Autarquia adquire⁵⁰ uma antiga forja com o objectivo de a musealizar⁵¹. Paralelamente procede-se a um importante trabalho de recolha, não só de objectos como de registos orais em todo o Concelho, que incluiu a inventariação de objectos e documentos na Mina de S. Domingos, com o objectivo de futuramente aí instalar também um núcleo museológico.

O trabalho desenvolvido⁵², entre 1978 e 1982, teve como resultado a primeira exposição⁵³ realizada na Igreja da Misericórdia que integrava, provisoriamente, materiais cerâmicos, metálicos e de osso trabalhado de época islâmica, um conjunto de peças de arte sacra e uma oficina de ourivesaria. A segunda exposição organizada pelo CAM e pela Autarquia foi "*Mértola almoravide et almohade*" integrada no IV

⁵⁰ A forja era pertença do Senhor António de Brito Colaço, conhecido ferreiro mas também amante das "velharias" que recolhia e depositava na sua forja.

⁵¹ Livro n.º 35 - Acta da Reunião Ordinária da Câmara Municipal de Mértola de 11 de Novembro de 1980 (fl. 8v e 9): (...) "*arrendamento de uma casa para museu (...) celebração com António de Brito Colaço, cativando a sua antiga oficina de ferreiro, sita na Rua Elias Garcia, em Mértola, para uso como secção do futuro museu*".

⁵² As escavações da alcáçova do castelo em 1978, a acção de formação em técnicas de limpeza e restauro de metais, em 1980; a acção de formação em restauro de madeira e terracota policroma, em 1981 e 1982; a inventariação e recolha das peças de arte sacra e alfaias religiosas em risco de degradação nas igrejas paroquiais, capelas e ermidas do concelho, em 1981 e a acção de formação em técnicas de recuperação de metais, em 1982.

⁵³ Inaugurada em 3 de Outubro de 1982 e com o objectivo de encerrar em 25 do mesmo mês, esta exposição excedeu o tempo previsto inicialmente e manteve-se patente ao público até 1991, tendo recebido mais de 10.000 visitantes. Com a divulgação que obteve junto da comunicação social chegou a ser considerada como o núcleo sede do Museu Municipal.

Congresso de Cerâmica Medieval do Mediterrâneo Ocidental, realizado em Lisboa, em Novembro de 1987⁵⁴.

Importante foi também a Exposição Itinerante *Mantas Tradicionais do Baixo Alentejo*, que teve como objectivo divulgar este produto e as técnicas tradicionais de trabalho da lã, e que teve a sua primeira apresentação na Associação de Defesa do Património de Beja, em Fevereiro de 1987⁵⁵. Na sua origem está a edição da publicação "*Mantas Tradicionais do Baixo Alentejo*" da responsabilidade de Ângela Luzia, Isabel Magalhães e Cláudio Torres, tendo todo o processo culminado com a constituição da Escola-Oficina de Tecelagem, que abriu um espaço de exposição em 1986, e se formalizou como Cooperativa em finais de 1987.

Em simultâneo com a organização de exposições foram criadas outras estruturas de apoio ao futuro Museu de Mértola, tais como gabinetes de investigação para os colaboradores do CAM e gabinetes de conservação e restauro de cerâmica, metais e madeira policroma, de fotografia, de desenho e de osteologia, em funcionamento desde 1981⁵⁶.

Por outro lado, tendo em conta a urgência da CMM em dispor do edifício dos Paços do Concelho, que no início dos anos 80 tinha sofrido um incêndio, para a

⁵⁴ Posteriormente esta exposição viajaria para Marrocos onde esteve patente de 22 de Fevereiro a 7 de Março de 1988, na *Galerie Des Oudaya* em Rabat, com a colaboração da Embaixada de Portugal em Marrocos e com o apoio do *Ministère des Affaires Culturelles du Maroc*.

⁵⁵ Esta exposição teve uma itinerância não só no país como no estrangeiro (Porto, Reguengos de Monsaraz, Silves, Beja, Évora, Rabat (Marrocos), Mértola, Beja, Tondela, Lisboa, Vila do Conde, Alcoutim, Motril (Espanha), Llangholem (País de Gales), Haia (Holanda), Santarém, Londres (Grã-Bretanha) e Bruxelas (Bélgica), entre 1987 e 1992.

⁵⁶ Estes gabinetes foram apetrechados com equipamentos adequados em 1988/89, após a provação de diversos projectos de investigação pela JNICT. O apoio financeiro da JNICT, num total de 27.000 contos, permitiu, além do apetrechamento dos laboratórios que dariam continuidade aos projectos de investigação desenvolvidos pelo CAM, a compra de uma viatura e o início da estruturação dos núcleos museológicos. De salientar que foram os primeiros subsídios concedidos ao CAM por uma entidade estatal, porque até 1987 o único apoio financeiro e logístico era da CMM.

instalação dos seus serviços, levou a que a implantação e organização do núcleo museológico Casa Romana fosse prioritária⁵⁷, concentrando todos os esforços e atenções até à sua inauguração no dia 24 de Junho de 1988⁵⁸.

3.3.2. Os núcleos museológicos do Museu de Mértola

O acervo do Museu é constituído, na sua maioria por materiais arqueológicos recolhidos de intervenções realizadas no Concelho, especialmente na Vila de Mértola. Estas intervenções têm origem em escavações em área, a longo prazo, como as realizadas no castelo, na sua encosta e na alcáçova e, nos últimos anos, em regime de acompanhamento de obras, particulares e públicas, realizadas no Centro Histórico e no arrabalde, directamente relacionadas com o crescimento urbanístico e a criação de novas infra-estruturas.

A principal vocação do museu é estudar, documentar, conservar e divulgar as colecções que detém, bem como apoiar e colaborar na salvaguarda, estudo e divulgação do património cultural do Concelho de Mértola⁵⁹. Os objectivos⁶⁰ expressos no Regulamento Interno vão de encontro ao cumprimento das principais funções específicas de uma unidade museológica consciente da sua importância para o território envolvente e sua comunidade.

O Museu conta neste momento com dez núcleos museológicos disseminados pelo Centro Histórico da Vila, arrabalde e Mina de S. Domingos, que albergam colecções temáticas e, sempre que possível, instaladas em locais onde se mantêm os

⁵⁷ Livro n.º 40 - Acta n.º 23/85 - Acta da reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho de Mértola, realizada em 2 de Outubro de 1985 (fl. 172 v.): "Foi presente uma carta do Director do Campo Arqueológico de Mértola, solicitando o apoio da Câmara, com a concessão de um subsídio de 290 mil escudos, a fim de se concretizar a instalação de um núcleo museográfico romano nas caves do edifício da Câmara Municipal".

⁵⁸ Este evento contou com a presença de inúmeros especialistas, entre eles o Professor Doutor Jorge Alarcão, que proferiu a palestra inaugural sobre a romanização no sul do país.

⁵⁹ Regulamento Interno do Museu de Mértola.

⁶⁰ Ver Objectivos do Museu de Mértola em anexo (pg. 140-151).

testemunhos arqueológicos (exemplo da Casa Romana, Basílica Paleocristã, Ermida e Necrópole de S. Sebastião e Alcáçova do Castelo), ou em edifícios emblemáticos do casco antigo recuperados para albergar colecções museológicas como é o caso dos núcleos do Castelo, sito na Torre de Menagem, de Arte Sacra, instalado na Igreja da Misericórdia, a musealização de uma antiga forja de ferreiro, da Tecelagem actualmente instalado num armazém de características tradicionais, o núcleo de Arte islâmica, instalado num edifício do séc. XVIII, antigo celeiro da Casa de Bragança e a Casa do Mineiro, situada na Mina de S. Domingos, onde se procedeu à musealização de uma pequena habitação utilizada pelos mineiros e suas famílias.

No acervo, para além dos materiais arqueológicos, estão também integrados objectos recolhidos em todo o Concelho através de levantamento patrimonial exaustivo e recolha de objectos em avançado estado de degradação e em perigo de perda (é o caso da colecção de imaginária e alfaias litúrgicas) e, colecções adquiridas pela Autarquia (caso do material etnográfico da Forja do Ferreiro). Existem ainda outras situações específicas como é o caso de objectos integrados na colecção por doação de particulares e por cedência de outros museus como é o caso do Museu Nacional de Arqueologia⁶¹.

Em termos cronológicos o acervo abarca vários períodos da história que vão desde o séc. I até ao séc. XX e é composto por materiais tão diversos como o mármore, a cerâmica, os metais e as ligas metálicas, o vidro e o osso trabalhado e, por tipologias que vão desde os elementos arquitectónicos até aos objectos de adorno e do quotidiano nas suas mais diversas formas e tipos. Conjuntamente com esta diversidade de materiais e tipologias coexistem estruturas imóveis que fazem deste núcleos museológicos museus de sítio onde se preservaram estruturas arqueológicas *in situ* e se musealizaram os achados procedentes desse local ou de outros locais da mesma cronologia.

⁶¹ Estes objectos são oriundos do Concelho de Mértola tendo sido, no século XIX, recolhidos e integrados no acervo deste Museu Nacional.

No início da década de 80 o edifício dos Paços do Concelho foi quase totalmente destruído por um incêndio. Durante as obras de reconstrução⁶² foram postas a descoberto estruturas de uma casa do período romano, o que levou à introdução de alterações ao projecto inicial e à musealização das ruínas. A Casa Romana⁶³, situada na cave do edifício dos Paços do Concelho, exhibe as estruturas da antiga casa conservadas *in situ* e uma colecção de materiais arquitectónicos, epigrafia funerária, cerâmica e metais datados entre os sécs. I e IV d.C.

Em 1990 foi aberto ao público o núcleo museológico da Torre de Menagem⁶⁴ com o objectivo de preservar e valorizar uma colecção de material arquitectónico datada entre os sécs. VI e X d.C. Neste momento, após obras de valorização realizadas pelo IGESPAR em colaboração com a Autarquia e o CAM, este monumento nacional dispõe de três salas de exposição: uma no topo da Torre de Menagem, a sala de armas da Torre onde se encontra exposta a colecção lapidar e uma sala sobre a entrada do castelo, cuja obra não foi ainda concluída. De referir que este núcleo museológico constitui o principal ponto de referência do Museu já que se situa no monumento mais visitado do circuito patrimonial de Mértola.

Em 1993 foi inaugurada a Basílica Paleocristã que corresponde a um projecto museológico que contemplou um edifício construído de raiz⁶⁵ e que mantém *in situ* estruturas de uma basílica utilizada como espaço funerário entre os sécs. V e VIII d. C. Para além das estruturas da antiga basílica encontra-se exposta uma das mais importantes colecções de epigrafia funerária deste período e alguns artefactos cerâmicos e metálicos exumados das sepulturas escavadas.

⁶² O Projecto Arquitectónico de recuperação do edifício dos Paços do Concelho é do Arquitecto Fernando Varanda, sendo o Projecto específico do núcleo museológico Casa Romana da responsabilidade do Arquitecto Carlos Marques.

⁶³ Primeiro núcleo museológico do Museu de Mértola, inaugurado em 1988.

⁶⁴ Inicialmente designado núcleo Visigótico.

⁶⁵ Projecto arquitectónico do Arquitecto Luís Bruno Soares.

A criação do núcleo museológico da Ermida e Necrópole de S. Sebastião⁶⁶ nasceu da necessidade de preservar e valorizar as ruínas de uma antiga ermida do séc. XVI votada a S. Sebastião, totalmente reconstruída, e de parte da área de uma necrópole romana (sécs. I/VIII d.C.), integradas no recinto da Escola EB 2,3 ES de Mértola.

A Oficina de Tecelagem, em laboração desde 1986, mas cujo núcleo museológico foi formalmente inaugurado em 2000, constitui uma das mais importantes secções deste circuito não só pela colecção de artefactos (sécs. XIX e XX) relacionados com esta actividade artesanal mas também porque alberga a Cooperativa de Tecelagem onde duas tecedeiras mantêm viva esta actividade milenar.

O núcleo de Arte Sacra/Porta da Ribeira⁶⁷, inaugurado em Abril de 2001, encontra-se instalado na antiga Igreja da Misericórdia, e apresenta uma importante colecção de imaginária e um conjunto de alfaias litúrgicas procedente das Igrejas do Concelho de Mértola, com peças datadas entre os sécs. XV e XVIII. Apesar de já não estar votada ao culto, a Igreja da Misericórdia vê o seu espaço inundado por fiéis que acompanham a Procissão do Senhor dos Passos por altura da Páscoa. Nos últimos tempos tem sido palco de interessantes manifestações artísticas, principalmente concertos de música clássica, que contribuem para uma maior aproximação do museu à população.

Também em 2001 foi aberta ao público a Forja do Ferreiro⁶⁸, que corresponde à musealização da antiga Forja do “Ti Brito”, seu antigo proprietário, onde é possível observar uma pequena parte do espólio representante da actividade deste ferreiro

⁶⁶ Inaugurado em 1999. O núcleo é formado pela Ermida reconstruída onde se encontra uma imagem de S. Sebastião, uma pia baptismal encontrada *in situ* e alguns objectos cerâmicos e metálicos também exumadas da área intervencionada.

⁶⁷ O projecto museográfico deste núcleo foi executado por Joaquim Boiça e Rui Mateus.

⁶⁸ Situada na antiga Rua da Afreita, actual Rua António José de Almeida, artéria que no passado se encontrava repleta de pequenas oficinas relacionadas com diversas actividades artesanais.

mas também perceber a importância deste ofício e deste artesão no contexto social de finais do séc. XIX-1ª metade do séc. XX e, o núcleo de Arte Islâmica que se localiza num edifício do séc. XVIII remodelado para o efeito⁶⁹. Este último corresponde ao culminar do trabalho realizado durante anos não só ao nível das intervenções arqueológicas como também de tratamento e estudo dos materiais do período islâmico, sendo a colecção representativa dos sécs. IX a XIII e composta por elementos arquitectónicos, epigrafia funerária, cerâmica, metais, osso trabalhado e vidro, de diversas tipologias formais e funcionais.

Em Março de 2009⁷⁰, foi inaugurada a “jóia da coroa” do circuito patrimonial de Mértola - o Circuito de Visitas da Alcáçova, que corresponde ao culminar de 30 anos de intervenções arqueológicas e de investigação. A Alcáçova situa-se numa plataforma artificial levantada a partir do *criptopórtico* (séc. IV d.C.), galeria subterrânea que serve ao mesmo tempo de Muralha exterior da Vila. Sobre esta assentam vários restos de edifícios públicos romanos integrantes do antigo *forum*, uma basílica paleocristã com baptistério e um pórtico com pavimento de mosaico com motivos orientalizantes (sécs. V/VI). Sobre este nível foi escavado, parcialmente, um bairro islâmico (sécs. XII/1ª metade do XIII) com cerca de trinta moradias. Após a Reconquista este bairro é abandonado e o local foi transformado em cemitério cristão com ocupação nos sécs. XIV, XV e XVI). Actualmente, sobre um passadiço metálico acoplado à muralha, o visitante pode circular por cima de todas as tipologias de estruturas sem interferir com a sua preservação ou segurança e desfrutar de um cenário de extraordinária riqueza histórico/arqueológica e estética.

Já no final do ano de 2009, foi integrado no Museu de Mértola, a Casa do Mineiro, tutelada pela Fundação Serrão Martins, localizada na Mina de S. Domingos, e que corresponde à musealização de uma antiga habitação de um

⁶⁹ Projecto arquitectónico do Arquitecto José Alegria.

⁷⁰ Foi inaugurada em 25 de Março, inserida nas comemorações do aniversário do nascimento de Serrão Martins.

mineiro e da sua família onde se encontram expostos objectos do quotidiano e onde se conserva também um centro de documentação com um importante fundo de documentos relacionados com a actividade mineira desta localidade.

Aliados à já complexa tarefa que implica a gestão de dez núcleos museológicos, subsistem ainda nos “bastidores” alguns problemas que merecem um olhar atento por parte das instituições envolvidas, como é o caso das condições inadequadas das reservas, a inexistência de inventário sistemático e informatizado da colecção e de serviços educativos estruturados, bem como, as dificuldades logísticas e de funcionamento dos laboratórios de conservação⁷¹ e as sempre problemáticas carências de pessoal nas mais diversas áreas.

Relativamente à investigação, o Museu, também através do CAM, dispõe de uma grande quantidade e diversidade de publicações de grande qualidade científica que atestam a capacidade dos investigadores desta instituição. Este trabalho de divulgação é também visível através da realização de exposições temporárias e itinerantes, e da cedência de objectos para integrarem exposições noutras instituições museológicas nacionais e estrangeiras. De referir também a participação em grande projectos internacionais como *Discover islamic Art*, onde o Museu de Mértola é o representante nacional.

Nos últimos anos a Autarquia e o CAM têm vindo a desenvolver esforços para que a gestão do Museu seja melhorada no sentido da definição de competências e responsabilidades relativas a cada uma das instituições, que permitam uma melhor articulação e desenvolvimento das funções museológicas, o cumprimento dos seus objectivos e o desenvolvimento de novos projectos e acções. A primeira tentativa, ainda em vigor, correspondeu à assinatura, em Junho de 2004, de um Protocolo de

⁷¹ De ressaltar que, apesar das dificuldades, em termos dos laboratórios de conservação e restauro, desde o início da intervenção em Mértola se entendeu que este trabalho era essencial para a preservação, estudo, valorização e divulgação da colecção. Assim, através do CAM o trabalho de conservação e restauro realiza-se em Mértola há trinta anos e conta com uma equipa de técnicos especializados, na sua maioria naturais do Concelho, que aqui fizeram a sua formação e apostaram na continuidade deste projecto.

Colaboração entre as duas instituições para a gestão do Museu de Mértola. Após cinco anos é perfeitamente claro que este protocolo não serve ainda os interesses do Museu⁷² e não facilita o diálogo e articulação entre as instituições envolvidas pelo que, é urgente a reformulação deste documento, que deve corresponder a um trabalho de equipa e a uma reunião de consensos sobre a melhor forma de gerir o museu, tornando-o atractivo, inovador e verdadeiro motor de desenvolvimento de Mértola em termos turísticos.

O Museu é tutela da Câmara Municipal⁷³ sendo a sua gestão efectuada através de protocolo em que se especifica que a gestão administrativa e financeira é da responsabilidade da autarquia e a gestão científica é da responsabilidade do CAM, sob direcção do Doutor Cláudio Torres. A celebração deste Protocolo vem no seguimento do financiamento do IPPAR, em 2000, que atribuiu ao CAM um subsídio para a implementação do circuito patrimonial de Mértola que incluía a abertura permanente ao público de todos os núcleos museológicos e o lançamento de uma linha comercial que permitisse a sua sustentabilidade. Podemos concluir que, o fim do financiamento do IPPAR e a mudança política ocorrida na Câmara Municipal em 2001, fez com que a definição dos meios de gestão do Museu fossem clarificados e claramente assumidos pela Autarquia. Esta assumpção pela tutela de maiores responsabilidades para com a gestão está também relacionada com a adesão, em 2002, à Rede Portuguesa de Museus.

⁷² Nomeadamente no que diz respeito às questões logísticas e de recursos humanos: o Museu conta neste momento com um técnico superior (coordenador), um técnico profissional de museografia, um auxiliar e cinco vigilantes-recepcionistas que são funcionários da Autarquia sendo, a maior parte das actividades científicas, de conservação e restauro e de divulgação realizada pela equipa do Campo Arqueológico de Mértola.

⁷³ Segundo o esclarecimento dado pelo Dr. Jorge Pulido Valente, à data Presidente da Câmara Municipal, *“Este protocolo vem clarificar a situação do Museu de Mértola e definir a sua tutela, nomeadamente a responsabilidade de traçar estratégias, planos de actividades, entre muitas outras competências dos museus municipais (...)”*, in, Diário do Alentejo (11 de Junho 2004), *Mértola – Museu de Mértola integra oito núcleos museológicos existentes*.

O relatório da Rede Portuguesa de Museus realizado em 2005, em que se faz o ponto de situação do Museu de Mértola no âmbito da transição para o novo enquadramento legal, identifica alguns problemas do Museu que continuam sem resolução embora existam intenções e se tenha dado início a projectos que visam colmatar as principais lacunas detectadas⁷⁴.

3.4. O património, o território e o desenvolvimento local

O Projecto Cultural de Mértola, originalmente não foi pensado como um projecto de desenvolvimento local, *“pelo menos não como um cenário completamente estruturado”*⁷⁵. A necessidade e o desejo de promover o património local deram lugar a um processo de apresentação dos novos achados da mesma forma que se trabalhava a reconstrução e valorização de edifícios antigos; deste conceito saiu o enquadramento *“Vila Museu”*, que transformou Mértola numa localidade prestigiada a nível nacional e internacional.

De ressaltar que as acções levadas a cabo no âmbito destes projectos de valorização patrimonial por, na maioria das vezes, terem em mente a quantidade e não a qualidade, são aniquiladoras de uma investigação séria já que se limitam a festivais, feiras, projectos de renovação de fachadas de edifícios e redescobertas de

⁷⁴ Ofício enviado em Janeiro de 2006, pela Rede Portuguesa de Museus, onde se refere que *“ (...) em primeiro lugar, destacamos a grave situação das reservas, a precariedade das suas instalações e das condições para realizar o trabalho de conservação e restauro dos materiais que integram as colecções do museu. (...); é da maior importância a aquisição de um programa de inventário informatizado tendo em conta a especificidade das colecções do museu e a articulação com outros museus vocacionados para temáticas afins; (...) constatámos que o museu ainda não dispõe de um serviço educativo estruturado e regular com espaço próprio, embora estejam a ser implementadas algumas acções (...)”*.

⁷⁵ Ainda segundo Rui Mateus, *“conhecimento científico, investigação arqueológica, foi a motivação inicial, uma vez que a localidade possuía zonas intactas e preservadas que guardavam testemunhos das ocupações romana e islâmica. A aparente excelente oportunidade veio a ter impactos muito positivos no decurso da implantação de uma estratégia de desenvolvimento local”*; in *“Trazer o passado para o presente e planear o futuro”* in, *Encontros do património de Vila do Conde*, 2003, pg. 174.

“velhas tradições”, que não têm na sua génese a investigação e a seriedade que projectos como o de Mértola habituaram o seu público⁷⁶.

O desenvolvimento local baseado na valorização patrimonial deve ter sempre subjacente dois objectivos principais: em primeiro lugar, promover acções que sensibilizem e consciencializem a população para o “valor” do seu património de forma a torná-los conhecedores e orgulhosos do seu passado e dos seus testemunhos materiais e imateriais e, por outro lado, incentivá-los a utilizar esta herança como forma de sobrevivência e criação de riqueza; em segundo lugar, para o exterior, ou seja, para os visitantes, deve conseguir transmitir-se a grande riqueza patrimonial e história local, mas também tornar perceptível que este é um projecto vivo de uma comunidade e que daqui o visitante leva um pouco da sua experiência de vida e memórias.

As bases do projecto Mértola Vila Museu foram sempre centradas numa ideia de desenvolvimento local sendo este entendido como um processo de melhoria das condições de vida da comunidade em termos sociais, económicos e culturais. É privilegiado um modelo de desenvolvimento sustentado na preservação, dinamização e valorização dos recursos locais sempre em concordância com a comunidade, já que o objectivo maior é a melhoria das condições e qualidade de vida da população local.

Os projectos desenvolvidos dentro desta filosofia, e pelas diversas instituições envolvidas neste projecto, têm tido como principais elementos agregadores os seguintes:

- Privilegiar os sentimentos de pertença e de identidade local e comunitária;

⁷⁶ *“Investigadores e agentes de desenvolvimento local têm um papel efectivamente sério a cumprir, já e no futuro, contribuindo com o seu discernimento, preparação técnica e esforço para evitar tais tentações por parte das comunidades locais e dos seu representantes. (...) Toda a tentação de construir “terras de fantasia” deve ser evitada. Os visitantes devem sentir que são privilegiados em participar num projecto cultural que existe, que é concreto e está vivo, e ajudando com a sua presença, com a sua apreciação, a salientar a riqueza cultural de qualquer localidade ou território” (Rui Mateus, “Trazer o passado para o presente e planear o futuro” in, *Encontros do património de Vila do Conde*, 2003,pg. 181).*

- Valorizar a participação dos indivíduos e das comunidades nos projectos de desenvolvimento;
- Privilegiar a ideia de desenvolvimento integrado que abarque várias áreas de intervenção, distintos grupos e sectores, de forma multi e interdisciplinar.
- Valorizar as actividades artesanais e as características locais mas procurar também apresentar soluções inovadoras.
- Preservar, requalificar, valorizar e divulgar o património, em todas as suas vertentes, sendo este entendido como elemento identitário da população.
- Promover o turismo cultural baseado nos elementos acima identificados mas permitindo também a iniciativa dos privados e uma maior qualificação dos produtos e serviços oferecidos.

Desde o começo informal deste projecto que os seus dinamizadores perceberam que o desenvolvimento deste concelho teria que passar pelo desenvolvimento do turismo aliado a uma forte componente de preservação e valorização patrimonial ao mesmo tempo que se promoviam as actividades artesanais e os produtos locais o que, sem dúvida, implicava um grande envolvimento com a população. Este envolvimento teria que passar também por um importante trabalho de consciencialização e sensibilização dos indivíduos enquanto intervenientes privilegiados deste processo de desenvolvimento.

Esta ideia encontra-se bem sistematizada por Cláudio Torres que a explicita da seguinte forma: *“Para a comunidade, os seus benefícios têm vindo a tornar-se evidentes; os turistas que em número crescente nos visitam têm a agradável surpresa de encontrar múltiplos locais de interesse espalhados pelo interior do povoado e por circuitos culturais nas imediações. A nossa intervenção em Mértola começou com a arqueologia que, (...), muito cedo foi desviada por uma metodologia inovadora. Porque o local de estudo coincidia com a povoação, a equipa de arqueólogos não podia deixar de ser envolvida pelos problemas sociais dos seus habitantes (...)*⁷⁷”.

⁷⁷ Cláudio Torres, “A arqueologia, o território e o desenvolvimento local” in, *Seminário Efeitos sociais à escala local*, pg. 21.

O projecto de Mértola iniciou-se com uma forte componente arqueológica⁷⁸, ligada ao meio universitário mas, desde o início, que os seus principais dinamizadores perceberam que teriam que se adaptar aos costumes e forma de vida dos mertolenses e estabelecer uma relação baseada na percepção, conhecimento e respeito pelo seu modo de vida, tradições e costumes. Esta relação foi facilitada pelo apoio incondicional da Câmara Municipal, na figura do seu então Presidente, pelas afinidades políticas existentes entre os intervenientes, e pela grande adesão dos jovens que, atraídos pela novidade, curiosidade e necessidade de novas experiências, se envolveram nas primeiras escavações numa atitude de disponibilidade e voluntarismo até aqui desconhecidos.

Por outro lado, o facto da intervenção arqueológica se ter iniciado no Castelo, local emblemático de uma forte identidade colectiva, favoreceu a relação património/comunidade local. Desde há várias gerações que os jovens de Mértola utilizam o Castelo e a sua envolvente como espaço de lazer e convívio, de brincadeira e de descoberta, tendo em conta algumas tentativas de perceber o que seria o “buraco” que lá existia e que mais tarde seria revelado como uma importante edificação do período romano – o criptopórtico.

O património, a sua valorização e divulgação tornou-se objectivo de uma geração de jovens que participaram nas primeiras escavações e posteriormente enveredaram profissionalmente por áreas tão diversas como o turismo, a arqueologia, a história, a museologia, a gestão cultural e tantas outras actividades relacionadas com a ideia de tornar Mértola um ponto de referência nacional em termos da preservação, valorização e divulgação patrimonial.

⁷⁸ Esta ideia é claramente defendida por António Nabais que refere que “o objecto arqueológico constitui um valioso instrumento cultural para a organização de museus regionais ou locais que sejam a síntese das memórias colectivas e particulares das diferentes regiões do país, porque um dos resultados da descentralização do património arqueológico será, sem dúvida, exprimir com maior intensidade a diversidade e originalidade das culturas que definem a identidade de cada região ou micro-região (in, *O Arqueólogo Português*, 1999, pg 73).

Este espírito de aventura inicial teve continuidade na evolução da organização das campanhas arqueológicas, inicialmente campanhas de verão realizadas nas férias e fins-de-semana dos alunos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que cedo se percebeu ser insuficiente para o projecto que se pretendia delinear para Mértola. Estas campanhas sazonais cedo passaram a permanentes com a radicação em Mértola de jovens investigadores e com a formação da juventude local nas áreas específicas da história e da arqueologia. Por outro lado, o incentivo da Autarquia, não só como investidor mas como interveniente activo, foi aspecto imprescindível para que Mértola se constituísse como um local pioneiro no desenvolvimento local baseado no património cultural e no envolvimento comunitário.

O trabalho desenvolvido em Mértola tinha que ser de alta qualidade. Assim, a rigorosa investigação científica e a necessidade de transmitir os resultados à comunidade deram origem à realização de exposições temporárias onde os materiais exumados eram expostos e à edição de publicações, tanto de carácter informativo como de carácter científico. Relacionada com esta evolução do projecto está também a criação de instituições associativas relacionadas com a preservação do património, cultural e natural, como a ADPM, em 1980, que incluía também a arqueologia, secção que se autonomizaria em 1986, com a constituição do CAM. Apesar da separação institucional continuou a existir uma forte relação e cumplicidade entre as três principais instituições intervenientes: a Autarquia, a ADPM e o CAM.

A credibilidade científica e o reconhecimento nacional e internacional levaram a que as duas associações se autonomizassem também em termos financeiros devido ao apoio que conseguiam através de diversos projectos com financiamentos das instituições nacionais e da Comunidade Europeia. Esta autonomia financeira permitiu a constituição de equipas de trabalho altamente especializadas que integram investigadores e técnicos vindos de outras paragens mas também muitos jovens de Mértola que fizeram deste o seu projecto de vida.

Um outro ponto de honra deste projecto foi a componente formativa, inicialmente direccionada para a equipa que se começava a constituir e, mais tarde, alargada para fora dos limites do Concelho. A disponibilização de cursos nas áreas da arqueologia, museografia, recuperação do património e turismo ambiental e rural foram as primeiras apostas da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça⁷⁹, que começou a sua actividade principalmente com alunos de Mértola e dos concelhos vizinhos. Sempre aliando a teoria à prática⁸⁰, cedo esta escola se tornou uma referência na formação profissional de técnicos especializados e começou a receber alunos de todo o país e, mas recentemente, dos PALOP.

Ainda na área formativa, no início da década de 90 do séc. XX, foi organizado um curso de Pós-graduação em Turismo Cultural que preparou uma dezena de técnicos especializados, alguns dos quais se encontram a trabalhar no Distrito de Beja. Actualmente o CAM, em colaboração com diversas universidades portuguesas e estrangeiras, tem a decorrer no Centro de Estudos Islâmicos e do Mediterrâneo, um Curso de Mestrado direccionado para a temática do período islâmico e o Mediterrâneo. É necessário conhecer melhor o território, as suas raízes históricas e culturais, de forma a melhor perceber a sociedade actual e as suas características específicas que a relacionam de forma inequívoca com o território e a tornam única⁸¹. Também a ADPM desenvolveu, em articulação com a Universidade

⁷⁹ Na Delegação de Mértola desta escola profissional, nos primeiros anos, o seu corpo docente era maioritariamente constituído por técnicos da ADPM, do CAM e da Autarquia.

⁸⁰ Tal como refere Cláudio Torres no artigo *A Arqueologia, o território e o desenvolvimento local*, “a formação teórica destes jovens é obrigatoriamente associada a uma intervenção prática no terreno – esse sim, o elemento pedagógico definidor que torna a nossa escola diferente. Foram já os alunos da Escola Bento de Jesus Caraça que, devidamente acompanhados pelos seus professores, participaram activamente em inúmeras campanhas arqueológicas das épocas romana e medieval, que recuperaram os pavimentos das vias romanas e que reconstruíram inteiramente uma capela quinhentista, utilizando técnicas tradicionais de alvenaria, de taipa e de abobadagem” O artigo corresponde à comunicação proferida no Seminário efeitos Locais do Património à Escala Local realizada pelo CAM em Abril de 2001, pg. 24.

⁸¹ Esta ideia é também defendida por Cláudio Torres no Seminário efeitos Locais do Património à Escala Local (pg. 25): “É hoje possível, não só começar a abordar com alguma

do Algarve, um Curso de Mestrado em Desenvolvimento Local, que teve toda a sua componente lectiva leccionada em Mértola e aqui atraiu cerca de 20 de alunos de diversos pontos do país.

Ao longo de todo o processo evolutivo deste projecto percebeu-se que outra forma importante de comunicação e divulgação dos resultados de anos de investigação era a criação de núcleos museológicos onde os objectos e estruturas recuperadas nas diversas intervenções museológicas dialogassem com o público e dessem a conhecer aos mertolenses e àqueles que visitam Mértola uma realidade distante mas, ao mesmo tempo, próxima e que ainda hoje tem semelhanças em formas, actividades, tradições e costumes. Foi ponto assente que não se pretendia o clássico museu que encerra num só edifício uma diversidade de objectos que em nada se relacionam com a sua envolvente. Era essencial que em Mértola a abordagem fosse diferente. Esta diferença advém do facto do Museu de Mértola ser um museu polinucleado constituído com base numa filosofia de revitalização e valorização patrimonial alargada ao território.

Inequivocamente este Projecto está directamente relacionado com o turismo. Mas que turismo para Mértola? Uma afluência massiva? Um público de elite cultural e intelectual? Um turismo cultural e ambiental? A questão do turismo de massas deverá ser completamente posta de parte, não só pelas desvantagens em termos de conservação, segurança e saturação das infra-estruturas de apoio mas, também, porque se pretende para Mértola um turismo de qualidade. Esta qualidade deve reflectir-se na excelência dos projectos e do serviço prestado e na satisfação do visitante.

Por outro lado, a actividade turística deve ser acompanhada de uma correcta e cuidada divulgação, por um atendimento e recepção de alta qualidade e pela criação de percursos alternativos que permitam ao visitante fazer a sua escolha e desfrutar, se possível mais que uma vez, do que Mértola tem para oferecer. Esta

segurança o sentir histórico, a memória do território, como arriscar uma intromissão no presente no sentido de alertar para erros cometidos e experiências já tentadas e fracassadas"

captação de público tem que ser também levada a cabo de forma a incentivar uma afluência mais ou menos regular ao longo do ano já que, o que acontece é que existem períodos com grande afluxo e épocas em que a afluência é de tal forma baixa que os custos que comporta são excessivamente pesados, não só para as instituições ou associações responsáveis pelos locais a visitar, mas também para os operadores turísticos como os ligados à restauração e alojamento.

Falar do Projecto Mértola Vila Museu é falar de arqueologia, de história, de património, de museus mas, acima de tudo, é falar de pessoas. As pessoas adaptam-se e transformam um território. São parte integrante desse território. É por isso impossível falar da investigação histórico-arqueológica em Mértola sem a relacionar com o seu meio envolvente e com a sua comunidade. Mas será que a euforia e voluntarismo vividos no primeiro momento se mantêm?

Na realidade, na última década verifica-se uma atitude diferente por parte da população. Ao contrário da euforia dos primeiros anos, existe uma atitude de revolta, desagrado e reprovação por tudo o que se relaciona com o património, os museus e a arqueologia. O que aconteceu? Será que os mertolenses já não se identificam com as suas raízes e com o seu passado? Esta mudança de atitude pode estar, de alguma forma, relacionada com alterações a nível político e também com alguma desmotivação e descrédito relativamente a grandes expectativas de desenvolvimento que, na realidade, não corresponderam ao que a população esperava. De facto, é visível o aumento do número de visitantes desde o início do projecto até à actualidade, e é também inquestionável a criação de novas infra-estruturas e estruturas de apoio ao turismo mas, para a população comum, o retorno de todo este investimento não foi totalmente de encontro aos seus anseios.

Sabemos que um projecto com estas características não é um projecto a curto prazo. É também sabido que por si só a Autarquia e associações locais não podem desenvolver todas as áreas, tem que existir uma forte iniciativa empresarial de carácter individual, que parta do indivíduo com vontade de encontrar neste território a sua forma de sobreviver e de contribuir para o seu desenvolvimento.

Em Mértola verifica-se uma falta de iniciativa, dinamismo e empreendedorismo dos indivíduos, um medo de arriscar e desenvolver novos projectos fora das asas protectoras das instituições, principalmente da Autarquia.

CAPITULO IV - AS REPERCUSSÕES SÓCIO-ECONÓMICAS

A grande maioria da população empregada do Concelho de Mértola trabalha maioritariamente por conta de outrem, sendo o sector terciário, o que maior número de trabalhadores absorve (cerca de 58% da população), principalmente em empregadores como a Autarquia, os serviços institucionais e algumas associações locais como a ADPM, o CAM e a Santa Casa da Misericórdia. Paralelamente à terciarização da economia, verifica-se simultaneamente, e por comparação com os dados relativos à região e ao país, uma maior percentagem da população activa ligada ao sector agrícola, mantendo-se este sector como um razoável dinamizador da economia local.

Em termos sociais verifica-se que a população residente tem baixos níveis de escolaridade, apesar das melhorias verificadas na última década, sendo as mulheres as que apresentam níveis de habilitação mais baixos. Nos últimos anos a formação profissional e as ofertas dirigidas aos adultos contribuíram para a melhoria da qualificação dos indivíduos e para a potenciação da competitividade e dinâmica do território.

Por outro lado, a fraca capacidade de poder de compra da população residente reflecte-se na qualidade de vida e no bem-estar social dos indivíduos do Concelho⁸².

4.1. Os dados económicos

Nas últimas décadas assistiu-se a um alargamento das actividades económicas, muito relacionadas com a vertente turística. Houve um grande crescimento das actividades relacionadas com o turismo e com a restauração que, na sua maioria constituem, empresas de tipo familiar mas que, se bem que numa pequena

⁸² Em 2008, o Rendimento Social de Inserção abrangia 108 famílias, sendo as famílias compostas e as nucleares sem filhos as que mais recorrem ao RSI; curiosamente, a maioria dos beneficiários deste apoio social são jovens e idosos (com 65 anos ou mais), maioritariamente do sexo masculino.

percentagem, absorvem alguma população activa, por vezes não permanentemente, mas sazonalmente, nos períodos de Abril e Maio – Páscoa e realizações do Festival Islâmico, nos meses de Julho a Setembro e passagem de ano, em que o afluxo de visitantes sofre uma subida substancial.

É importante referir também estruturas hoteleiras especializadas em actividades específicas como é o caso da caça em que, durante todo o ano, nos coutos de caça privada ou associativa, ou sazonalmente nos períodos específicos de caça a determinadas espécies, se dedicam a albergar os caçadores que se deslocam de todo o país para esta rica zona cinegética. Esta especialização não se verifica só ao nível do alojamento mas também de alguns restaurantes que têm uma ementa muito relacionada com as espécies cinegéticas mais comuns no Concelho⁸³.

Afortunadamente, com o impulso dado pela Autarquia com a realização anual do Festival do Peixe do Rio, no Pomarão, as espécies piscícolas autóctones começam também a ser valorizadas nas ementas dos restaurantes locais, alguns deles reconhecidos nacionalmente pela qualidade da confecção de pratos como a lampreia e as enguias. Infelizmente estes eventos e reflexos na gastronomia não são reveladores de um aumento da importância do sector da pesca que, na actualidade, regista um número de pescadores que não ultrapassam as duas dezenas. Destes, alguns já bastante idosos, já não saem para pescar e, na realidade, não se pode dizer que existam pescadores que sobrevivam só da pesca no rio, têm que ter sempre algumas actividades complementares. No entanto, um sector também em expansão é a pesca desportiva aliado também às boas condições que o Concelho oferece não só ligadas ao Rio Guadiana mas também a barragens de pequena dimensão, públicas e privadas.

⁸³ Coelho bravo, lebre, perdiz vermelha e javali.

Como consequência do envelhecimento da população, também as actividades artesanais relacionadas com actividades com a pesca⁸⁴, a tecelagem⁸⁵, a cestaria, as miniaturas em madeira⁸⁶, se encontram em extinção. Positivamente, na última década, temos assistido a um desenvolvimento de actividades relacionadas com os produtos artesanais como o queijo, o mel, os enchidos e a produção de plantas aromáticas autóctones que se traduzem já na existência de pequenas empresas eminentemente familiares, ou com um reduzido número de empregados, e no desenvolvimento de actividades de produção relacionadas com algumas associações locais como o PNVG, a ADPM e a MERTURIS. Ainda em termos económicos e de aproveitamento das potencialidades autóctones está a iniciar-se por parte da iniciativa privada, com o apoio da ADPM, uma tentativa de valorização e comercialização de ovinos de alta qualidade, actividade que pode passar a ser também um factor de incremento à débil economia local.

De facto, tendo em conta a complexidade deste território e dos seus condicionalismos, são evidentes os esforços no sentido de criar actividades sustentáveis que permitam a fixação de população e a criação de riqueza. Estas actividades são na maioria dos casos incentivadas pela Autarquia ou pelas instituições locais que muitas vezes esbarram numa inércia e falta de iniciativa dos agentes privados. Os mertolenses têm que interiorizar que nem só as instituições públicas e privadas têm responsabilidades para com o futuro deste Concelho, pelo contrário são os indivíduos, a título privado ou associados, o principal agente de

⁸⁴ Na actualidade somente os pescadores mais velhos sabem a arte de fazer e reparar redes, atarrafas e outros engenhos relacionados com a actividade piscatória.

⁸⁵ Neste momento mantida por duas tecedeiras na Oficina de Tecelagem de Mértola e mais meia dúzia de pessoas que ainda sabem executar as actividades de preparação da lã: cardação, cremeação e fiação.

⁸⁶ Actividade muito relacionada com o pastoreio que também se encontra em extinção, tendo em conta que a figura “tradicional” do pastor é actualmente praticamente inexistente.

desenvolvimento deste território. Os indivíduos não podem alhear-se do que os rodeia já que a criação de emprego não está só dependente das instituições existentes, tem que haver espírito crítico e empreendedor, dinamismo e vontade de arriscar.

Apesar das dificuldades e da falta de dinamismo atrás referenciada, através dos dados recolhidos⁸⁷, verifica-se que no Concelho de Mértola, a partir de meados da década de 80, se assiste a um aumento no número de unidades de apoio ao turismo bem expressos no número de unidades de restauração e alojamento que iniciaram a sua actividade, não só na Vila de Mértola mas um pouco por todo o Concelho, sabendo aproveitar as características das construções e a especificidade da paisagem. É também interessante verificar a preocupação com a qualidade expressa na tipologia de estabelecimentos licenciados e que revela uma nova preocupação com o individuo vindo do exterior.

Até aos anos 80 a maior parte dos estabelecimentos licenciados correspondiam a tabernas e casas de pasto, vocacionadas para satisfazer as necessidades da população local. Por outro lado, a partir dos anos 90, e de forma acentuada no início do segundo milénio, verifica-se uma preocupação maior com a qualidade das instalações e com o atendimento ao visitante exterior. Nos dados recolhidos verifica-se claramente o aumento no número de restaurantes e de unidades de alojamento de diversas categorias onde se destaca uma Estalagem, unidades de agro-turismo, turismo rural e hospedarias.

Verifica-se uma mudança de atitude perante “os *estranhos*” que passam a ser entendidos como uma fonte de rendimento a “explorar”⁸⁸ e a incrementar. No entanto, e tendo em conta, a análise desenvolvida ao longo deste estudo, este novo incentivo à economia local não é aproveitado da melhor forma pelos seus dinamizadores no sentido em que não percebem o sentido causa/efeito, ou seja,

⁸⁷ Ver quadros e gráficos em anexo (pg. 155-161).

⁸⁸ Entenda-se explorar no sentido de criar riqueza e desenvolvimento.

não entendem que apoiando uma política baseada na valorização e divulgação patrimonial do Concelho, nas suas mais variadas vertentes, criarão uma mais-valia para os seus investimentos, não só no imediato como a médio/longo prazo.

Uma vez mais está patente a falta de estratégia, de divulgação, de diálogo e de desenvolvimento de projectos integrados que sejam sustentáveis e contribuam para o desenvolvimento da economia local. Esta falta de visão não está somente relacionada com a iniciativa privada, está relacionada com todos os agentes envolvidos em projectos de desenvolvimento económico, social e cultural, sejam privados, públicos ou associativos.

4.2. O registo e caracterização de visitantes

O primeiro local de recepção ao turista foi criado em Mértola, no Largo Vasco da Gama, em meados dos anos 80 do séc. XX e era totalmente dependente da ADPM. Tinha como principal objectivo a recepção ao visitante e o seu encaminhamento para os locais visitáveis⁸⁹, a realização de visitas guiadas a grupos e a venda das primeiras publicações resultantes da investigação e preservação do património em Mértola⁹⁰.

Nos anos 90 a responsabilidade do Posto de Turismo passa para a Autarquia que aí coloca duas funcionárias em permanência, com um horário que inclui fins-de-semana e feriados, com o objectivo de fazer a recepção ao visitante e os acompanhar em visitas guiadas ao núcleos museológicos já inaugurados⁹¹ mas que não tinham ainda abertura permanente ao público, tendo sido possível localizar

⁸⁹ Nessa altura, o castelo, a escavação da Alcáçova e a exposição dos objectos até aqui exumados que se encontravam na antiga Igreja da Misericórdia, actual núcleo de Arte Sacra.

⁹⁰ Já nesta altura existia a preocupação em fazer um registo mensal de visitantes e estatísticas anuais que, infelizmente não consegui localizar, se bem que posso atestar a sua realização já que trabalhei no Posto de Turismo nos seus primeiros anos de abertura.

⁹¹ Casa Romana, Castelo, Basílica Paleocristã e Exposição de Cerâmica Islâmica.

registos de visitantes a partir de 1990, com um interregno não explicável dos anos de 1992 e 1993.

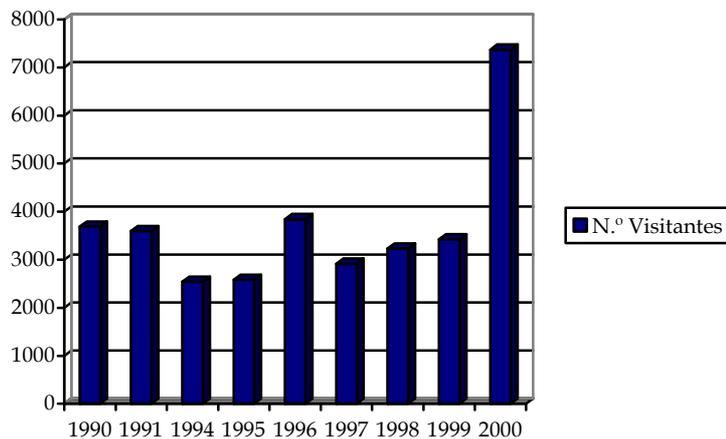


Gráfico 1. Visitantes registados no Posto de Turismo de Mértola entre 1990 e 2000.

Relativamente à década de 90 é somente possível fazer uma caracterização de visitantes no que diz respeito à sua nacionalidade⁹², verificando-se sem margem para dúvidas que a maior percentagem corresponde a portugueses (65%) e o segundo maior grupo a cidadãos alemães (7%). É também interessante verificar que, desde os primeiros anos deste projecto, os visitantes espanhóis, holandeses, ingleses e franceses, demonstraram bastante interesse, sendo curioso constatar que muitos destes turistas voltam passados alguns anos e comentam que já cá estiveram em "tal ano" e fazem críticas e observações relativamente à evolução do projecto. Relativamente a indivíduos de outras nacionalidades, principalmente nos últimos anos, temos vindo a verificar uma diversificação com o aumento de visitantes principalmente oriundos de Itália, Bélgica, Suíça, Brasil, Dinamarca, Canadá, E.U.A, e países do Leste da Europa.

Nesta análise dos visitantes de Mértola Vila Museu, entre 1990 a 2000, é ainda importante ressaltar as visitas guiadas, principalmente a grupos escolares, trabalho

⁹² Ver quadros e gráficos em anexo (pg. 152).

realizado pelas funcionárias do PIT ou por colaboradores do CAM. Os valores de 1990 e 1991 triplicam nos anos de 1994 e 1995, mantendo nos anos seguintes, com algumas pequenas oscilações um número de indivíduos que ronda os 4000/5000 anuais⁹³.

A partir do ano 2000 já estão disponíveis estatísticas de visitantes por núcleo museológico, nomeadamente a Basílica Paleocristã, a Torre de Menagem do Castelo e a Exposição de Cerâmica Islâmica⁹⁴ instalada numa casa tradicional, com organização e construção típica desta zona, localizada junto ao Posto de Turismo⁹⁵.

O ano de 2001 abre um novo ciclo no Museu de Mértola uma vez que estavam já concluídos oito núcleos museológicos que, obviamente, tinham que ser permanentemente abertos ao público. Para que esta vontade se concretizasse foi importante o Protocolo assinado entre o IPPAR, o CAM e Autarquia no sentido de, durante três anos (2001 a 2003), financiar o funcionamento dos núcleos museológicos, principalmente em termos de recursos humanos, e de potenciar a criação de uma linha de design gráfico que também proporcionasse algum lucro. O grande objectivo era aferir a sustentabilidade deste grande investimento e torná-la no principal motor de desenvolvimento para Mértola.

⁹³ Ver quadros e gráficos em anexo (pg. 152).

⁹⁴ Respectivamente, 1.535, 6.531 e 5.067 visitantes.

⁹⁵ Esta exposição incluía cerâmica dos sécs. X ao XIII e integrava parte da colecção que viria a integrar o núcleo de Arte islâmica.

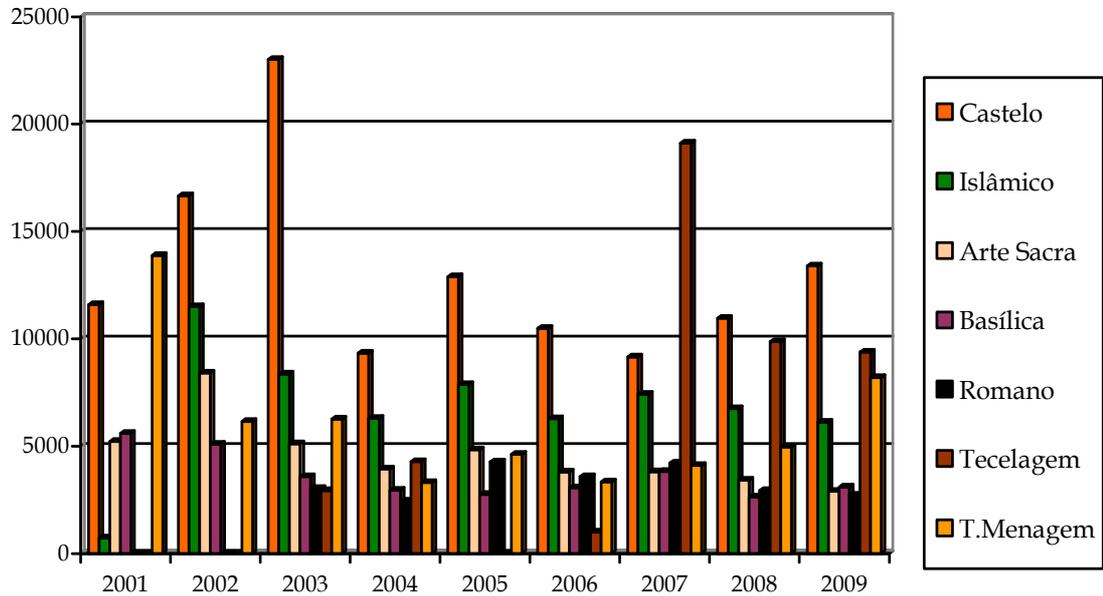


Gráfico 2. Número de visitantes nos núcleos museológicos do Museu de Mértola de 2001 a Setembro de 2009.

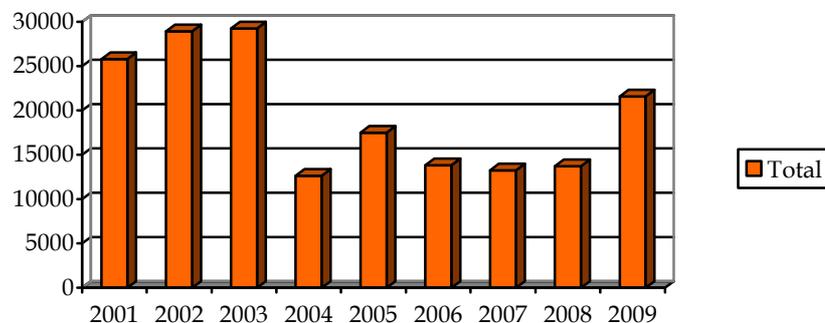


Gráfico 3. Os valores totais de entrada na Torre de Menagem e Castelo dão-nos o número de visitantes de Mértola tendo em conta que muitos dos indivíduos que vão ao Castelo não passam pelo Posto de Turismo assim: 2001 - 25.810; 2002 - 28.948; 2003 - 29.265; 2004 - 12.631; 2005 - 17.505; 2006 - 13.832; 2007 - 13.263; 2008 - 13.731; 2009 - 21.593.

Analisando os gráficos 2 e 3, podemos assumir que o número de visitantes de Mértola, tomando como referência as entradas no Castelo, demonstram que os anos de 2001, 2002 e 2003 corresponderam a anos de crescimento enquanto que os anos seguintes, 2004, 2005, 2006, 2007 e 2008, registaram uma baixa acentuada na afluência. Os três primeiros trimestres de 2009 parecem realmente demonstrar que a afluência aumentou, mesmo tendo em conta a realização do Festival Islâmico que

inflaciona sempre o número de visitantes. Independentemente da conjuntura económica e social, tanto nacional como internacional, que realmente pode influenciar o fluxo de visitantes, podemos apontar outros motivos directamente relacionados com questões locais:

1 - Nos anos de 2001, 2002 e 2003 verifica-se um grande acréscimo de visitantes directamente relacionado com a abertura de três núcleos museológicos em 2001 - Arte Sacra, Forja do Ferreiro e Arte Islâmica - com grande divulgação na comunicação social tanto local como regional e nacional.

2 - A partir de 2001, e bianualmente, a realização do Festival Islâmico, geralmente no mês de Maio, provoca um aumento no número de entradas no Museu que geralmente se situa entre as 2000 e as 2500 (dados correspondentes a 2001, 2003, 2005, 2007 e 2009).

3 - O número de entradas na Torre de Menagem e Castelo de Mértola baixaram bastante nos anos de 2004, 2005, 2006, 2007 e 2008 devido a obras de beneficiação e valorização deste monumento que permaneceu longos meses encerrado ao público⁹⁶.

4 - Os dados da Casa Romana são somente relativos aos fins-de-semana, sendo que os de 2005, 2006 e 2007 pode estar inflacionados devido à pouca fiabilidade dos elementos recolhidos.

5- Relativamente à Oficina de Tecelagem não disponho de dados para os anos de 2001, 2002 e 2005 sendo que, o aumento significativo em 2007 está directamente relacionado com a mudança de instalações deste núcleo museológico que passou para a Rua da Igreja, junto ao Posto de Informação Turística, e com a realização do Festival Islâmico.

⁹⁶ As obras de beneficiação e valorização do castelo de Mértola foram levadas a cabo pelo IPPAR, actual IGESPAR, com a colaboração da Autarquia e do Campo Arqueológico de Mértola. Assim, em 2004 esteve encerrado de Junho a Dezembro; em 2005 de Janeiro a Abril; em 2006 de Julho a Dezembro; em 2007 de Janeiro a Agosto e em 2008 de Abril a Julho.

6 - O Circuito de Visitas da Alcáçova foi inaugurado em 25 de Março de 2009 e corresponde já a um dos locais mais visitados, a seguir à Torre de Menagem do Castelo.

De qualquer forma, e tendo também em atenção a conjuntura económica nacional e internacional dos últimos anos, houve de facto uma leve diminuição do número de visitantes em Mértola mas que, observando melhor é desvalorizada pelas oscilações de visitantes existentes entre os núcleos museológicos e pelo aumento de receita. Facto inegável é a diminuição do fluxo de visitantes no núcleo de Arte Sacra e na Basílica Paleocristã; no primeiro caso, a diminuição poderá estar relacionada com a própria temática deste núcleo que não é apelativa para todos os tipos de público e, no segundo, a baixa no número de visitantes está directamente relacionada com a necessidade de reabilitação e renovação deste núcleo⁹⁷ e com o facto deste núcleo se encontrar mais afastado do Centro Histórico.

Não estão disponíveis os dados de visitantes do núcleos museológicos da Ermida e Necrópole de S. Sebastião e da Forja do Ferreiro porque, no primeiro caso as visitas estão condicionadas pelo facto deste núcleo se encontrar em pleno recinto da Escola EB 2,3 ES de Mértola e, no segundo, tendo em conta a especificidade do núcleo museológico, foi criada uma solução que permite ao visitante visualizar o espaço sem entrar no seu interior, não dispondo assim de vigilância presencial.

Para que a comparação de dados seja completa devemos ainda observar a evolução do afluxo de visitantes no Posto de Informação Turística e na Igreja Matriz/antiga Mesquita⁹⁸. De 2001 a Setembro de 2009 tem vindo a verificar-se

⁹⁷ Acções de requalificação já inseridas no Plano de Actividades para 2010.

⁹⁸ Relativamente à abertura da Igreja Matriz/antiga mesquita, importante monumento nacional, como a Paróquia de Mértola não tem condições de o fazer, Autarquia tem assumido nos últimos anos o seu funcionamento com a colocação de um funcionário e com horário idêntico ao dos restantes núcleos museológicos.

uma oscilação mais ou menos acentuada no número de visitantes⁹⁹. O ano de 2004 correspondeu a um acentuado decréscimo com um registo de menos 4073 visitantes, que nos anos anteriormente referidos tendo, a partir de 2005, voltado a verificar-se um novo acréscimo¹⁰⁰. Relativamente a 2009, tendo em conta que os dados apresentados correspondem só a nove meses, parece de facto existir um acentuado decréscimo tendo em conta que até Setembro se regista uma afluência de 14.751 indivíduos, sendo os últimos meses do ano de fraca afluência pelo que, dificilmente se conseguirá atingir os valores de 2008.

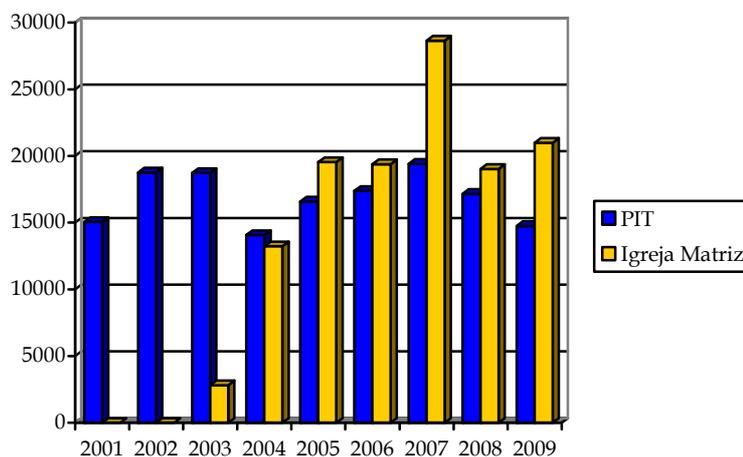


Gráfico 5. Visitantes do PIT e da Igreja Matriz de 2001 a Setembro de 2009; relativamente à Igreja Matriz, para os anos de 2001 e 2002 não disponho de dados e os do ano de 2003 não são fiáveis.

É actualmente complicado apresentar um número total de visitantes para o Museu de Mértola já que cada núcleo museológico tem o seu registo e como

⁹⁹ Tendo 2001 tido um total de 15.052 e aumentado nos anos seguintes, 2002 e 2003, para 18.764 e 18.733, respectivamente.

¹⁰⁰ Foram registados no PIT 16.591 em 2005, 17.393 em 2006, 19.407 em 2007 e 17.160 em 2008.

existem duas tipologias de ingresso – bilhete de núcleo e bilhete geral¹⁰¹ – os dados disponíveis são os registos por núcleo¹⁰². Esta contabilização e caracterização de visitantes no Museu de Mértola seria mais acessível e de análise mais fácil se estivesse implementado um sistema de informatização de bilheteira que permitisse uma simplificação na contabilização, apresentação e gestão de dados.

As visitas guiadas registam um decréscimo a partir do ano 2000 devido ao facto de, a partir de Janeiro de 2001, todos os núcleos museológico se encontrarem permanentemente abertos ao público sendo as visitas orientadas por funcionários do PIT ou do Museu, somente realizadas a grupos escolares ou outro tipo de grupos organizados, com marcações antecipadas.

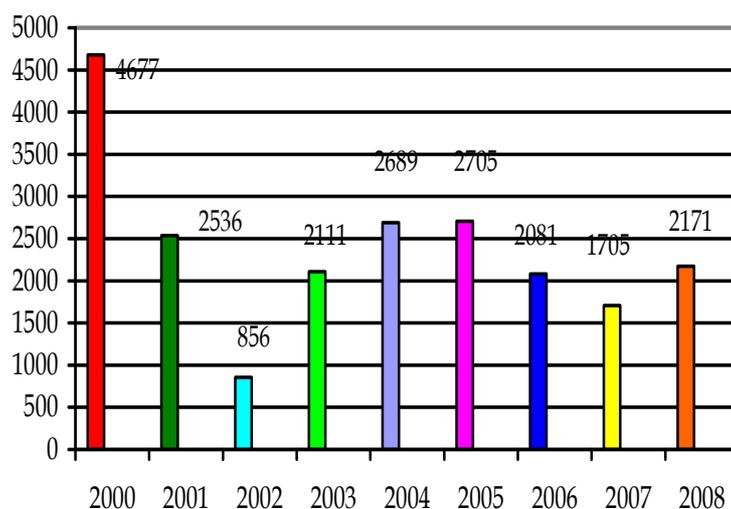


Gráfico 6. Visitas guiadas realizadas pelos funcionários do PIT e do Museu de Mértola, entre 2000 e 2008 (ainda não estão disponíveis os dados relativos a 2009).

¹⁰¹ O bilhete de núcleo (2,00€) corresponde à entrada num só núcleo museológico enquanto que o bilhete geral (5,00€) corresponde à entrada em todos os núcleos museológicos do Museu.

¹⁰² Ver página 155 e 156 em anexo.

Relativamente à caracterização de visitantes pouco se tem feito nestes últimos anos. O que se conhece são os dados por nacionalidade, tendo, em 2009, sido iniciado o registo do número de visitantes por género e começado a ser aplicados questionários relativos à satisfação do visitante no que se relaciona com os locais visitados, as acessibilidades (logísticas, linguísticas, etc.), a qualidade do serviço prestado e a qualidade/quantidade da informação disponibilizada¹⁰³.

Urge estabelecer os objectivos e parâmetros para a realização de um estudo de público bem estruturado e sistemático, que permita conhecer o visitante de Mértola Vila Museu de forma a possibilitar a melhoria dos serviços, a criação de novos incentivos à visita e o estudo de formas de resposta às necessidades dos visitantes no que se relaciona com o aprofundamento de conhecimentos.

Local	2005	2006	2007	2008	2009
A. Islâmico	5.268,5	5.690	6.668,5	3.216,5	2.766
A. Sacra	1.064	1250,5	1.462	1.262,5	873
Basílica	636,5	1.411	1498,5	1.692,5	1.212,5
Torre Menagem	7.090	4036	4.818	6.296,0	8.735
Alcáçova	-----	-----	-----	-----	4.317
PIT	3.529,5	4.989,5	4.832	6.319,5	6.681,5
TOTAL	17.588,5	17.368	19.279	18.787	24.585

Quadro 1. Análise comparativa da receita – 2005, 2006, 2007, 2008 e 2009 (até Setembro).

¹⁰³ Tendo em conta que os dados disponíveis não são suficientes para deles retirar conclusões, estes não são aqui apresentados.

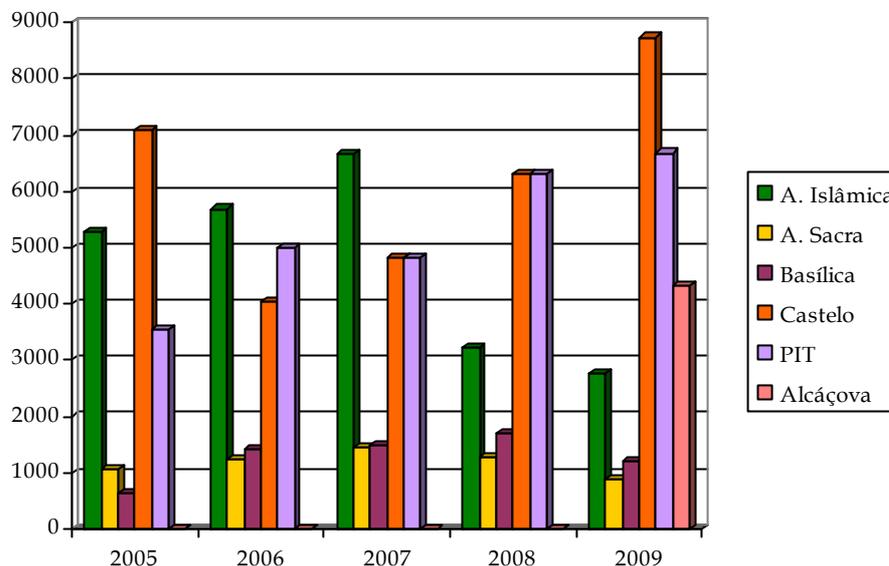


Gráfico 4. Receita de bilheteira do Museu de Mértola entre 2005 e Setembro de 2009.

Relativamente à receita verifica-se que esta se tem mantido, com pequenas oscilações, sendo os valores mais elevados correspondentes a anos em que se realiza o Festival Islâmico. Na realidade, e tendo em conta que os valores apresentados para 2009 são só referentes a nove meses, verifica-se um acréscimo bastante acentuado que, no final do ano deverá ser devidamente analisado. Como é óbvio, se bem que os valores apresentados sejam já significativos para um Museu de uma pequena localidade como Mértola, eles não cobrem as despesas com pessoal e manutenção e, muito menos, o cumprimento de outras funções como as de conservação e restauro, investigação, educação e divulgação sendo, por isso, sempre necessário um grande esforço por parte das instituições intervenientes.

Ao analisar os dados estatísticos parece-nos à priori existir um contra-senso. Se o número de visitantes total baixou como é que a receita do Museu tem sofrido um crescimento sendo, no ano de 2009, registado um aumento bastante considerável? Esta situação é facilmente explicada pelo maior número de entradas nos núcleos museológicos e pelo aumento do número de bilhetes vendidos principalmente na Torre de Menagem, PIT e, nos últimos meses, no Circuito de Visitas da Alcáçova.

É evidente que o Museu de Mértola não é sustentável, ou seja, não existe um equilíbrio entre despesa e receita no entanto, podem desenvolver-se esforços que permitam continuar a realizar as funções museológicas básicas mas, também, de forma consciente, definir estratégias de divulgação e marketing que permitam aumentar a receita. A despesa com pessoal dificilmente poderá ser assumida por si só pelas receitas geradas pelo Museu e considero mesmo que esta deve ser uma responsabilidade da tutela no entanto, a receita apurada anualmente através dos ingressos e venda de outro tipo de produtos deve ser aplicada no Museu e no desenvolvimento das suas acções. Só assim e com o apoio de financiamentos exteriores o Museu poderá continuar o seu importante papel de preservação, valorização e divulgação do património de Mértola junto da sua população e do público em geral.

CAPITULO V - O PONTO DE VISTA DE ALGUNS INTERVENIENTES NO PROJECTO

Neste capítulo pretende-se apresentar as conclusões retiradas das entrevistas realizadas com o objectivo de perceber as diferentes posições, tendências e opiniões, analisando e relacionando todas as respostas. Para o conhecimento de um projecto assumido como de desenvolvimento local, sustentado e integrado, que conta com a colaboração de pessoas de diferente formação, de proveniências geográficas distintas e com experiências pessoais diversas, é necessário contar com a visão desses intervenientes de uma forma aberta, clara e imparcial. Por este motivo a entrevista não foi realizada presencialmente para evitar influenciar as respostas dos entrevistados.

Desde logo este trabalho deixa um amplo campo de análise em aberto: uma abordagem directa à comunidade através da recolha de testemunhos que permitam perceber qual a percepção dos indivíduos em todo este processo. Não seria possível num trabalho deste tipo esta abordagem já que esta, por si só, corresponde a um trabalho que tem que ser delineado em sólidas bases científicas e de análise que muito se relacionam também com a sociologia e com a antropologia social e cultural. Este será um estudo que terá grande interesse para perceber de uma forma global este projecto, o seu desenvolvimento e as suas implicações ao longo do tempo no entanto, terá que ser um estudo totalmente autónomo e com bases metodológicas distintas.

5.1. Metodologia: Entrevistas direccionadas

Para que este estudo não resumisse somente uma abordagem teórica de recolha de informação acerca do desenvolvimento do projecto Mértola Vila Museu ao longo das últimas três décadas, desde logo percebi que teria que recorrer a informações

directas de diversos intervenientes no projecto. Para esta recolha de informação foi seleccionada a realização de entrevistas direccionadas não presenciais¹⁰⁴.

Em termos metodológicos estas entrevistas complementam e enriquecem a informação acerca do tema. Esta metodologia de recolha de informação tem como principal objectivo revelar determinados aspectos acerca do assunto a tratar - o Projecto Mértola Vila Museu - de uma forma aberta e flexível, devendo partir do pressuposto de que não existem hipóteses preestabelecidas mas sim pistas de reflexão, ideias e hipóteses de trabalho.

Se não for bem estruturada e conduzida uma entrevista pode, em vez de um importante meio de informação, tornar-se numa ilusão e traduzir-se na confirmação de ideias preconcebidas. A concepção e realização de uma entrevista deve fazer-se sempre tendo como pressuposto a resposta a três questões: com quem é útil ter uma entrevista? Em que consistem as entrevistas e como realizá-las? Como explorá-las de forma a não existirem preconceitos, ideias preestabelecidas e ilusões de transparência?

Neste caso específico foram contactadas através de correio electrónico 46 pessoas com diversos graus académicos, áreas de formação e experiências de vida, com idades entre os 23 e os 70 anos, oriundos de diversos locais, residentes em Mértola ou não, mas com um elo de ligação comum, a sua relação actual ou anterior ao projecto de Mértola. Dos 46 indivíduos contactados, 39¹⁰⁵ responderam à entrevista e autorizaram a análise das suas respostas no âmbito deste trabalho. Tendo em conta que por alguns dos entrevistados foi manifestada a opinião de que estas entrevistas não deveriam ser reproduzidas na íntegra em anexo, decidi não fazê-lo e abordar somente os resultados da sua análise.

¹⁰⁴ Tendo em conta a minha proximidade com alguns dos entrevistados e a experiência pessoal e profissional neste projecto, optei por realizar entrevistas não presenciais com o objectivo de manter a distância entre entrevistador e entrevistado e obter destes respostas claras, isentas e objectivas.

¹⁰⁵ Ver listagem de entrevistados em anexo (pg. 167).

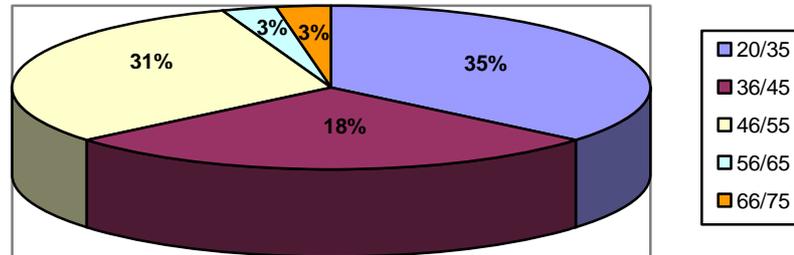


Gráfico 7. Faixas etárias dos entrevistados.

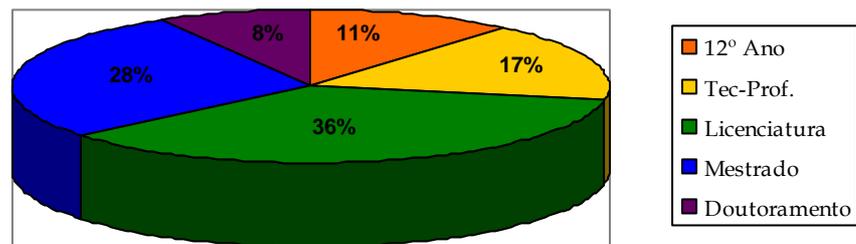


Gráfico 8. Habilitações literárias dos entrevistados.

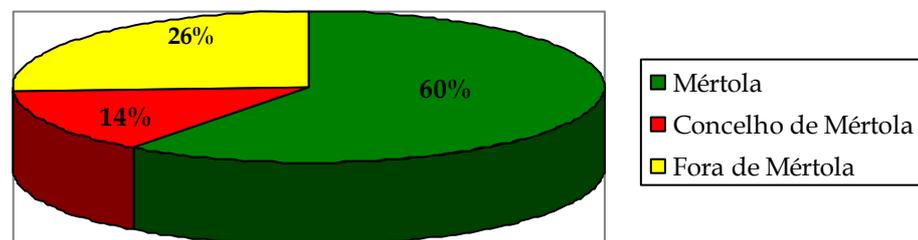


Gráfico 9. Área de residência dos entrevistados.

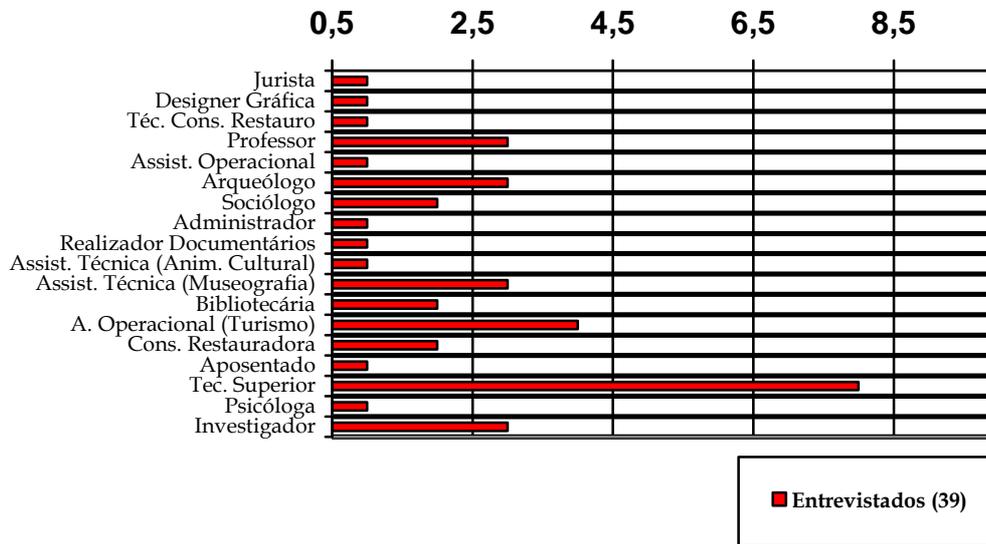


Gráfico 10. Atividades profissionais dos entrevistados.

A entrevista encontra-se estruturada em oito perguntas¹⁰⁶, de resposta aberta, que têm como objectivo principal recolher opiniões acerca do Projecto Mértola Vila Museu que permitam perceber qual o conhecimento que os entrevistados têm do projecto, do seu desenvolvimento e qual a sua perspectiva relativamente ao futuro. Pretendeu perceber-se também a actual ligação do entrevistado ao projecto e qual a sua percepção relativamente a alguns aspectos como a valorização patrimonial e o desenvolvimento local, o envolvimento da comunidade e as parcerias entre as instituições locais intervenientes.

5.2. Análise das entrevistas

A análise das entrevistas é complexa tendo em conta o número de entrevistados, os seus diversos graus de formação, o seu envolvimento no projecto, as suas características específicas como seres humanos, a liberdade total que foi dada para

¹⁰⁶ Estrutura da entrevista em anexo (pgs. 168 e 169).

as respostas e a dificuldade em retirar dessas respostas os elementos essenciais para este estudo.

Na tentativa de ultrapassar estas dificuldades e retirar destes documentos os elementos realmente relevantes para este estudo, foi estabelecida uma série de indicadores que permitem sistematizar a informação. A bateria de indicadores¹⁰⁷ definida passa pela percepção da ligação do entrevistado ao projecto, e a resposta a algumas questões directamente relacionadas com o envolvimento da comunidade, o impacto no desenvolvimento, o balanço e as perspectivas de futuro de cada um dos entrevistados.

Os parâmetros de análise serão sim e não para os indicadores “conhecimento do projecto Mértola Vila Museu”, ligação actual ao projecto” e “conhecimento dos objectivos do projecto”. Para os restantes indicadores os parâmetros são: muito desfavorável, desfavorável, indiferente, pouco favorável, favorável e muito favorável. A análise das respostas consoante os parâmetros atrás descritos será efectuada comparando a resposta dos entrevistados para cada uma das perguntas. Cada uma delas é relacionada com os parâmetros predefinidos de forma a poder obter dados qualitativos e quantitativos, que serão depois tratados sobre a forma de tabelas e gráficos e sobre os quais incidirá a reflexão e a principal conclusão deste trabalho.

Foi expressa pelos entrevistados a vontade de que as suas respostas não fossem publicadas pelo que, no texto e em anexo, são introduzidos alguns excertos não identificados, relacionados com cada uma das questões que servem para ilustrar e evidenciar os valores apresentados nos gráficos.

¹⁰⁷ Os indicadores são: o conhecimento do projecto Mértola Vila Museu; a ligação actual ao projecto; o conhecimento dos objectivos do projecto, interesse actual por parte da população; o aumento da formação/informação cultural; o reforço da identidade local; o aumento das infra-estruturas ligadas à cultura e ao turismo; o crescimento económico; o património foi o factor fundamental; é um processo de desenvolvimento local integrado; é um projecto de desenvolvimento sustentável; participação actual das instituições; o balanço dos últimos trinta anos; e as perspectivas futuras.

Da análise das entrevistas¹⁰⁸ conclui-se que 26 dos entrevistados mantêm ligação actual a actividades relacionadas com a valorização patrimonial nas suas mais variadas vertentes: arqueologia, museografia arqueológica, conservação e restauro, história e outras áreas complementares como a sociologia e a geografia, relacionadas com acções de planeamento e desenvolvimento de projectos. Todos evidenciam um conhecimento bastante aprofundado dos objectivos que estiveram na base deste projecto, considerando-o como um projecto de desenvolvimento baseado na valorização e divulgação patrimonial.

Indicadores	Sim	Não	Muito Desfavorável	Desfavorável	Pouco favorável	Favorável	Muito favorável	Não Responde
Ligação actual ao Projecto	26	13						
Conhecimento dos objectivos do projecto	39							
Interesse actual por parte da população			4	19	9	4		3
Aumento da formação/inform. cultural						32	7	
Aumento de infra-estruturas ligadas à cultura e turismo						8	31	
Reforço da identidade local					18	14	3	4
Crescimento económico					14	24		1
Património foi o factor fundamental					2	4	33	
É um projecto de desenvol/o local integrado					4	24	7	4
É um projecto de desenvol/o sustentável					26	7		6
Participação actual das instituições locais			1	15	9	12		2
Balanço dos últimos 30 anos				1	6	21	11	
Perspectivas futuras			2	15	9	12		2

Quadro 13. Bateria de Indicadores para análise das entrevistas – Número de entrevistados 39.

¹⁰⁸ Excertos das respostas dos entrevistados (não identificados) em anexo (pg. 173 a 189).

Quando são inquiridos acerca do interesse actual por parte da população verifica-se o que já foi referido anteriormente neste trabalho: 59% considera que a população não tem qualquer envolvimento ou interesse, e 23% afirma que os mertolenses não se identificam com o Projecto Mértola Vila Museu. Só 10% dos entrevistados parece considerar que existe interesse por parte da população apesar de referirem que este era mais visível na fase inicial do projecto.

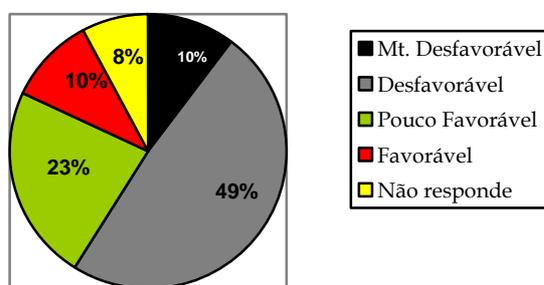


Gráfico 11. Avaliação das entrevistas relativas ao Indicador “Interesse actual por parte da população”.

Abaixo alguns excertos das entrevistas que sustentam o que anteriormente foi referido:

- *“No início do Projecto sim, mas depois ficou alheia. É importante que as entidades responsáveis invistam mais para o seu envolvimento (...)”.*

- *“Nem sempre esteve envolvida na sua totalidade, e continuam a existir resistências que advém, sobretudo, de diferentes posicionamentos político/partidários ou da ausência ou pouco sensibilidade para as questões culturais”.*

- *“Parece-me ser notório o alheamento e desconhecimento da generalidade da população relativamente ao trabalho desenvolvido. Mesmo os principais beneficiários da actividade turística (alojamento e restauração) parecem não perceber a importância do projecto arqueológico e patrimonial.*

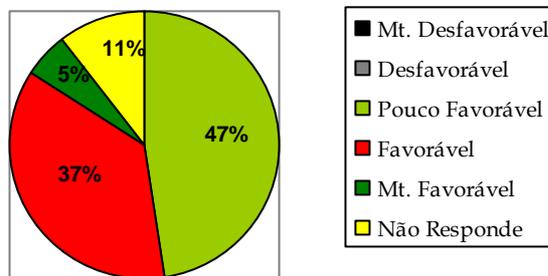


Gráfico 12. Avaliação das entrevistas relativas ao Indicador “Reforço da identidade local”.

Relativamente ao reforço da identidade local 47% dos inquiridos refere que esta não foi expressiva e somente 37% a consideram como favorável. Estes resultados seguem a tendência de opinião acerca do desinteresse e pouco envolvimento da população no projecto de valorização patrimonial de Mértola e no facto de não o entenderem como um motor de desenvolvimento local.

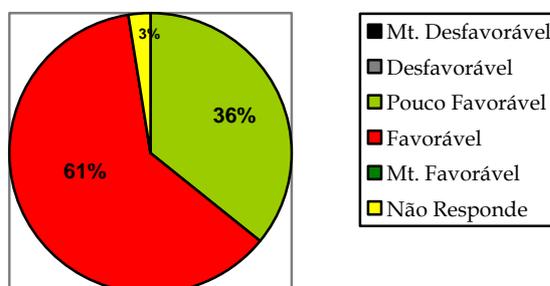


Gráfico 13. Avaliação das entrevistas relativas ao Indicador “Crescimento económico”.

Por oposição ao que foi referido pelos entrevistados relativamente ao envolvimento da população e ao reforço da identidade local, 61 % considera que as acções de valorização patrimonial e o turismo contribuíram para o crescimento económico, referindo quase todos o aumento do número de unidades de alojamento e restauração e 36% considera-as pouco favoráveis ao crescimento económico do Concelho. Alguns entrevistados expressam claramente a opinião que transcrevo:

- “Eram anos de forte criatividade, na sequencia da revolução do 25 de Abril, quando o Alentejo era agitado por fortes convulsões sociais pela posse da terra, quando surgiram as primeiras cooperativas agrícolas e quando se consolidavam as comunidades rurais. Numa postura de clara solidariedade política com todo este processo, procurámos integrar-nos no ambiente geral e divulgar pedagogicamente os nossos projectos científicos e as nossas intenções de participar no desenvolvimento local. (...) Para nos afirmarmos e sermos reconhecidos no meio científico tínhamos de publicar em revistas da especialidade, porém, em simultâneo era preciso falar uma linguagem compreensível para todos. Essa linguagem era a linguagem museográfica. Portanto, desde muito cedo começámos a organizar mostras temáticas, exposições e os primeiros museus, onde mostrávamos e justificávamos tudo o que andávamos a fazer com o objectivo expresso de provar que o fenómeno científico e cultural pode e deve ser potenciador de progresso e desenvolvimento económico”.

- “ (...) o projecto Mértola vila museu, infelizmente, «já deu a volta» - de ser considerado decisivo, para ser considerado desprezível, em termos do apoio da Autarquia. Assim, como infeliz confirmação da sua importância nesta área, está à vista o impacto negativo desse desinvestimento. Sem a cultura e o património, o concelho de Mértola torna-se lentamente numa gigantesca reserva de caça dos urbanitas, despovoado, com cada vez menos massa crítica, sem atractividade (...)”.

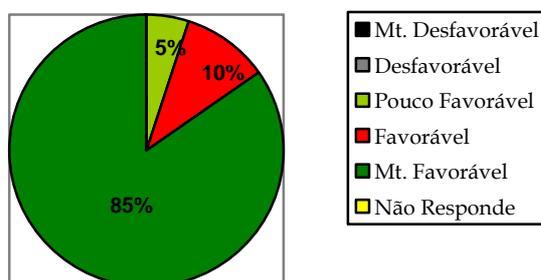


Gráfico 14. Avaliação das entrevistas relativas ao Indicador “Património foi o factor fundamental”.

Quando questionados acerca do património como factor fundamental de arranque e desenvolvimento do Projecto Mértola Vila Museu, 85% dos entrevistados não exitam na sua resposta, considerando-o como o factor essencial.

Dos restantes 10% considera a valorização patrimonial fundamental mas não factor único e 5% manifestam-se um pouco cépticos relativamente à importância da valorização patrimonial para o desenvolvimento de Mértola. Algumas manifestações relativas a esta questão:

-“ (...) a importância da investigação, o papel de divulgação através dos espaços museológicos e a visibilidade externa que, pela via do património, Mértola hoje tem”.

- “ (...) Estes princípios directores propugnam o desenvolvimento equilibrado e harmónico de quatro pilares fundamentais: o estudo, a conservação, a valorização e a divulgação do património no seu sentido mais lato. Um correcto desenvolvimento destas actividades desemboca num aproveitamento social e económico dos recursos patrimoniais que permite a sua rentabilização sustentável com evidentes benefícios para a sociedade”.

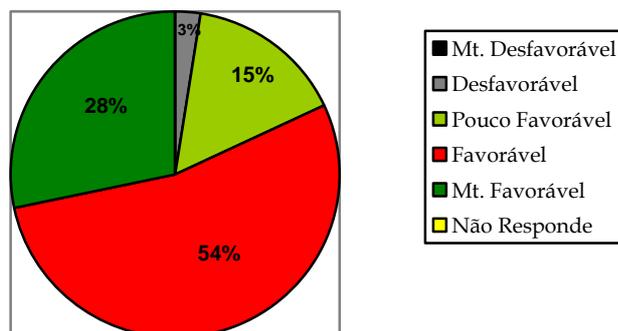


Gráfico 18. Avaliação das entrevistas relativas ao Indicador “Balanço dos últimos 30 Anos”.

Quando solicitado aos entrevistados que façam um balanço dos últimos trinta anos do Projecto Mértola Vila Museu, 28% considera que foi bastante positivo e 54% têm opiniões bastantes favoráveis. Por oposição, 20% dos inquiridos consideram-no pouco favorável ou mesmo desfavorável. Alguns excertos das respostas dos entrevistados ajudam a perceber as diferentes tendências:

- “Mais que positivo, considero que foi um projecto decisivo. Para a vila, para o concelho e para as nossas vidas”.

- “Um balanço mediantemente positivo. (...) foi um marco na investigação científica, e a demonstração das consequências negativas que erros de gestão podem ter nesta área, bem como da relativa dependência da cultura e da ciência face aos poderes políticos. Mas foi

relevante no que se refere ao desenvolvimento local (Mértola teria «colapsado» nos anos 80 se não fosse este projecto), com experiências de grande interesse em termos da museografia”.

-“O Projecto é, seguramente, de grande importância a vários níveis. A nível científico por trazer à “superfície” e aprofundar de uma forma muito importante o conhecimento sobre um período histórico até aí ignorado: o período medieval islâmico; por demonstrar que um projecto museológico de grande qualidade estética também é possível fora dos grandes centros; por demonstrar de uma forma evidente que o património é o grande recurso turístico; por conseguir que os poderes públicos tenham apoiado financeiramente o projecto, o que tem permitido, entre outras coisas, assegurar a continuidade do trabalho e a manutenção de uma equipa de investigação”.

- “O balanço é claramente muito positivo. É pena que nestes últimos 8 anos o projecto quase não evoluiu”.

- “Este projecto teve um início prometededor, em que quer as entidades quer a comunidade participavam e estavam envolvidas neste projecto único que sem dúvida era e é importante para Mértola. Actualmente devido aos frutos deste projecto serem mais teóricos e científicos, o que provocou uma elitização do projecto e conseqüente afastamento da comunidade, e devido a um afastamento político entre as entidades que foram as suas dinamizadoras, a dinâmica não é a mesma e obviamente existe uma estagnação deste projecto”.

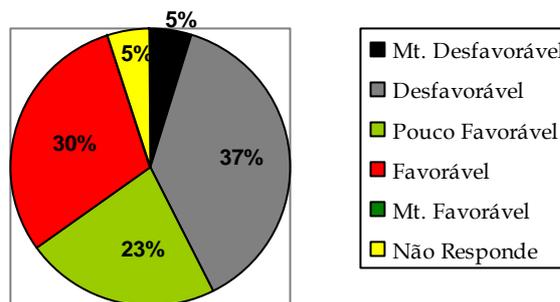


Gráfico 19. Avaliação das entrevistas relativas ao Indicador “Perspectivas futuras”.

Apesar das opiniões acerca do balanço dos últimos trinta anos serem bastante positivas o mesmo não acontece com as perspectivas que os entrevistados têm do futuro. Dos entrevistados 37% respondem desfavoravelmente quanto ao futuro

deste projecto, 23% consideram pouco favoráveis as condições deste evoluir e 30% consideram que ainda existem probabilidades de levar a bom porto o “sonho” inicial. Por outro lado uns expressivos 5% consideram mesmo que este projecto morreu e não tem condições de avançar ou continuar a desenvolver-se. Abaixo excertos das entrevistas que expressam a visão das mais variadas perspectivas:

- “(...) sim, penso que poderia ser esse projecto, mas não com o actual cenário político e de investimento do poder central, sem contar aqui com a dificuldade da própria equipa gestora em dar a volta à situação, em resultado da sua actual pequenez (...)”.

- “O futuro é uma equação com muitas variáveis. Depende, nesta altura e antes de mais, de vontades políticas e da capacidade de diálogo entre as várias instituições, e sobretudo entre a Câmara Municipal e o CAM”.

- “ (...) Continuo a acreditar que o Projecto está vivo, contudo, receosa...!”.

- (...) Se se conseguir no futuro com novos paradigmas de governança recriar um ambiente onde predomine a tolerância, se proteja e acarinhe os talentos e se invista na investigação científica e tecnológica, tendo em atenção as especificidades e vocações do território, então será possível recentrar este território”.

- “Infelizmente creio que o projecto sofre sérios riscos de se ir desvanecendo no tempo...se continuar com o rumo que lhe foi dado (...)”.

5.3. Ponto de situação

Como resultado da análise das entrevistas e de algumas opiniões recolhidas acerca deste assunto é possível fazer um interessante ponto de situação que conta com opiniões divergentes, mas de certa forma complementares, que ajudam a convergir para uma conclusão relativamente ao futuro deste projecto.

O Doutor Rui Mateus¹⁰⁹ defende três cenários que considera poderem ser desenvolvidos de forma a dar continuidade ao Projecto Mértola Vila Museu:

¹⁰⁹ Rui Mateus nasceu em 1963, em Lisboa, onde se licenciou em História da Arte. Cedo se juntou à equipa liderada por Cláudio Torres e se instalou em Mértola onde se manteve ligado ao CAM até aos primeiros anos do segundo milénio. Em 1996 fez o Mestrado na Universidade de Évora, na área da Recuperação do Património Arquitectónico e

1- Manter a orientação original e executar tarefas de projectos específicos de acordo com as possibilidades de financiamento e envolvendo as principais entidades dinamizadoras – a Autarquia, a ADPM e o CAM. Esta opção tendo em conta as exigências ao nível da coordenação e gestão pode levar ao colapso do projecto devido à falta de financiamentos e à dificuldade de execução de todas as acções decorrentes desses projectos financiados;

2 – “A institucionalização das estruturas, desenvolvendo as ligações com as autoridades locais ou regionais, directamente ou através de protocolos, trocando serviços de gestão e estabilidade financeira”¹¹⁰. Esta linha estratégica é limitativa já que a rotina dos membros da equipa fecha-se à inovação e à experiência o que conduzirá à estagnação, desmotivação, desinteresse e conseqüente afastamento dos investigadores.

3 – A terceira opção assume o claro encerramento do projecto. Os trinta anos de investigação, divulgação e construção de uma rede de núcleos museológicos está terminada e pode ser gerida como um equipamento cultural “com vida própria”, ou seja, assumidos claramente como uma responsabilidade da Autarquia que manterá vivos os espaços ao mesmo tempo que incentiva a cultura e o turismo. Por outro lado, o Parque Natural do Vale do Guadiana, inserido no Instituto de Conservação da Natureza, tem também a sua gestão e financiamento autónomo e continuará a ser uma peça fundamental no desenvolvimento de Mértola.

Este investigador considera o último cenário o mais adequado já que possibilitava a manutenção das estruturas já existentes ao mesmo tempo que permitia aos investigadores enveredarem por novas linhas de investigação,

Paisagístico e, em 1997, frequentou o curso internacional onde recebeu o Diploma de Gestão de Projectos Culturais do Conselho da Europa. Em 2004 fez o Doutoramento em Conservação do Património Arquitectónico. Em Mértola tem vindo a desenvolver acções nas mais diversas áreas como investigador, formador e gestor em projectos de recuperação do património e gestão cultural.

¹¹⁰ Rui Mateus, “Trazer o passado para o Presente é Planear o Futuro” in, *Encontros do Património de Vila do Conde*, 2003, pg. 174.

aliciantes e inovadoras, que continuassem a relacionar-se com o Projecto Mértola Vila Museu e que o manteriam vivo e aliciante. “ (...) a ideia utopista com que se iniciou [o projecto] continua a ser óptimo objectivo final, uma excelente ideia”¹¹¹.

Bastante interessante é a opinião de Rosário Oliveira¹¹² quando, há cerca de dez anos atrás, faz um balanço do Projecto Mértola Vila Museu: “apesar da Vila de Mértola sempre ter assumido um papel estruturador no projecto de desenvolvimento do concelho, especialmente no que toca às vertentes mais culturais, está na altura de encarar o território concelhio como um todo, numa lógica de complementaridade. Considerando a sua diversidade e especificidade sub-local. Apesar do papel que o turismo venha a desempenhar no crescimento e desenvolvimento local, não pode ser considerado a única actividade a apostar, como provam os resultados da insustentabilidade sempre que, na história do concelho foram defendidas mono-opções para alimentar a sua economia”.

Por seu turno, Susana Gómez Martinez¹¹³, faz também uma reflexão sobre o futuro do projecto Mértola Vila Museu que alia à investigação, valorização patrimonial, turismo e, conseqüentemente, desenvolvimento. Deixa em aberto as perspectivas futuras que resume da seguinte forma: “La pregunta final es si este modelo será capaz de afrontar los desafíos del futuro y sobrevivir a posibles câmbios de tendência en los gustos del mercado turístico o de estrategias de desarrollo nacionales y

¹¹¹ “Por isso, outros agentes, partilhando da mesma visão, são tão bons como os actuais. Um desapego a pequenos poderes, e um respeito pela ética e pelo sentido de serviço de comunidade, tal como originalmente estabelecidos, devem continuar a ser pedras basilares da sua actuação que se pretende de desenvolvimento local. O que me parece claro, neste momento, é que alguma acção, dentro destes princípios, é melhor do que nenhuma acção. Deixar as coisas correrem por si só vai servir para acabar por aniquilar todo o esforço e trabalho positivo feito até ao momento e, se não houvesse outras razões, as responsabilidades sociais entretanto adquiridas exigem que se mantenha este vínculo a rodar em perfeitas e úteis condições”; ideia defendida no artigo “Trazer o passado para o Presente é Planear o Futuro” in, *Encontros do Património de Vila do Conde*, 2003, pg. 180.

¹¹² “Reflexões sobre um projecto de desenvolvimento local: o contributo da Associação de Defesa do património de Mértola in, *Revista Municipal*, 2000, pg. 5.

¹¹³ Investigadora do CAM, especializada no estudo de cerâmica do período islâmico.

*comunitárias. En cualquier caso, por ahora, parece posible construir el futuro de Mértola a partir de su pasado*¹¹⁴.

Um dos principais mentores deste projecto, Cláudio Torres, faz um balanço bastante positivo dos últimos trinta anos, considerando no entanto que o futuro do projecto está em causa devido, principalmente, a questões de ordem política e de afastamento entre as principais instituições e intervenientes - a Autarquia, o CAM e a ADPM: “ (...) o que nos dói é a descoordenação das coisas. O nosso projecto foi, desde o início, além de científico e de investigação, um projecto político”¹¹⁵.

De uma forma geral, parece bem patente um certo desencanto e muitas incertezas relativamente à continuidade deste projecto. É seguramente reconhecido o trabalho técnico e científico realizado em torno do estudo, preservação, valorização e divulgação patrimonial. Quanto ao futuro, este parece ensombrado pela descrença da população, pela falta de diálogo e parceria das entidades locais, pela falta de incentivo por parte da Autarquia, pela sobreposição de interesses pessoais a interesses colectivos, pela partidarização das instituições e, de uma forma geral, pela falta de dinâmica, estratégia e objectivos comuns de uma comunidade que vê o seu futuro novamente em tons de cinza. Serão os trinta anos a morte anunciada do Projecto Mértola Vila Museu? Fica a inquietação.

¹¹⁴ Susana Gómez Martínez, “Mértola, Vila Museu. Un Proyecto de desarrollo local” in, *Cultura y Turismo*, 2003, pg. 189.

¹¹⁵ “Cláudio Torres faz o balanço da actividade do Campo Arqueológico de Mértola” in, *Diário do Alentejo*, 21 de Agosto de 2009.

CAPITULO VI - BALANÇO E PERSPECTIVAS DO PROJECTO

Será que a aventura iniciada em 1978, passados que são trinta anos, continua? Será que amadureceu e é hoje factor de desenvolvimento do Concelho de Mértola? Será que foi um movimento utópico e perdeu toda a sua força? Estas são as principais questões que se colocam e que serão abordadas tendo em conta um diagnóstico com utilização da análise SWOT e também uma análise e reflexão sobre alguns projectos desenvolvidos pelas principais instituições intervenientes neste Projecto.

6.1. Diagnóstico com utilização da Análise SWOT

A análise SWOT é uma ferramenta de gestão utilizada para proceder à análise de uma qualquer realidade, de uma forma simples e adaptada a diversas circunstâncias. O termo SWOT corresponde ao acrónimo *Strengths, Weakness, Opportunities* e *Threats*. Esta ferramenta pressupõe a existência de duas análises complementares: a análise externa que inclui as oportunidades (aspectos positivos da envolvente) e as ameaças (aspectos negativos da envolvente), e a análise interna onde se analisam as forças (vantagens internas em relação aos outros agentes) e as fraquezas (desvantagens internas em relação aos principais agentes).

Este tipo de diagnóstico permite efectuar uma síntese das análises internas e externas, identificar os elementos chave para a gestão e estabelecer prioridades de actuação, preparar opções estratégicas e constitui um elemento fundamental para fazer uma previsão futura e articular as condicionantes externas com as características do projecto.

Na presente situação pretende-se com esta análise proceder a um diagnóstico simples da evolução do Projecto Mértola Vila Museu bem como, de uma forma despretensiosa e consciente, proceder a uma análise das suas implicações e perspectivas futuras no Concelho de Mértola. Assim, abaixo enunciamos o que consideramos como pontos fortes e fracos, as ameaças e as oportunidades do

projecto e o que definimos como desafios onde se perspectivam algumas acções futuras que poderão contribuir para a continuação e sustentabilidade deste projecto.

Pontos fortes (*Strengths*)

- Qualidade e diversidade do património histórico, arqueológico e paisagístico.
- Existência de uma adequada estratégia de salvaguarda e valorização do património cultural e natural.
- Qualidade dos projectos museológicos.
- Museu polinucleado aliado à requalificação e valorização do centro histórico de Mértola.
- Reconhecido mérito nacional e internacional a nível da investigação principalmente na temáticas relacionadas com o período islâmico.
- Existência de associações locais com reconhecido trabalho nas mais diversas áreas.

Pontos fracos (*Weakness*)

- Baixa densidade populacional.
- Reduzido grau de acessibilidades.
- Isolamento geográfico e humano que provoca graves crises sociais.
- Poucos recursos endógenos qualificados e motivados para actividades inovadoras.
- Capacidade empresarial inexistente.
- Mudanças de estratégia relacionadas com alterações políticas.
- Centro Histórico degradado e desertificado.
- Decadência e desactualização de alguns núcleos museológicos em termos museográficos e de utilização de novas tecnologias da informação.

- Complexidade de gestão dos núcleos museológicos relacionada com a polinuclearização e com coexistência de duas instituições responsáveis: Autarquia e Campo Arqueológico de Mértola.
- Dificuldades de diálogo e constituição de verdadeiras parcerias entre os agentes locais.

Oportunidades (*Opportunities*)

- A polinuclearização é uma mais-valia em termos de requalificação e divulgação do centro histórico de Mértola e permite uma interpretação cronológica e temática do território ao longo dos tempos.
- A qualidade e a diferença do projecto Mértola Vila Museu relativamente a projectos museológicos dos concelhos vizinhos, faz com que este projecto se afirme como um factor de desenvolvimento local.
- A qualidade e impacto nacional e internacional do projecto Mértola Vila Museu é uma mais-valia em termos do desenvolvimento local aliado a projectos culturais.

Ameaças (*Threats*)

- Perda de visitantes para Concelhos limítrofes com projectos mais atractivos.
- Inexistência de diálogo entre os agentes locais.
- Desertificação do Concelho de Mértola.
- Inexistência de projectos empresariais noutras áreas complementares ao Turismo: restauração, alojamento, animação turística, produtos tradicionais.
- Dissociação entre a população local e as estratégias de desenvolvimento assentes no património e na cultura.

Desafios (*Challenges*)

- Definir uma correcta estratégia de salvaguarda e valorização do património, nas suas mais diversas vertentes.

- Promover o diálogo e a parceria entre as instituições locais.
- Dinamizar e apoiar estruturas de apoio ao turismo cultural e natural.
- Definir um novo modelo de gestão para o Museu de Mértola.
- Promover o envolvimento da população local.

6.2. Balanço de actividades e projectos

Não se pretende neste ponto uma relação exaustiva dos projectos realizados pelas instituições nos últimos anos, a finalidade é perceber quais as principais linhas estruturantes e qual a estratégia de acção de cada instituição e, principalmente, perceber qual o seu relacionamento em termos globais, ou seja, o seu contributo para o desenvolvimento integrado e sustentável do Concelho de Mértola.

Esta breve análise dos projectos e acções desenvolvidas pelas instituições permitirá também perceber se realmente o estudo, preservação e divulgação patrimonial são a linha condutora das suas actividades e da sua preocupação com o bem-estar da população e com o desenvolvimento económico, social e cultural. É também de extrema importância retirar algumas ilações relativamente à existência, ou não, de uma verdadeira relação de partilha e parceria entre as instituições locais.

6.2.1. Actividades da Autarquia

Como já foi amplamente referido neste trabalho, nos primeiros anos o projecto não se encontrava formalmente estruturado, baseando-se principalmente na actividade arqueológica, na recolha e levantamento patrimonial, na investigação sobre a história local e na divulgação para a população local¹¹⁶. Em 1991, foi

¹¹⁶ A primeira exposição com materiais arqueológicos e arte sacra foi inaugurada no dia 20 de Março de 1980, na Antiga Igreja da misericórdia. Informação recolhida no Arquivo Municipal de Mértola – actas de Reuniões de Câmara (Livro n.º 35 – Acta 7/80 – Acta da Reunião Ordinária da Câmara Municipal do Concelho de Mértola, realizada em 19 de Março de 1980, fl. 64v. e 65).

elaborado o documento *“Concelho de Mértola – Projecto de Desenvolvimento Integrado”* onde se encontram já delineadas as principais directrizes para a implementação de um projecto de desenvolvimento local, integrado e sustentável, que contribuisse de forma clara para o bem-estar da população mertolense¹¹⁷. Neste documento é clara a ideia de que a colaboração e parceria entre as entidades locais é fundamental, definindo como principais entidades intervenientes a Autarquia, a ADPM e o CAM. Estão também bem estruturadas as ideias relativas à instalação dos núcleos museológicos e à salvaguarda e valorização do Centro Histórico, referindo também a importância de estender estas actividades a outras áreas do Concelho nomeadamente à Mina de S. Domingos e Pomarão.

O *“Plano de Acção para a Vila de Mértola – A Vila Museu e o Rio”*¹¹⁸, executado em 1999, propõe algumas intervenções ao nível do Centro Histórico que têm subjacentes a finalidade *“de apresentar medidas capazes de reforçar as capacidades e tratar debilidades, capacitando Mértola Vila Museu num desenvolvimento sustentado numa base turístico cultural.”*¹¹⁹. A estratégia delineada neste Plano baseava-se em

¹¹⁷ *“As alternativas de desenvolvimento económico passam pela posta numa perspectiva de turismo integrado, não massificante e virado para a cultura aliado ao correcto aproveitamento das potencialidades naturais da região. Esta estratégia permitirá criar toda uma série de trabalhos, quer a montante quer a jusante, pequenos postos de comércio e de apoio às actividades culturais e museológicas, ao auto-emprego e ainda às variantes do turismo proposto. (...) in, Concelho de Mértola – Projecto de Desenvolvimento Integrado, 1991, pg. 19.*

¹¹⁸ *“Este estudo apresenta um plano de acção estruturado que, com base na alavancagem dos reconhecidos valores histórico-culturais da Vila de Mértola e envolvente, persegue de forma sistemática os objectivos-alvo definidos pela CCRA, a saber: a recuperação e revitalização de Mértola; a integração de Mértola na oferta e organização do turismo regional; a contribuição para a preservação e aproveitamento turístico do património histórico-cultural local e a integração do património artístico e cultural no processo de desenvolvimento global da região”, pg. 3. Este Plano enquadra-se no Projecto-Piloto de “Revitalização das Aldeias e Vilas Históricas da Região” integrado no PORA, previsto para o III Quadro Comunitário de Apoio.*

¹¹⁹ *“A população da Vila de Mértola é hoje portadora de um conhecimento da sua história muito significativo. A interiorização deste contexto cultural decorre do trabalho desenvolvido ao longo de duas décadas durante as quais a metodologia de abordagem histórica aqui seguida se projectou no resto do país e fora das fronteiras. É com base no seu reforço que será possível manter a*

três programas principais: intervenções urbanas (principalmente relacionadas com a reabilitação do Centro Histórico e com a envolvente ribeirinha), desenvolvimento endógeno de base turístico-cultural (onde se incluíam os produtos e produtores locais e infra-estruturas relacionadas com a actividades turística) e promoção externa (diversas formas de divulgação do potencial turístico e cultural do Concelho).

Dentro da linha de divulgação e promoção do potencial patrimonial e turístico, iniciou-se em 2001 a realização de um festival bianual ¹²⁰ – o Festival Islâmico – que constitui um exemplo feliz da relação entre a salvaguarda do património e a sua difusão como instrumento sólido e estruturado. Este evento é organizado pela Autarquia mas conta também com a colaboração de diversas representações de países como Marrocos, Egipto, Tunísia, a Comunidade islâmica de Espanha, associações, comerciantes e produtores locais e exteriores cujos produtos apresentem qualidade e se insiram na temática do Festival.

Em Março de 2002 foi elaborado o “*Plano de Requalificação e Valorização do Castelo de Mértola e sua Envolvente*”, uma parceria entre a Autarquia, o IPPAR e o CAM. As acções previstas neste Plano, para além da recuperação do património, visavam também a integração de Mértola em circuitos turísticos e o aumento da capacidade de atracção de investimentos em função da valorização de um importante sector do centro histórico – o Castelo e a Alcáçova. Este documento reforça a aposta na imagem “Mértola Vila Museu” com o objectivo de a tornar mais atractiva em termos turísticos, recuperando e valorizando espaços e estruturas degradadas tornando-os mais aprazíveis, mas sempre com o objectivo de dotar o centro histórico de infra-estruturas destinadas à melhoria das condições de vida

denominação Mértola Vila Museu e o seu reconhecimento externo” (Plano de acção para a Vila de Mértola – a Vila-Museu e o Rio, 1999, pg. 54).

¹²⁰ Este festival já conta com cinco realizações – 2001, 2003, 2005, 2007 e 2009, tendo sempre vindo a aumentar o número de visitantes durante os quatro dias em que decorre.

dos residentes. Neste Plano continua a entender-se a cultura como factor gerador de desenvolvimento sócio-económico, sendo a arqueologia e o seu aproveitamento museológico os principais recursos existentes na Vila em concertação com as potencialidades fluviais¹²¹.

Aliada aos projectos europeus *REVA* e *RESIDE*¹²², foi criada, em 1997, a *Rede AVEC*¹²³, com o objectivo de desenvolver na Europa uma filosofia baseada no respeito pelas diferenças e pela interacção entre culturas. Para os seus membros¹²⁴, a cultura material e imaterial são vectores de identidade e partilha e constituem a base da construção de “cidades” sustentáveis. Cada um dos membros, entre os quais a CMM, toma parte na construção de uma herança baseada na troca de

¹²¹ As acções definidas neste plano decorreram entre 2003 e 2009 e que incluíam a intervenção no castelo e sua envolvente, Alcáçova e acções promocionais não foram todas concluídas, umas por problemas de ordem financeira, outras por decisões políticas do executivo camarário. A última acção, o Circuito de Visitas da alcáçova, foi concluída em Março de 2009 e constituiu um novo fôlego para o circuito patrimonial de Mértola e para o Museu.

¹²² O *RESIDE - Reseaux des Sites pour le Development* - baseou-se no valor da herança romana existente no Concelho e região envolvente que para além da investigação e troca de experiências com os outros países parceiros, culminou com a edição de materiais alusivos a esta temática, e uma exposição itinerante que contava com réplicas de alguns dos objectos do núcleo museológico Casa Romana e a colocação de painéis informativos junto a todos os locais do período romano na Vila de Mértola.

¹²³ A Rede *AVEC - Alliance of European Cultural Cities* - tem o financiamento da União Europeia, do Comité das Regiões, do Conselho da Europa, do Ministério Francês para a Cultura e Comunicação - Direcção de Arquitectura e Património, do Ministério Francês da Ecologia, Energia, Desenvolvimento Sustentável e Planeamento do Território - Direcção de Poluição e Prevenção de Riscos e por outras instituições e organismos europeus.

¹²⁴ Os membros desta Rede são: Anderlecht (Bélgica), Shumon e Sliven (Bulgária), Osijek (Croácia), Balga, Melilla, Toledo e Ubeda (Espanha), Aix-en-Provence, Arles, Bastia, Limoges, Metrópole de Rennes, Agda e Pézenes, Tours e Vienne (França), Esztergom, Pécs e Szombathely (Hungria), Consenza, Lamezia Terme, Regusa e Torino (Itália), Birgu, Bormla e Isla (Malta), Évora, Idanha-a-Nova, Mértola, Santarém e Tavira (Portugal), Arad, Brasod e Constanza (Roménia) e Mediana (Sérvia).

valores através da conservação dos legados do passado e o desenvolvimento de novas criações.

Um dos projectos desenvolvidos pela *Rede Avec* é o *label European Qualicities* que tem como objectivo promover a qualidades das acções dos membros. Este “rótulo” é atribuído às comunidades locais que tentem implementar a Carta Europeia das Cidades e Territórios de Cultura¹²⁵ e, quando atribuído, dá a garantia aos habitantes e visitantes que a cidade e a comunidade contribuem permanentemente para a preservação do seu património e melhoria da qualidade dos serviços prestados e do ambiente¹²⁶. Também no âmbito da *Rede AVEC* foi desenvolvido com parceiros nacionais¹²⁷ o Projecto “*Três Culturas*”, que teve como principal objectivo a partilha e troca de experiências entre as comunidades ao nível do património imaterial, e o *Projecto Oralidades*¹²⁸, actualmente em desenvolvimento, com o objectivo de valorizar a cultura tradicional e o património imaterial, a promoção do diálogo intercultural e a cooperação entre os membros de acordo com o programa de acções de tradição oral.

Em 2004, o Museu de Mértola contou com o financiamento¹²⁹ do PAQM da Rede Portuguesa de Museus, para a realização de três projectos: o *website* do Museu¹³⁰, a aquisição de equipamentos de conservação preventiva e a implementação de normas e procedimentos de conservação nos diversos núcleos

¹²⁵ Adoptada em Outubro de 2000 pelas autoridades locais, membros da Rede AVEC.

¹²⁶ A Câmara Municipal de Mértola tem já em fase de conclusão a sua candidatura.

¹²⁷ Desenvolvido com as Autarquias de Évora e Idanha-a-Nova.

¹²⁸ Coordenado pela Câmara Municipal de Évora, com os parceiros dos municípios de Mértola, Idanha-a-Nova (Portugal), Ourense (Espanha), Ravenna (Itália), Birgu (Malta) e Sliven (Bulgária).

¹²⁹ Aprovado no âmbito da I.C. INTERREG III, teve uma comparticipação autárquica no valor total de 20.368, 31 €.

¹³⁰ Ver www.museudemertola.pt

museológicos e o estudo *“Cerâmica Islâmica da Coleção do Museu de Mértola”*, elaborado sobre os materiais em exposição e em reserva.

O Projecto PATNIME¹³¹, realizado em 2006 e 2007, teve como principal finalidade o estudo do património histórico e arqueológico de Mértola e de Niebla que no passado constituiriam entidades políticas vizinhas. No âmbito deste projecto foram realizadas as Cartas Arqueológicas dos dois municípios e foi desenvolvido um conjunto de actividades entre as quais se destacam uma página *web*¹³², diversas publicações e uma exposição itinerante - *“Mértola e Niebla: Na Confluência de Dois Territórios”*.

Desenvolvido em 2007 e 2008, o Projecto ARQUEOCULTURA, teve como Parceiros a Autarquia de Mértola¹³³, a Câmara Municipal de Moura e o *Ayuntamiento* de Aroche (Espanha). Os parceiros executaram acções conjuntas relacionadas com a sensibilização para a preservação patrimonial, a produção de materiais didácticos e acções individuais que, em Mértola, se traduziram em duas intervenções arqueológicas¹³⁴, uma Conferência de Homenagem a Professor Doutor António Borges Coelho e duas publicações¹³⁵. Relativamente a este projecto uma das acções mais importantes foi a intervenção de conservação e valorização dos mosaicos da alcáçova, factor imprescindível para a musealização daquele local.

¹³¹ Este Projecto foi apoiado financeiramente pelo programa comunitário INTERREG IIIA e constituiu uma parceria entre a Câmara Municipal de Mértola e a Universidade de Huelva, com colaboração do CAM.

¹³² Ver www.patnime.net

¹³³ O financiamento para a CMM foi de 190.000,00€.

¹³⁴ Quintal do antigo Quartel dos Bombeiros Voluntários e zona anexa ao Cine-Teatro Marques Duque.

¹³⁵ *Mértola Arqueológica. 2003-2008* e *Alcáçova do Castelo de Mértola. 1978-2008. Trinta anos de arqueologia*.

Um dos últimos projectos desenvolvidos na área da valorização patrimonial foi o Projecto *MERCATOR* (2006, 2007 e 2008) que contou com diversos parceiros europeus¹³⁶ e duas instituições convidadas de Marrocos e do Líbano. Incluiu diversas acções relacionadas com a identificação e valorização de marcas de identidade histórica dispersas pelos territórios do Mediterrâneo, sendo o principal objectivo promover, difundir e valorizar o património, através da valorização dos sítios arqueológicos vinculados à produção, distribuição e comercialização de produtos, e à realização de produtos multimédia que facilitem o conhecimento e divulgação através da Internet. Entre as diversas acções do Projecto destaca-se a criação de uma Rede de Museus¹³⁷, um itinerário cultural que foi incluído numa publicação relativa a todos os parceiros – *Atlas Mercator* – e a execução de material didáctico. Durante o período de duração do projecto foram organizadas várias reuniões, conferências e workshops em diversos países participantes¹³⁸.

Em termos da salvaguarda e valorização do Centro Histórico de Mértola é de salientar o trabalho desenvolvido pelo GTL (Gabinete Técnico Local), nas suas duas fases de intervenção¹³⁹, no que se relaciona com o levantamento arquitectónico, a elaboração de projectos de recuperação e revitalização bem como a proposta, implementada posteriormente pela Autarquia, de subvenções para

¹³⁶ Desenvolvido no âmbito do Programa INTERREG IIIB contou como parceiros com Heritage Malta (Chefe de Fila), Câmara Municipal de Mértola, Universidade de Évora, Museu Arqueológico Provincial de Alicante (Espanha), Dipartimento Turismo, Cultura, Sport i Spettacolo (Liguria - Itália), o Conzorzio Pisa Ricerche (Pisa - Itália), a Regione Lazio (Itália), a Associação “Poseidon” (Salónica - Grécia).

¹³⁷ A Rede de Museus é constituída por um museu seleccionado por cada parceiro, que tem como principal objectivos a realização de um Protocolo sobre as novas tecnologias adaptadas aos museus. Os museus portugueses integrantes da Rede são o Museu de Mértola e o Museu da Luz.

¹³⁸ A CMM em colaboração com o CAM organizou a Conferência Internacional “Intercâmbio de Produtos no Mediterrâneo Antigo: os Objectos de Comércio”, em Maio de 2008.

¹³⁹ Início da década de noventa do século XX e primeiros anos do segundo milénio.

recuperação de edifícios no Centro Histórico, principalmente ao nível das coberturas e fachadas. Ao nível da recuperação de edifícios no Centro Histórico a Autarquia tem também feito um esforço com o objectivo de reabilitar habitações degradadas que têm sido posteriormente atribuídas a famílias carenciadas. Relativamente ao investimento privado, este tem vindo a aumentar, no entanto, a crescente especulação imobiliária leva a que a opção seja construir fora do casco antigo e não recuperar casas no Centro Histórico.

Ainda relacionadas com a requalificação e valorização patrimonial e com o incentivo ao turismo foram, em 2004, criadas a Fundação Serrão Martins e a MERTURIS, Empresa Municipal de Turismo. A FSM *“prosegue fins sociais, culturais, artísticos, educativos, científicos e económicos visando a elevação do nível sócio cultural e técnico do Concelho de Mértola de harmonia com os princípios tradicionais da região, promovendo o desenvolvimento sócio-económico e cultural da Mina de S. Domingos e recuperando a sua tradição mineira”*¹⁴⁰. Tem como fundadores a Câmara Municipal e a *La Sabina* – Sociedade Mineira e Turísticas SA, sendo esta última a detentora da concessão da mina e dona de grande parte do património da povoação. A MERTURIS tem como principal investidor a Autarquia, estando, futuramente, aberta à participação de capital privado e tem como principais objectivos a promoção e divulgação das potencialidades turísticas do Concelho de Mértola nas suas mais diversas vertentes.

6.2.2. Actividades e projectos da ADPM

A ADPM foi formalmente criada em 1980, estando inicialmente ligada à preservação e divulgação do património no seu sentido mais lato. Nas últimas décadas e tendo em conta a autonomização do CAM, esta instituição especializou-se

¹⁴⁰ Estatutos da Fundação Serrão Martins, aprovados em reunião de Câmara de 4 de Fevereiro de 2004.

nas questões ambientais e de desenvolvimento local tendo desenvolvido uma diversidade de projectos com incentivo do Ministério do Ambiente, da Administração Regional, de instituições internacionais como a WWF, e através de fundos de desenvolvimento regional oriundos da Comunidade Europeia. Esta instituição esteve também na base da classificação da bacia hidrográfica do Guadiana como reserva natural, objectivo que foi concretizado em 1995 com a criação do Parque Natural do Vale do Guadiana¹⁴¹.

Após um período de apoio a diversos projectos e da sua própria estruturação interna a ADPM, começou a desenvolver projectos relacionados com o desenvolvimento local, mais concretamente com o mundo rural, através da edição de publicações, da criação de circuitos relacionados com a recuperação de técnicas tradicionais¹⁴² e com a preservação e educação ambiental. Em meados dos anos 80 começou a centrar-se em projectos tendentes a qualificar indivíduos cultural e profissionalmente em áreas sociais e de dinâmica comunitária, a prestar apoio técnico e logístico às actividades económicas e ao investimento público e privado, a candidatar e gerir projectos para os grupos mais desfavorecidos, o que aproximou esta instituição das necessidades mais reais da população.

Também a área da formação profissional tem sido amplamente desenvolvida por esta associação como forma de melhorar as competências para a criação de emprego e para a fixação da população jovem ao mesmo tempo que atrai indivíduos exteriores ao Concelho através da realização de um Curso de Mestrado,

¹⁴¹ O PNVG foi criado através do Decreto-Lei n.º 28/95, de 18 de Novembro. Parte da superfície deste parque natural é abrangida pela ZPE “Vale do Guadiana” (criada através do Decreto-Lei n.º 348-B/99 de 23 de Setembro) e pelo Sítio “Guadiana” incluído na Lista nacional de Sítios estabelecida através da resolução do conselho de Ministros n.º 142/97, de 28 de Agosto).

¹⁴² Grande apoio dado na criação e manutenção da actividade da Cooperativa Oficina de Tecelagem, a recuperação de uma azenha e de um moinho de vento e a aquisição de uma propriedade donde se desenvolve a criação de plantas aromáticas endógenas e a agricultura biológica.

em colaboração com a Universidade do Algarve, dedicado ao tema específico do desenvolvimento local.

6.2.3. Actividades e projectos do CAM

O CAM é uma associação cultural e científica sem fins lucrativos que foi declarada instituição de utilidade pública em 1995. Desde a sua criação que esta instituição tem como objectivo fomentar o levantamento, estudo e pesquisa dos bens arqueológicos, etnográficos e artísticos da região de Mértola e proceder à sua conservação e salvaguarda. Assim, pode cooperar com qualquer entidade pública ou privada, nacional ou estrangeira, na promoção de acções científicas culturais e sociais.

Desde a sua criação que esta instituição procurou desenvolver uma investigação científica multidisciplinar no âmbito das ciências sociais e humanas. Além de um interesse directo pela história e arqueologia, os seus grupos de trabalho têm vindo também a dedicar-se à história local, ao património histórico, à herança artística e cultural, à museologia e à antropologia. No que diz respeito à arqueologia, assinalamos as escavações programadas e de emergência na Vila de Mértola e em outros locais da região, o levantamento da Carta Arqueológica do Concelho, e o desenvolvimento de importantes projectos de investigação, nomeadamente: *“Investigação em Arqueologia Medieval e Islâmica”* (1987-1990), *“Estudo Arqueológico do Bairro Islâmico da Alcáçova de Mértola”* (1993-1996), *“Mértola Islâmica. Recursos Económicos e Quotidiano”* (1997-1999), e *“Mértola. História e arqueologia da Alta Idade Média”* (2001-2003), financiados pelo Ministério de Ciência e do Ensino Superior; e os projectos *“Escavações arqueológicas em Mértola, 1999-2002”* e *“Mértola e o seu Território na Antiguidade e na Idade Média. Trabalhos Arqueológicos em Mértola 2003-2006”* (Programa PNTA do Instituto Português de Arqueologia).

Em relação à História Local, destaca-se o projecto *“Investigação Documental em Historia Local de Mértola”* (1989-1993), com o apoio do Ministério da Ciência e

Ensino Superior, e a reorganização e a abertura ao público do Arquivo Histórico Municipal. No âmbito do estudo e valorização do património pode citar-se os projectos "*Imaginária Religiosa do Concelho de Mértola – Inventário, estudo e organização museografia*" (1991-1994), "*O Casco Urbano de Mértola – Vectores Históricos de Organização Funcional*" (1991-1994) e "*Património edificado e tecnologias tradicionais de construção*" (1997-2000), também apoiados pelo Ministério da Ciência e Ensino Superior.

Sobre a actividade científica em antropologia cultural os trabalhos mais relevantes consistem no levantamento e revitalização da tecelagem tradicional e nos projectos de investigação "*Poejo, Mantas e Pão – um estudo de etnotecnologias*" (1992-1994) e "*Mudança social e práticas alimentares no Concelho de Mértola (1960- 1990)*" (1997-2001), apoiados também pelo Ministério da Ciência e Ensino Superior. No que se refere à investigação museológica e museográfica, destaca-se o "*Projecto de Museologia Local*" (1990-1997) financiado pelo Ministério da Ciência e Ensino Superior e a concepção e montagem dos núcleos do Museu de Mértola: Torre de Menagem, Basílica Paleocristã, Oficina de Tecelagem, Ermida e Necrópole de São Sebastião, Oficina do Ferreiro, Arte Sacra e Arte Islâmica.

As actividades científicas do CAM permitiram também organizar acontecimentos científicos de importância nacional e internacional onde se destaca a IV Conferência Internacional "*A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*", realizado em Lisboa em 1987, a Conferência "*Hábitos alimentares e formas de habitar na Idade Média*", realizado em Mértola em 1993, a Conferência "*Portos Medievais do Mediterrâneo*", realizada em Mértola em 2001, a Conferência "*Al-Ândalus Espaço de Mudança*", realizada em Mértola em 2005 e a Conferência Internacional "*Intercâmbio de Produtos no Mediterrâneo Antigo: Os Objectos de Comércio*", realizada em Mértola, em colaboração com a Câmara Municipal, em 2008. Destaque ainda para as homenagens efectuadas aos Professores António Borges Coelho em 2007 e José

Mattoso em 2008, ilustres impulsionadores e colaboradores em diversos projectos desta instituição.

Para além da sua actividade científica, o CAM, motivado pela sua vocação de serviço público, tem colaborado em diversas acções de desenvolvimento local em colaboração com outras instituições locais e regionais. Além disso, a produção editorial ultrapassa já as duas dezenas de títulos, de que se podem destacar a revista *Arqueologia Medieval*, actas de colóquios e seminários, monografias científicas, uma série dedicada a estudos e documentos, os catálogos do Museu de Mértola e de exposições itinerantes, e outras publicações de divulgação.

É relevante referir também as distinções que o trabalho do seu Director e a equipa têm recebido ao longo dos anos, entre eles, o Prémio Pessoa¹⁴³, em 1991, a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique atribuída ao Doutor Cláudio Torres em 1993; o Prémio APOM 1995 atribuído pela Associação Portuguesa de Museologia pela obra museológica da instituição. Em 1996, o CAM como instituição relevante no meio cultural português, foi homenageado pelo Presidente da República e em 1998, a instituição, na pessoa do seu Director, foi agraciada pelo Ministro da Cultura com a Medalha de Mérito Cultural. Em Fevereiro de 1999, foi distinguido com o "Prémio Inovação" pelo programa "Acontece" da RTP e em Fevereiro de 2001 a obra "*O Legado Islâmico em Portugal*"¹⁴⁴ da autoria de Cláudio Torres e Santiago Macias foi galardoada com o prémio "Rómulo de Carvalho" da Universidade Lusíada. Cláudio Torres em Dezembro de 2001 é distinguido com o título de "*Doutor Honoris Causa*" pela Universidade de Évora e, em 22 de Junho de 2003, foi-lhe atribuído o 1º Prémio "Património" pela Revista Mais Alentejo.

¹⁴³ Atribuído ao Doutor Cláudio Torres "pelo mérito da sua obra de investigação e promoção cultural no domínio da Arqueologia".

¹⁴⁴ Editada pelo Círculo de Leitores.

6.2.4. Actividades de outras instituições

Dentro do panorama de revitalização e desenvolvimento do Concelho de Mértola destacam-se ainda outras instituições, como é o caso do **Clube Náutico de Mértola**, uma associação que tem como principal actividade a promoção dos desportos náuticos relacionados com o Rio Guadiana, sendo o mais emblemático a canoagem. Tem também outras actividades importantes já que dispõe de um Centro de Estágio Internacional que recebe equipas nacionais e estrangeiras que aqui fazem os seus estágios, e desenvolve também algumas actividades incentivadoras da prática do turismo desportivo e de natureza complementar da actividade turística ligada ao património cultural.

A Escola Profissional **ALSUD**¹⁴⁵ funcionou, durante algum tempo, como meio complementar para manter a equipa científica do CAM, já que a grande maioria dos seus formadores pertenciam a esta instituição e, ao mesmo tempo, deu um novo alento ao projecto no sentido em que, em vez dos jovens de Mértola se deslocarem para fazer os seus estudos secundários nas áreas específicas do turismo, arqueologia, museografia e recuperação do património, podiam permanecer no seu local de origem. Actualmente mais relacionada com a formação de animadores sócio-culturais e com cursos para adultos em áreas importantes para a actividade profissional no Concelho de Mértola, regista também grande afluência de alunos de outros pontos do país e dos PALOP.

O **Parque Natural do Vale do Guadiana** foi classificado com área protegida em 1995 e é fruto de um longo trabalho de preservação ambiental levado a cabo pela ADPM. A justificação desta classificação está relacionada com o facto da zona denominada como *“troço médio do vale do Guadiana”* tem vindo desde há alguns anos a ser objecto de diversos estudos que revelam o seu levado interesse faunístico, florístico, geomorfológico, paisagístico e histórico-cultural.¹⁴⁶ Esta Área Protegida encontra-se,

¹⁴⁵ Ex-Delegação de Mértola da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça.

actualmente regulamentada através do seu Plano de Ordenamento¹⁴⁷, e tem como principais objectivos a conservação da natureza e biodiversidade, o desenvolvimento local, a informação ambiental e educação e o património natural. Desenvolve uma importante actividade junto das populações abrangidas pela área do Parque, a par da investigação e estudo da fauna e flora local e estabelece um importante contacto com o público escolar no que se refere à sensibilização para a conservação da natureza.

Por seu turno, entidades como o **Agrupamento de Escolas de Mértola**, a **Santa Casa da Misericórdia** e as **Juntas de Freguesia** dão também o seu contributo não só a nível dos seus projectos educacionais e sociais mas também da participação em actividades e acções que se inserem nos projectos de salvaguarda, valorização e divulgação do património no seu sentido mais lato já que são meios indispensáveis para chegar a alguns tipos de público muito específico como sejam as crianças, os jovens, os idosos e a população mais carenciada.

6.2.5. O Projecto Integrado de Mértola

Em 1995, o Projecto Mértola Vila Museu conhece novo impulso com a aprovação do PIM no âmbito do Programa de Acções Estruturantes - Programa de iniciativas de Desenvolvimento Local, do Ministério do Comércio e do Turismo. Este projecto correspondeu a uma iniciativa conjunta do Ministério do Comércio e Turismo e da Autarquia, em colaboração com a ADPM e o CAM. Tinha como principais objectivos *“a realização de obras nos domínios da valorização dos sítios e dos monumentos,*

¹⁴⁶ *“Estes factores conjugados com a circunstância de a identidade da paisagem desta zona se encontrar ameaçada pelo progressivo desaparecimento dos sistemas tradicionais de utilização do solo, justificam plenamente a sua classificação, por forma a salvaguardar os valores naturais aí existentes e, simultaneamente, promover o desenvolvimento sustentado da região e a qualidade de vida das populações”*. Excerto de texto da brochura *Parque Natural do Vale do Guadiana*, 2001, pg. 1.

¹⁴⁷ Resolução do Conselho de Ministros n.º 164/04, de 10 de Novembro.

da musealização, da construção de infra-estruturas de acolhimento, da instalação de sinalização e da informação turística"¹⁴⁸.

Este projecto dividiu-se em três eixos principais: a criação ou modificação de estruturas museológicas, a valorização de monumentos e as infra-estruturas de acolhimento e sinalização. Inicialmente com a duração de dois anos (1995/96) viu a sua conclusão adiada por se perceber que era impossível, em dois anos, levar a cabo uma intervenção desta dimensão. Ficou concluído em 2007, com a inauguração da Casa Amarela, onde se localiza a sede do CAM e o Centro de Estudos Islâmicos e do Mediterrâneo e que funciona também como apoio ao Museu de Mértola já que conta com uma área de exposições temporárias. Em termos estratégicos e de desenvolvimento integrado¹⁴⁹ este Projecto foi um dos momentos mais positivos, que poderia ter sido, se bem gerido e estruturado, um dos principais motores de desenvolvimento de Mértola Vila Museu.

6.2.6. Terras da Moura Encantada

O Programa de Incremento ao Turismo Cultural iniciou com o estabelecimento de um percurso cultural através dos vestígios da herança islâmica e teve como principais objectivos divulgar e valorizar vestígios do nosso passado histórico, fomentar o diálogo com outros povos e culturas no espaço da Bacia do Mediterrâneo e revitalizar sectores económicos directa ou indirectamente ligados ao turismo¹⁵⁰. O itinerário em Portugal foi articulado com outros itinerários

¹⁴⁸ Projecto Integrado de Mértola, Operação-Piloto de Valorização Sócio-Cultural e Turística, 1995. O valor total do projecto ascendeu aos 407.500 contos dos quais 250 mil contos foram suportados pelo Ministério do Comércio e Turismo e 157.500 contos da responsabilidade da Câmara Municipal de Mértola e doutras fontes de financiamento.

¹⁴⁹ Ver descrição das acções concretas deste Projecto em anexo (pg. 190).

¹⁵⁰ O Programa de Incremento do Turismo Cultural (Resolução de Conselho de Ministros n.º 127/97, de 30 de Julho) foi criado como objectivo de preparar, lançar e divulgar circuitos de turismo cultural no espaço nacional. Reconheceu-se, assim, a necessidade de, através de acções concretas, estreitar a cooperação entre turismo e cultura, criando novas

subordinados ao mesmo tema desenvolvidos na Bacia do mediterrâneo, promovendo o diálogo entre a Europa, África e Médio Oriente. Este Projecto enquadrou-se no Programa Museu sem Fronteiras “*que concebe o espaço euromediterrânico como um imenso “museu aberto” que o público poderá visitar, de acordo com programas temáticos apresentados em contextos geográficos precisos*”¹⁵¹.

No caso do território português o itinerário *Terras da Moura Encantada* foi desenvolvido pela equipa do CAM e incluía diversos percursos¹⁵² que se revelaram extremamente importantes para a divulgação da herança islâmica em Portugal, ao mesmo tempo que aumentou o respeito pelos locais e pela identidade das populações. Foi também um importante ponto de partida para o relacionamento entre diversos países da bacia do mediterrâneo ¹⁵³ no sentido em que abriu novas linhas de cooperação e parceria.

motivações para visitar o território nacional e fruir de monumentos, sítios e paisagens. Segundo Flávio Lopes, “*um aspecto relevante da acção do programa de incremento do Turismo cultural foi o facto de se terem conseguido sensibilizar os agentes locais – autarquias, regiões de turismo, associações culturais e agências de viagens – para a importância nacional e internacional do património, levando-os a empreenderem acções complementares, por eles financiadas, (...).*” (“Museu sem Fronteiras – Um novo conceito de museologia lançado em Portugal pelo Programa de Incremento do Turismo Cultural” in, *Encontros do Património de Vila do Conde*, 2003, pg. 59-66.

¹⁵¹ Terras da Moura Encantada – Itinerário/Exposição, 1997, pg. 3.

¹⁵² Lisboa, Sintra e Santarém; os Castelos do Sado; as terras de fronteira entre Mouros e Moçárabes; o Reino de Taifa de Mértola: um território e uma identidade; e Silves, capital da arte almóada – uma ponte para o Magrebe.

¹⁵³ Os países parceiros neste projecto, para além de Portugal, foram: Argélia, Egipto, Israel, Jordânia, Marrocos, Palestina, Tunísia, Turquia, Itália, Espanha, Áustria, Dinamarca, Finlândia e Suécia. Participou também a Comissão Europeia e a ONG “Museu Sem Fronteiras”.

6.2.7. *Discover Islamic Art*

O Museu sem Fronteiras¹⁵⁴, criado em 1994, encontra-se sediado em Bruxelas, e é uma ONG cujo programa inovador e visionário tem como objectivo a criação de um vasto museu transnacional onde as obras de arte, a arquitectura e a arqueologia se apresentam no seu contexto originário. Relativamente ao projecto *Discover Islamic Art*, do qual o Museu de Mértola é o representante de Portugal¹⁵⁵, este tem como principal fundamento o reconhecimento da extensão do mundo islâmico e que poucas pessoas têm a possibilidade de visitar os museus que contêm as peças ou os seus edifícios e monumentos. *Online* o visitante pode percorrer diversos períodos da história da arte islâmica divididos numa área de exposição permanente e em diversas exposições temáticas¹⁵⁶, que incluem um acervo de centenas de objectos e outros elementos associados que permitem uma percepção deste mundo e incentivam à visita dos locais e dos museus¹⁵⁷.

Catorze países do Mediterrâneo e a União Europeia, uniram-se para criar um museu virtual que recolhe a arte islâmica e a cultura material da região

¹⁵⁴ Conta com 19 países associados: Alemanha, Argélia, Áustria, Autoridade Palestiniana, Croácia, Egipto, Eslovénia, Espanha, Hungria, Itália, Jordânia, Marrocos, Portugal, Reino Unido, República Checa, Suécia, Síria, Tunísia e Turquia.

¹⁵⁵ O Museu de Mértola é representado pelo seu Director, Doutor Cláudio Figueiredo Torres, e pelo investigador Doutor Santiago Macias.

¹⁵⁶ Ver www.discoverislamicart.com

¹⁵⁷ Museus associados: Museum for Islamic Art at the Pergamon Museum (Alemanha), Archaeological Museum (Argélia), Islamic Art Museum (Egipto), Museo Arqueológico Nacional (Espanha), Museo Nazionale d'Art Orientale "G. Tucci" (Itália), Museum at the Citadel (Jordânia), National Archaeological Museum (Marrocos), Campo Arqueológico de Mértola e Museu de Mértola (Portugal), British Museum (Grã-Bretanha), Glasgow Museum (Grã-Bretanha), National Museums of Scotland (Grã-Bretanha), Victoria & Albert Museum (Grã-Bretanha), National Archaeological Museum (Síria), Museum for Mediterranean and Near Eastern Antiquities (Suécia), Islamic Museum and Al-qsa Library (Território da Palestina), Museum in Raqqada (Tunísia) e Museum of Turkish and Islamic Art (Turquia). Outras instituições envolvidas e patrocinadores: Ministry of Tourism, Department of Antiquities (Jordânia), European Union, Euromed Heritage, Fundação Calouste Gulbenkian, Ministério de Assuntos Exteriores de Cooperación e Foundation ONA.

mediterrânica, abraçando as distintas dinastias e culturas ao longo de 1280 anos, desde 634 d.C. até ao séc. XX. O Projecto é financiado pela Comunidade Europeia no âmbito do Programa *Euromed Heritage* e cada parceiro contribui com uma quota anual. Este projecto tem como principal finalidade o entendimento entre os povos da Europa e as suas comunidades islâmicas e com o mundo islâmico, revelando a importância da civilização islâmica para a arte e a cultura do mundo¹⁵⁸.

6.2.8. Protocolo de Colaboração entre o IPPAR, a Câmara Municipal e o CAM

Em Agosto de 2000 foi celebrado um Protocolo de Colaboração entre o IPPAR, a Autarquia e o CAM, com o objectivo de estabelecer um programa de viabilização a três anos das condições propícias a uma fruição pública do património cultural de Mértola, sob a gestão do CAM¹⁵⁹. Neste âmbito, o IPPAR comprometia-se a financiar anualmente o CAM¹⁶⁰ e a CMM comprometia-se a disponibilizar a tempo inteiro seis técnicos municipais, sendo o Campo Arqueológico responsável por aplicar integralmente as participações financeiras com o objectivo de otimizar a gestão do circuito de visitas e criar uma linha comercial. O objectivo final era perceber se este circuito era sustentável o que, tendo em conta o desequilíbrio entre despesa e receita, se verificou não ser.

¹⁵⁸ Este Reveste-se também de uma forte componente de investigação perceptível através da qualidade da equipa técnica, que inclui investigadores dos diversos países parceiros, e da qualidade dos textos e análises dos objectos mas, também, pela grande diversidade de publicações que o MWNF oferece dentro de várias temáticas e em diversas línguas. Em língua Portuguesa destacam-se as publicações *Descobrir a Arte Islâmica no Mediterrâneo, O Manuelino – A Arte Portuguesa da Época dos Descobrimentos, A Arte Islâmica no Mediterrâneo – Espanha, A Arte Mudéjar – A Estética Islâmica na Arte Cristã e Arte Islâmica no Mediterrâneo. Portugal – Terras da Moura Encantada*.

¹⁵⁹ Homologado pelo Secretário de Estado da Cultura por Despacho de 29 de Agosto de 2000.

¹⁶⁰ Num valor anual de 9.000.000\$00 e uma participação anual da CMM de 15.600.000\$00.

6.2.9. Rede Portuguesa de Museus

O Museu de Mértola candidatou-se à Rede Portuguesa de Museus em 2001, integrando esta estrutura desde 2002. O documento de avaliação técnica emitido pela RPM apresentava, para além de vários considerandos que sublinhavam o papel muito positivo que o Museu tem vindo a desempenhar, um conjunto de pontos a cumprir. O Relatório de Apreciação de Candidatura à Adesão à RPM¹⁶¹ sublinha *“a necessidade de serem especificadas as atribuições do Museu de Mértola no âmbito do Sector de Museus da Câmara Municipal e de serem acordados formalmente os termos da parceria a estabelecer com o Campo Arqueológico de Mértola, aspectos a concretizar até ao final de 2002.* Neste seguimento foi celebrado o Protocolo de Colaboração entre a Câmara Municipal e o CAM para a Gestão do Museu de Mértola¹⁶², assinado no dia 3 de Junho de 2004, que estabelece a tutela¹⁶³, que é da Autarquia, sendo também reguladas neste documento o âmbito, as funções¹⁶⁴, a Direcção¹⁶⁵, e outros pontos relacionados com a colecção, funcionamento e responsabilidades de cada uma das instituições intervenientes.

¹⁶¹ Documento 543/IPM-RPM/2002, de 8 de Maio de 2002. Neste documento *“Sublinha-se ainda a necessidade de criação do Serviço Educativo e da planificação da qualificação das reservas, de forma a obter as necessárias condições ambientais indispensáveis à salvaguarda dos respectivos bens arqueológicos”.*

¹⁶² Acta n.º 01/2004 de 2 de Junho – *“Ponto 13.3. – Museu de Mértola – Protocolo: Aprovado por unanimidade”.* Registado na CMM sob o n.º 050/2004, em 3 de Junho de 2004 (Serviço de Contratos). Ver cópia do documento em anexo.

¹⁶³ Cláusula 1ª – *Tutela – O Museu de Mértola será tutelado pela Câmara Municipal de Mértola, cabendo a sua Direcção e gestão científica ao Campo Arqueológico de Mértola.*

¹⁶⁴ Cláusula 3ª – *O MM tem como funções genéricas a investigação e estudo, a documentação, a conservação e a divulgação das colecções existentes ou que venham a ser incorporadas no seu património.*

¹⁶⁵ Cláusula 4ª – *Direcção do MM. 1. A Direcção Técnico-Científica do MM, bem como a sua representação pública, será assegurada pelo seu Director [neste caso o Doutor Cláudio Torres], por delegação de competência e sem prejuízo dos poderes de representação que cabem ao Presidente da CMM. 2. O cargo de Director do MM não será remunerado nem susceptível de quaisquer despesas, a não ser as que resultem da deslocação por força de acções de representação”.*

Realmente a quantidade e diversidade de projectos acima mencionados pode levar-nos a pensar, o que falta? Porque é que este projecto não está corresponder às expectativas dos mertolenses? O que falhou? No meu entender existem diversos aspectos que devemos ter em conta:

1. A desmotivação, desinteresse e incapacidade de coordenação dos principais intervenientes.

2. O desenvolvimento de um trabalho científico de excelência, com grande impacto nacional e internacional, mas falta de aproximação à comunidade: perdeu-se a ligação, o voluntarismo e a euforia dos primeiros anos.

3. Na última década, a falta de diálogo e realização de actividades em parceria entre os diversos agentes locais, públicos e privados.

4. Há grande diversidade de projectos de cada uma das instituições, mas falta planeamento estratégico e uma visão de conjunto; ao longo dos trinta anos perdeu-se algo dos conceitos de “trabalho de equipa” e de “desenvolvimento integrado”.

5. As mudanças políticas e a definição de novas estratégias de acção ao nível do território e do desenvolvimento.

6. A falta de incentivo e algum abandono por parte dos agentes intervenientes no que se refere à preservação, valorização e dinamização de estruturas já existentes, nomeadamente o Museu de Mértola, o que provocou decadência, estagnação e alguma perda de afluência.

7. O desinteresse total da comunidade em tudo o que se relaciona com o património: este é entendido como factor de retrocesso, de regresso ao passado e não de progresso e desenvolvimento.

8. O desinteresse da comunidade directamente relacionado com a falta de entendimento entre os principais agentes, que trespassa para a população local e,

em sentido mais alargado, as próprias mudanças de mentalidade, sociais e estruturais da sociedade em que vivemos.

9. Por último, os intervenientes como seres humanos que são, muitas vezes sobrepõem os interesses pessoais aos colectivos, o que resulta numa falta de equilíbrio e em graves conflitos de interesses. Penso que esta situação se verificou em Mértola de uma forma muito acentuada e com consequências nefastas e quase irreversíveis para os mertolenses.

Depois de um quadro tão negro poderemos inverter esta situação? Acredito sinceramente que sim. Esta afirmação fundamenta-se principalmente na longa experiência que tenho neste projecto, no reconhecimento da complexidade que representa o seu futuro mas, também, na confiança em muitos dos colaboradores e instituições intervenientes ao longo deste percurso, na capacidade e motivação dos colaboradores mais novos e na sua capacidade de imprimir uma nova dinâmica e um novo rumo ao Projecto Mértola Vila Museu.

Devemos estar conscientes que a sociedade mudou, as mentalidades e as motivações também pelo que, o projecto tal como foi delineado não poderá ser retomado dentro dos mesmos moldes. Mas uma coisa é certa: é necessário que os agentes locais, públicos e privados, entrem em diálogo, definam estratégias de trabalho em equipa e trabalhem em prol de um objectivo comum: o desenvolvimento de Mértola, tendo como base a valorização patrimonial e o turismo, sempre aliados à comunidade e ao território.

7. Propostas para um desenvolvimento sustentável

De uma forma geral, a ideia base de todo o Projecto Mértola Vila Museu foi a de salvaguardar e valorizar o património local – cultural e natural – de forma a potenciar o desenvolvimento e conduzir a comunidade local e as gerações

vindouras a padrões de qualidade de vida mais elevados, potenciando formas de desenvolvimento integrado e sustentável a médio/longo prazo.

A concepção desta ideia pelos seus dinamizadores iniciais foi de facto ambiciosa. Mas será que a podemos considerar utópica? De facto, para desenvolver este projecto numa vila de interior como Mértola teria que existir, desde o início, uma forte componente de apoios financeiros e um ritmo de trabalho constante e devidamente estruturado e coordenado. A questão financeira constitui, desde logo, um dos principais obstáculos, tendo em conta os fracos recursos da Autarquia e a quase total dependência das outras instituições intervenientes de financiamentos exteriores.

Por outro lado, os resultados de um projecto deste tipo só são visíveis a médio/longo prazo e, só com perseverança e grande “teimosia” de alguns agentes, seriam atingidos objectivos com reflexos e retorno para a população local, nomeadamente, a nível económico e social. Assim, apesar desta “aventura” ter tido inicialmente o apoio incondicional da população local, cedo se percebeu que a sobrevivência e a procura de emprego estava, para muitos, fora do Concelho de Mértola, o que se traduz na continuação de um fluxo migratório permanente e sazonal, principalmente da população mais jovem.

Apesar das dificuldades alguns continuaram a trilhar este árduo caminho. Foram por todos os meios candidatados financiamentos e desenvolvidos projectos sempre seguindo a filosofia inicial – a preservação e a valorização patrimonial como factores de desenvolvimento. Estas acções foram avançando e dando os seus frutos que foram sendo apresentados à comunidade local e a um público exterior que se pretendia viesse a deslocar-se a Mértola para conhecer esta experiência. Só a afluência de público poderia fazer a “máquina” funcionar e começar a produzir resultados que se traduzissem em investimento e incentivo à população local.

O modelo de desenvolvimento iniciado em final da década de 70 do séc. XX parece, ainda hoje, ser uma das poucas possibilidades de progresso para Mértola, criando aqui um pólo de atractividade, não só para a população residente mas

também para as novas gerações e outros indivíduos que, por se identificarem com este projecto aqui se queiram radicar. Na realidade este trabalho, cimentado numa investigação de alta qualidade, deu os seus frutos no exterior, e a equipa com ele relacionado é, desde o início dos anos 90, constantemente solicitada para conferências, congressos e outros eventos, nacionais e internacionais, onde a experiência Mértola Vila Museu é uma referência.

Será que houve alguns impactos negativos desta estratégia de trabalho? De facto, a intensa actividade por parte dos investigadores e dinamizadores do projecto provocou algum desgaste na equipa. O facto de se investir tanto física como mentalmente em acções que incluíam a concretização de projectos, como a procura de financiamentos, a criação dos núcleos museológicos e a valorização de outros locais de interesse histórico e natural, contribuiu para que os membros da equipa se comesçassem a afastar da investigação propriamente dita, para se transformarem em operacionais de acompanhamento técnico e financeiro. Este desvio originou o abandono, parcial ou permanente, de alguns membros da equipa e a desmotivação e desinteresse de outros o que, de certa forma, fragilizou o projecto e fez com que o seu ritmo abrandasse.

Apesar de alguma desmotivação e esmorecimento do projecto em termos globais, os colaboradores das diversas instituições continuaram a apostar na sua especialização, a nível de mestrados e doutoramentos, tendo através de grande investimento pessoal e profissional, passado de meros estudantes universitários a uma equipa altamente especializada, capaz de atrair a Mértola uma nova geração de jovens investigadores que poderão ser o futuro da “aventura” iniciada há 30 anos.

A partir do início do segundo milénio, com a inauguração dos últimos núcleos museológicos e, não posso deixar de referi-lo, com a mudança política operada no Concelho, assistiu-se a uma estagnação ou mesmo retrocesso no projecto delineado ainda nos períodos conturbados e confusos da Revolução de Abril. Este retrocesso não se reflectiu somente na investigação, na publicação de resultados e na

divulgação, teve também importantes reflexos na comunidade local que deixou de acreditar que “os cacos” eram a razão para o avanço de projectos que contribuiriam para o desenvolvimento de Mértola.

Será ainda possível reverter este processo? Penso que sim. No entanto torna-se imperativo a continuação do diálogo entre os diversos agentes locais e o delineamento de uma estratégia devidamente estruturada, com os objectivos e metodologias bem definidas, e que tenha como factor principal de convergência o desenvolvimento de Mértola baseado na preservação e valorização de uma herança cultural comum, que tenha como principal meio de intervenção e finalidade o bem-estar e qualidade de vida da população.

Deve continuar-se uma investigação séria, de qualidade e cujos resultados se traduzam em novos projectos, exemplares em termos qualitativos e inovadores, capazes de atrair a Mértola os visitantes que podem continuar a dar vida ao “sonho” iniciado por Serrão Martins e Cláudio Torres. Só uma nova motivação e demonstração de resultados pode fazer com que os mertolenses voltem a acreditar neste projecto e sintam que este também é um trabalho seu que servirá não só para a sua sobrevivência como para a melhoria da qualidade de vida dos seus filhos e, conseqüentemente, das gerações futuras.

Em resumo, a continuação do projecto Mértola Vila Museu como um projecto de desenvolvimento integrado e sustentável tem que passar por alguns pressupostos, entre eles:

- a) O entendimento deste projecto como colectivo, apartidário, preocupado com as repercussões sociais e económicas.
- b) A definição de uma correcta estratégia de salvaguarda e valorização do património, nas suas mais diversas vertentes.
- c) A promoção do diálogo e a parceria entre as instituições locais, públicas e privadas.

- d) A dinamização e incentivo ao desenvolvimento de estruturas de apoio ao turismo cultural e natural, altamente qualificadas e que prossigam os objectivos delineados para um projecto de excelência.
- e) A definição de um novo modelo de gestão para o Museu de Mértola, elemento estruturador de todo este projecto de valorização patrimonial.
- f) O desenvolvimento de esforços de forma a promover, de facto, o envolvimento da população local.
- g) O delineamento de uma boa estratégia de divulgação e marketing que permita a promoção no exterior e o conseqüente retorno reflectido no afluxo de visitantes e na criação de riqueza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que integrei o V Curso de Mestrado em Museologia que tinha bem definido o tema da minha tese: O Projecto Mértola Vila Museu. Esta intenção tão claramente definida e assumida está directamente relacionada com a minha já longa relação com este projecto. No entanto se, por um lado, tinha clara esta ideia, também sentia que poderia não conseguir o afastamento necessário à realização de um trabalho imparcial e isento. Tive alguns períodos de dúvidas, indefinições e até de alguma insegurança. Depois de muita ponderação resolvi enfrentar o desafio e analisar os trinta anos deste projecto, abordando principalmente as suas implicações, as suas consequências e as suas perspectivas futuras.

Logo no início do trabalho, ainda na fase de estruturação e recolha bibliográfica, me deparei com uma dificuldade completamente diversa da dos colegas com quem falava. A maioria deles receava pela falta de informação enquanto eu, pelo contrário, me via rodeada de tanta informação, nas suas mais variadas formas que, num primeiro momento, a maior dificuldade passou por definir o que era realmente relevante e importante para este estudo. Esta primeira dificuldade fez-me também afinar o que seriam os limites deste estudo, ou seja, o que pretendia e até onde poderia chegar.

Tenho plena consciência de que este é um trabalho inacabado, não por não ter atingido os objectivos a que me propus, mas porque o estudo acerca deste projecto deverá ser ainda mais aprofundado principalmente no que se refere ao impacto junto da comunidade. Não era possível num trabalho desta dimensão abarcar um estudo que se estendesse à comunidade tentando perceber qual o alcance do projecto no seu seio, o que mudou, ou não, nas suas vidas e no seu território, e quais as suas perspectivas para o seu futuro e o das gerações vindouras.

Em termos práticos fiz uma abordagem metodológica que teve como base a entrevista a alguns intervenientes, actuais e antigos, no projecto, de forma a perceber o que pensavam acerca de alguns aspectos como o envolvimento da

população e a importância para o desenvolvimento local mas também, perceber que balanço faziam destes 30 anos e o que perspectivavam para o futuro do projecto Mértola Vila Museu. De facto, o que mais me intrigava era saber se a designação “*Projecto Mértola Vila Museu*” era entendida como algo actual e com perspectiva de desenvolvimento futuro ou se, pelo contrário, era passado, um projecto que estagnou e cujo futuro necessita de ser reavaliado, reestruturado e adaptado à sociedade e conjuntura actual.

Da análise bibliográfica e documental e, principalmente, das entrevistas concluo, sem sombra de dúvidas que passados trinta anos o Projecto Mértola Vila Museu se encontra estagnado, sendo por isso necessário proceder à sua reavaliação e ao desenvolvimento de novas estratégias. Avanço duas hipóteses: na primeira, evolui para um projecto bem delineado, com uma estratégia coerente, com objectivos definidos a longo prazo e com o envolvimento de todos os agentes da comunidade enquanto que, na segunda, perde toda a sua dinâmica e estagna, definha e acaba por morrer.

Correndo o risco de parecer extremamente pessimista considero que nos encontramos mais perto da segunda hipótese já que, nos últimos anos, não tem existido uma estratégia concertada de desenvolvimento com base na riqueza patrimonial do Concelho de Mértola. Indo até mais longe, e correndo o risco de algumas críticas, assumo a opinião de que, muito provavelmente, parte do dinamismo do Projecto Mértola Vila Museu morreu com Serrão Martins, não no sentido de desvalorizar o que foi feito posteriormente, mas no sentido de perda do principal elo de ligação entre o líder e mentor e a comunidade.

Após a inauguração do núcleo museológico de Arte Islâmica, a dinâmica de divulgação e valorização patrimonial decaiu. Temos assistido a um desenvolver de projectos avulso, fruto de situações ocasionais, em que não existe um fio condutor nem uma estratégia de trabalho que envolva os principais agentes de desenvolvimento locais.

Longe de querer aqui abordar questões de ordem política, não posso deixar de realçar a mudança de estratégia dos últimos anos, onde o interesse se deslocou do que já estava consolidado e passou para projectos fora da Vila, nomeadamente na Mina de S. Domingos e Pomarão, e para projectos de outra índole que deixaram esmorecer o grande investimento na investigação, valorização e divulgação patrimonial. Nem a inauguração do Circuito de Visitas da Alcáçova, a “jóia da coroa” de todo este percurso e onde tudo começou, constituiu novo impulso para o circuito patrimonial de Mértola.

Não quero também deixar transparecer a ideia de que projectos desenvolvidos noutros pontos do Concelho não são importantes. Longe disso. São de extrema importância relacionados com uma base já consolidada: o Centro Histórico de Mértola e o seu percurso patrimonial que inclui nove núcleos museológicos e alguns monumentos importantes como a Igreja Matriz/Antiga Mesquita, o Castelo e a Torre do Rio. O Centro Histórico só por si é o Museu. A partir daqui deveria ramificar-se uma série de outros percursos alternativos não só envolvendo o património histórico/arqueológico mas também o património natural e imaterial.

Também não é verdade afirmar que a investigação parou ou que a preocupação com a vertente natural e tradicional se perdeu. Não! De forma alguma. A primeira é plenamente desenvolvida pelo Campo Arqueológico de Mértola e as segundas pelas Associação de Defesa do Património e pelo Parque Natural do Vale do Guadiana. O que falta então? Falta um diálogo inter e multidisciplinar entre estas instituições e a Autarquia. Assiste-se a um afastamento de tal ordem que cada um trabalha de costas para o outro, desenvolvendo projectos que por vezes se tocam e que poderiam ser executados em conjunto com uma maior eficácia e uma aplicação mais directa e visível no desenvolvimento de Mértola.

A quem deveremos atribuir as culpas? Penso que todos têm a sua quota-parte de culpa. A Autarquia que no início servia de elo de ligação entre as instituições e era o principal incentivo, deixou de o ser. Por seu turno, as associações que a ela estavam tão ligadas tentaram seguir o seu caminho e também não lutaram pela

continuação de um trabalho conjunto e concertado. Até as associações inicialmente tão envolvidas no Projecto, como o CAM e a ADPM, se viraram para si mesmas, apostadas na sua sobrevivência e na dos seus colaboradores que assumiram também projectos de interesse pessoal. Algures neste percurso se perdeu a noção de trabalho de equipa em torno de um objectivo comum: o desenvolvimento de Mértola e o bem-estar da sua população.

Na opinião de alguns dos entrevistados houve uma partidarização das instituições envolvidas o que conduziu também a um corte nas relações e a uma disputa que se sobrepôs ao bem comum dos indivíduos. Concordo também com estas opiniões e penso ser esta partidarização das instituições e as consequentes disputas pessoais que conduziram a um afastamento dos indivíduos e das instituições e à tomada de partido por um ou outro lado. Terminou a aventura colectiva e o sonho que era de todos passou a ser um sonho só de alguns ou só para alguns.

E a comunidade? Na comunidade não estão também incluídos os eleitos dos órgãos municipais, os corpos sociais das associações, os colaboradores do projecto nas mais diversas áreas e, claro, os indivíduos em geral. O que aconteceu? Porquê o desinteresse e a desmotivação em algo que foi em tempos motivo de orgulho e auto-estima. Penso que realmente esta é a principal questão que fica em aberto. Falta auscultar a população e perceber que caminho quer seguir. Será a valorização patrimonial e o turismo o verdadeiro motor de desenvolvimento para Mértola ou há outro? Infelizmente, se bem que seja esta a questão que mais interesse me suscita, não era humana e tecnicamente possível desenvolvê-la num trabalho deste tipo. Fica em aberto para futuros colegas que se interessem ou, quem sabe, em futuros trabalhos, continuo na senda da sua resposta.

BIBLIOGRAFIA:

“À conversa com **Santiago Macias**, arqueólogo do Campo Arqueológico de Mértola e Vice-Presidente da Câmara Municipal de Moura in, *Jornal do Baixo Guadiana*, Maio 2007.

Arquivo de Beja – Abel Viana – *Antologia de textos de arqueologia*, série IV, n.º 1, Beja, Câmara Municipal de Beja, 2007.

BALLART, Josep, *El patrimonio histórico y arqueológico: valor y uso*, Barcelona, Editorial Ariel, S.A., 2007.

“**Basílica Paleocristã** – Final feliz para um século de esquecimento” in, *Diário de Notícias*, 16 de Dezembro de 1993.

BATALHA, Maria Leonor, *A cultura como factor de desenvolvimento rural – o papel das Autarquias Municipais*, Dissertação de Mestrado em Extensão e Desenvolvimento Rural da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 1997 (policopiado).

BOIÇA, Joaquim e **MATEUS**, Rui, “O Projecto Mértola Vila Museu” in, *Boletim do Curso de Técnicos de Turismo Cultural*, n.º 1, Mértola, Campo Arqueológico, Julho 1993.

Branca e Azul: A pele da taipa. Mértola e Chefchaouen. Fotografias de António Cunha, Mértola, Câmara Municipal, 2001.

CAMACHO, Maria Clara de Frayão, *A problemática da Museologia vs Desenvolvimento* (policopiado).

IDEM, *Renovação museológica e génese dos museus municipais na área metropolitana de Lisboa. 1979-90*, Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Museologia e Património, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1999 (policopiado).

CAROLINO, Júlia Margarida Nunes, *Desenvolvimento e Identidade: A patrimonialização dos campos num projecto de Revitalização da Serra Algarvia*, Dissertação de Mestrado em Antropologia, especialidade Poder e Diferenciação – Processos Contemporâneos, Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Agosto de 2000 (policopiado).

COELHO, Ana Sofia de Melo Alvim, *Olhares sobre Mértola: Património, Desenvolvimento e Turismo*, Trabalho realizado no âmbito do Seminário de Investigação em Antropologia (4º ano) da Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 2000 (policopiado).

CRUZ, Manuel Braga da, “A Revolução de Abril” *in*, **CARNEIRO**, Roberto, *Memória de Portugal. O Milénio Português*, Lisboa, Circulo de Leitores.

DUARTE, Ana Luísa (20.08.2004), “Os museus conservam (?)” *in*, [http://www.interactionsonline.com/page_news.php?id_news=121&filtre_visu=280&pr=\(26/12/2009\)](http://www.interactionsonline.com/page_news.php?id_news=121&filtre_visu=280&pr=(26/12/2009)).

ECO, Umberto, *Como se faz uma tese em ciências humanas*, Lisboa, Editorial Presença, 1989.

FERNANDES, Sandra, *O papel do património histórico-arqueológico na promoção do desenvolvimento local*, Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento, Diversidades locais e Desafios Mundiais – análise e Gestão do ISCTE, Maio 2008, (policopiado).

GIJÓN LÓPEZ, **Antonio**, “El papel de la cultura en los proyectos de desarrollo rural de Castilla-La Mancha” *in*, **ABAD GONZÁLEZ**, Luisa (Coord.), *El patrimonio cultural como factor de desarrollo*, Cuenca, Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha y del Ayuntamiento de Almonacid del Marquesado, 2006, pp. 269-296.

GÓMEZ MARTINEZ, Susana, “Efeitos sociais da protecção do património à escala social” *in*, *Seminário Efeitos Sociais do Património à Escala Local*, Mértola, Campo Arqueológico, 2001, pp.5-6.

IDEM, Mértola, *Vila Museu. Un Proyecto cultural de desarrollo local* *in*, **NOGUÉS**, Antonio Miguel (Coord.), *Cultura y Turismo*, Sevilha, Signatura Ediciones de Andalucía, 2003, pp. 173-189.

IDEM, Mértola y Vila Museu: *património, rentabilidade y ciudadanía*, (no prelo), 2009.

GOUVEIA, Henrique Coutinho, *Para a História dos museus locais em Portugal. A propósito da criação do Museu do Lorrão*, Lisboa, Instituto Português do Património Cultural, 1984.

KETELE, Jean-Marie e **ROEGIERS**, Xavier, *Metodologia da Recolha de Dados.. Fundamentos dos métodos de observações, de questionários, de entrevistas e de estudo de documentos*, Lisboa, Instituto Piaget, 1999.

LIMA, Marinús Pires de, *Inquérito sociológico. Problemas de metodologia*, Lisboa, Editorial Presença, 2000.

LOPES, Flávio, “Museu sem Fronteiras – Um novo conceito de museologia lançado em Portugal pelo Programa de incremento do Turismo Cultural” *in*, *Encontros do Património de Vila do Conde*, Vila do Conde, Câmara Municipal, 2003, pp. 59-66.

LOPES, Virgílio, “Achados e valorização do património arqueológico” in, *Revista Municipal*, Mértola, Câmara Municipal, 1º semestre de 2000.

IDEM (Coord.), *Terras da Moura Encantada – Itinerário/Exposição*, Lisboa, Direcção-Geral de Turismo, 1997.

MACIAS, Santiago, *Catálogo da exposição Mértola – O último porto do Mediterrâneo*, Mértola, Campo Arqueológico, 2007.

MATEUS, Rui, “Mértola – Reflexões sobre um projecto de desenvolvimento local” in, *Encontros Cem Anos de Arqueologia “O Archeólogo Português”*, Vila do Conde, Associação de Protecção ao Património Arqueológico de Vila do Conde, 1998.

IDEM, “O turismo cultural - impactos a nível local” in, *Revista Municipal de Mértola*, n.º 3, Mértola, Câmara Municipal, 2001.

IDEM, *Políticas de salvaguarda do Centro Histórico de Mértola – Contributos para a construção de um modelo operativo para a sua gestão*, Dissertação apresentada à Universidade de Évora para obtenção de Doutoramento em Conservação do Património Arquitectónico, Universidade de Évora, 2004 (policopiado).

IDEM, *Recuperação e Conservação em Zonas Históricas. Contribuições metodológicas para a investigação geo-histórica associada ao planeamento urbano. Mértola, Um caso de estudo*, Tese de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico, Universidade de Évora, 1995 (policopiado).

IDEM, “Reflexões sobre um projecto de desenvolvimento local: o caso do Campo Arqueológico de Mértola” in, *Revista Municipal de Mértola*, n.º 2, Mértola, Câmara Municipal, 2000.

IDEM, “Trazer o Passado para o Presente é Planear o Futuro” in, *Encontros do património de Vila do Conde*, Vila do Conde, Câmara Municipal, 2003, pp. 171-183.

MIRANDA, Jorge *et alii* (Coords.), *Direito do Património Cultural*, Lisboa, Instituto Nacional de Administração, 1996.

MONTANT, Henri, *A entrevista escrita e o perfil*, Mem-Martins, Editorial Inquérito, 2002.

“Museu de Mértola integra oito núcleos museológicos existentes” in, *Diário do Alentejo*, 11 de Junho de 2004.

NABAIS, António, “A Arqueologia e os museus locais/regionais” in, *O Archeólogo Português*, Série IV, 17, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 1999, pp. 73-79.

NABAIS, José Casalta e **SILVA**, Suzana Tavares da, *Direito do Património Cultural – Legislação*, Coimbra, Edições Almedina, Lda., 2006.

NIDING, Marina, “Turismo sostenible, comunidad local y competencias para el desarrollo” in, **CEBRIÁN ABELLÁN**, Aurélio (Coord.), *Turismo cultural y desarrollo sostenible*, Murcia, Universidad de Murcia – Servicio de Publicaciones, 2001, pp. 101-127.

NUNES, Graça Soares, “Contributos para uma reflexão sobre a gestão dos museus autárquicos enquanto gestores de património” in, *Boletim da Rede Portuguesa de Museus*, n.º 25, Setembro de 2007, pp. 4-7.

NUNO, Carlos António Simões, *Património Cultural e Desenvolvimento Local. O Projecto de Mértola*, Dissertação de Mestrado em Planeamento Regional e Urbano, Universidade Técnica de Lisboa, 1992 (policopiado).

OLEIRO, Manuel Bairrão (Coord.), *O Panorama Museológico em Portugal (200-2003)*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais e Instituto Português de Museus, 2005.

OLIVEIRA, Rosário, “Contributos para a Preservação e Valorização do Património Natural do Troço Médio do Vale do Guadiana, Mértola, Associação de Defesa do Património, 1996.

IDEM, “Reflexões sobre um projecto de desenvolvimento local: o contributo da Associação de Defesa do Património de Mértola” in, *Revista Municipal de Mértola*, n.º 2, Mértola, Câmara Municipal, 2000.

PEREIRO, Xerardo, “Do Museu ao Ecomuseu: Os novos usos do Património Cultural” in, *Turismo Natural e Cultural*, Vigo, Universidade de Vigo, 2002.

PESSOA, Fernando Santos, *Reflexões sobre Ecomuseologia*, Porto, Edições Afrontamento, 2001.

PESSOA, Miguel, **SANTOS**, Sandra Steinert, **RODRIGO**, Lino, “O museu de sítio arqueológico como lugar de sociabilidades e instrumento pedagógico: os investigadores e a formação da população e dos públicos” in, *O Arqueólogo Português*, Série IV, 17, Lisboa, Museu nacional de Arqueologia, 1999, pp. 157-174.

Projecto Integrado de Mértola. Operação-Piloto de valorização sócio-cultural e turística, Lisboa, Secretaria de Estado do Turismo – Fundo de Turismo, 1995.

QUINY, Raymond e **CAMPENHOUDT**, Luc Van, *Manual de investigação em ciências sociais*, Lisboa, Gradiva, 2003.

RAMOS LIZANA, Manuel, *El turismo cultural, los museos y su planificación*, Gijón, Ediciones Trea, 2007.

REVEZ, Jorge José Horta, *Património e desenvolvimento local. Mértola – 20 anos de experiência*, Seminário do Curso de Sociologia da Universidade de Évora, Évora, 1997 (policopiado).

RODRIGUES, Clara Maria Guerreiro, *Cem Anos de Arqueologia em Mértola*, Prova de Aptidão Profissional do Curso de Técnicos de Museografia Arqueológica da Escola Bento de Jesus Caraça – Delegação de Mértola, Mértola, Julho 1995 (policopiado).

ROCA, Zoran e **MOURÃO**, Jorge Carvalho, “Identidade Cultural, Globalização e Desenvolvimento Rural: à Procura de Verificação Empírica” in, *1º Congresso de Estudos Rurais – Mundo Rural e Património*, Vila Real, Setembro 2001 (Policopiado).

SANTACANA I MESTRE, Joan e **LLONCH MOLINA**, Nayra, *Museo local. La cienicienta de la cultura*, Gijón, Ediciones Trea, 2008.

SANTOS, Maria de Lurdes Lima dos, *O panorama museológico em Portugal (2000-2003)*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais/Instituto Português de Museus, 2005.

SILVA, Augusto Santos, *Cultura e Desenvolvimento. Estudos sobre a Relação entre Ser e Agir*, Oeiras, Celta Editora, 2000.

SILVA, Raquel Henriques da et alli, *Inquérito aos museus em Portugal*, Lisboa, Instituto Português de Museus, 2000.

STOFFEL, Ana M. (13/03/2004), “O Papel dos Museus na promoção do património e da história” in, http://www.interactionsonline.com/page_news.php?id_news=106&filtre_visu=0&pr= (26/12/2009).

IDEM (21.04.2005), “A gestão e os museus” in, http://www.interactionsonline.com/page_news.php?id_news=165&filtre_visu=250&pr= (26/12/09).

IDEM, (12.04.2009), “Autarquias e gestão dos museus no século XXI” in, http://www.interactionsonline.com/page_news.php?id_news=274&filtre_visu=90&pr= (26/12/2009).

Textos de Serrão Martins, Mértola, Câmara Municipal, 1985.

TEIXEIRA, Manuela da Palma, *Museu de Mértola*, Trabalho realizado para a cadeira de História da Museologia integrada no III Curso de Pós-Graduação e Mestrado em Museologia da Universidade de Évora, Setembro 2004 (policopiado).

TORRES, Cláudio, "A arqueologia, o território e o desenvolvimento local" *in*, *Seminário Efeitos Sociais do Património à Escala Local*, Mértola, Campo Arqueológico, 2001, pp. 21-26.

IDEM, "Dignidad regional y desarrollo" *in*, *I Jornadas Andaluzas sobre la función de la cultura en el desarrollo*, Córdoba, Diputación Provincial de Córdoba, 1993, pp.15-20.

IDEM et alli, "Mértola: de la excavación al Museo" *in*, *Seminário Intervenções sobre el patrimonio arqueológico: de la excavación al museo*, Cartagena, Instituto del Patrimonio Histórico de la Región de Murcia, 2001.

IDEM, *Mértola: O Castelo, Arqueologia e... Sonhos*, Separata da Revista "História e Sociedade", n.º 4/5, Junho 1979.

IDEM et alli, *Museu de Mértola – Núcleo do Castelo*, Mértola, Campo Arqueológico, 1991.

IDEM, "Museus, Território e Desenvolvimento" *in*, *Museal – Núcleos Museológicos, que Sustentabilidade?*, Faro, Câmara Municipal, Setembro de 2009, pp.62-65.

IDEM, "Mértola Vila Museu. Um projecto cultural de desenvolvimento local" *in*, CAMACHO, Clara (Dir.), *Museologia.pt*, Lisboa, instituto dos Museus e da Conservação, n.º 1, 2007, pp. 2-11.

IDEM e GÓMEZ, Susana, "Mértola Vila Museu. Un proyecto cultural de desarrollo integrado" *in*, *mus-A – Revista de los Museos de Andalucía – Museos locales: naturaleza y perspectivas*, n.º 8, 2007, pp. 91-99.

VARINE, Hughes de, "Museus e ordenamento do território. Algumas experiências e uma tentativa de problematização" *in*, *Museal – Núcleos Museológicos que sustentabilidade?*, Faro, Câmara Municipal, Setembro 2009, pp. 52 a 59.

IDEM (17/03/2003), « Le patrimoine, un capital culturel pour le développement local » *in*, http://www.interactionsonline.com/page_news.php?id_news=270&filtre_visu=140&pr= (26/12/2009).

IDEM (13.09.2007), « Quelques idées sur le musée comme institution politique » *in*, http://www.interactionsonline.com/page_news.php?id_news=291&filtre_visu=120&pr= (26/12/2009).

IDEM, “Testemunhos de alguns museus e museólogos locais, antes da Rede ...” *in*, *Boletim Trimestral da Rede Portuguesa de Museus*, n.º 10, Setembro de 2003, pp.12-15.

IDEM (15.06.2005), “The origin of the new Museology concept” *in*, http://www.interactionsonline.com/page_news.php?id_news=170&filtre_visu=245&pr= (26/12/2009).

XII Taller MINOM Internacional (09.12.2007), “Documento final de reflexión y acción” *in*, http://www.interactionsonline.com/page_news.php?id_news=308&filtre_visu=105&pr= (26/12/2009).

ZÚQUETE, Ana e **HENRIQUES**, Pedro Castro, *Parque Natural do Vale do Guadiana*, Lisboa, Instituto de Conservação da Natureza, 2001.

Sites consultados

www.icom-portugal.org (consultado em 12 Junho 2009).

www.interactions-online.com (consultado em 12 Junho e 26 de Dezembro de 2009).

www.minom-icom.net (consultado em 7 de Junho de 2009).

www.cm-mertola.pt (consultado entre 17 de Junho e 2 de Dezembro de 2009).

www.discoverislamicart.org (consultado em 12/08/2009).

www.museumnf.org (consultado em 17/08/2009).

www.camertola.pt (consultado em 20/08/2009).

www.adpm.pt (consultado em 20/08/2009).

www.patnime.net (consultado em 18/08/2009).

Documentos Consultados

- *Actas das Reuniões de Câmara* entre Janeiro de 1977 e Setembro de 2009 (Arquivo Municipal de Mértola e site da Autarquia).

- *Agenda 21 Local*, Câmara Municipal de Mértola.

- *Carta Europeia das Cidades e Territórios de Cultura*, adoptada pela Rede AVEC em Outubro de 2000.

- *Concelho de Mértola – Projecto de Desenvolvimento Integrado*, Câmara Municipal de Mértola, 1991.

- Estatutos da Associação de Defesa do Património de Mértola.

- Estatutos do Campo Arqueológico de Mértola.
- Estatutos da Fundação Serrão Martins.
- *Estudo de Diagnóstico Prospectivo Sócio-Económico e Demográfico do Concelho de Mértola – Relatório Final* (realizado por GesSystem – Soluções de Gestão Empresarial), Câmara Municipal de Mértola, 2008.
- *Monografia do Concelho de Mértola*, Câmara Municipal de Mértola, Divisão de Cultura, Desporto e Turismo, 2009.
- *Normas e procedimentos de Conservação Preventiva do Museu de Mértola*, Câmara Municipal de Mértola, 2006.
- *Plano de Acção para a Vila de Mértola – A Vila Museu e o Rio*, Câmara Municipal de Mértola, 1999.
- *Plano Integrado para o Património*, Câmara Municipal de Mértola, 2009.
- *Plano de Progresso Local (Qualities)*, Câmara Municipal de Mértola, 2009.
- *Plano de Requalificação e Valorização do Castelo de Mértola e sua Envolvente*, Câmara Municipal de Mértola, Março 2002.
- *Política de Incorporações do Museu de Mértola*, 2006.
- *Protocolo de Colaboração entre a Câmara Municipal de Mértola e o Campo Arqueológico de Mértola para a Gestão do Museu de Mértola*, Câmara Municipal de Mértola, 2004.
- *Protocolo de Gestão dos Núcleos Museológicos de Mértola*, IPPAR, Câmara Municipal de Mértola e Campo Arqueológico de Mértola, 2000.
- *Regulamento Interno do Museu de Mértola*, Câmara Municipal de Mértola, 2006.

Legislação consultada:

- Decreto-Lei n.º 42/97, de 7 de Maio – Lei orgânica do Ministério da Cultura.
- Lei n.º 13/85, de 13 de Julho – Lei de Bases do Património Cultural.
- Lei n.º 159/99, de 14 de Setembro – Estabelece o quadro de transferências de atribuições e competências para as autarquias locais.
- Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro – Lei de Bases da Política e do Regime de Protecção e Valorização do Património Cultural.
- Lei n.º 47/2004, de 19 de Agosto – Lei-Quadro dos Museus Portugueses.

ANEXOS

INDICE:

“Nos campo de Mértola” de António Borges Coelho	122
“ A caminho do Sul” de Cláudio Torres	122
“Mértola, vila museu” de Cláudio Torres	124
“Mértola Vila Museu” de Cláudio Torres	124
Mapa do Concelho de Mértola com as suas nove freguesias	128
Caracterização geográfica, económica e social do Concelho de Mértola	129
Caracterização histórica do Concelho de Mértola	142
Regulamento Interno do Museu de Mértola (excertos)	149
Planta da Vila de Mértola com implantação dos núcleos museológicos	151
Gráficos e Quadros	152
Definição de Património Cultural e Natural	162
Definição de Museu extraído dos Estatutos do ICOM	164
Código Deontológico dos Profissionais de Museus (excerto)	166
Listagem de entrevistados	167
Entrevista	168
Alguns excertos das respostas dos entrevistados	170
Acções realizadas no âmbito do Projecto integrado de Mértola	190
Imagens dos núcleos museológicos do Museu de Mértola	191

Nos Campos de Mértola

*Esta metade de São Sebastião
cobre com uma coifa a cabeça.*

*A carne de barro pintado
brilha branca rosa
riscos vermelhos
no lugar das setas*

*Pousamos no muro
o corpo metade
de olhos rasgados
de boca vermelha
e disparamos
tiros de luz de plástico
para o guardar
para sempre*

*De terra de xisto
sob o canto
de multidões antigas
que afogaram
o som e as lágrimas
nesta metade
de barro pintado*

António Borges coelho (Mértola, 24.6.78)¹⁶⁶

¹⁶⁶ António Borges Coelho, *Historiador em discurso directo, Mértola, Câmara Municipal de Mértola, 2003, pg. 13.*



Fig. 1. Imagem de S. Sebastião a que António Borges Coelho faz referência e que se encontra exposta no núcleo de Arte Sacra do Museu de Mértola.

A caminho do Sul

(...)

“Nas longas viagens a caminho do Sul, enquanto descobríamos o Alentejo, os montes branquejando nas searas, as vilas e as cidades apertadas nas suas muralhas, discutindo, quantas vezes acaloradamente, as políticas da Reforma Agrária, fomos encontrando e esquadrihando os sítios arqueológicos abandonados ou desconhecidos, fomos batendo alguns depósitos municipais e sacristias à procura dos velhos arquivos. Lembro-me das traseiras de uma igreja, algures no alto Alentejo, onde, quando chegámos, ainda fumegavam os restos calcinados dos registos paroquiais. O pároco ingenuamente anunciava-nos com orgulho que, para salvar a parte mais

recente do arquivo, tinha eliminado desta maneira expedita o caruncho que infestava os velhos registos!

Numa destas incursões, na primavera de 1978, acompanhados pelo saudoso Serrão Martins, já na altura Presidente da Câmara Municipal de Mértola e nosso aluno de História, visitei pela primeira vez esta vila do Guadiana. O fascínio foi imediato. Como em nenhuma outra parte, era possível aliar uma investigação arqueológica inovadora sobre uma época histórica praticamente desconhecida, com um projecto de intervenção política em que todos os habitantes eram também objecto de estudo e actores entusiastas. O Borges Coelho foi conivente neste projecto. Tudo era ainda possível nessa altura. Mesmo mudar o mundo”¹⁶⁷.

Mértola, vila museu

“A muralha monumental e a pedra enegrecida, a rua apertada no branco ondulado das paredes, o pequeno artefacto de todos os dias que dignamente ocupa ainda o seu lugar no espaço e na vida dos homens são o nosso património, a sua memória, o nosso museu.

Cada núcleo expositivo é um ponto de paragem num percurso e numa história sem tempo”¹⁶⁸.

Mértola Vila Museu

“Depois de algumas horas de viagem a subir o rio, eis que, passada a última curva, branqueja mesmo em frente o casario de Mértola. Vencidos alguns baixios e bordejando margens bravias agitadas por intensa vida selvagem, a visão do aglomerado urbano aparece como uma insólita mancha humana numa paisagem de campos abertos tismados pelo sol. Esta era também, em tempos mais recuados, a visão dos mercadores romanos que a pulso dos seus remadores vinham buscar os vinhos generosos do Alentejo e, bem mais tarde quase até aos nossos dias, a dos

¹⁶⁷ Texto de Cláudio Torres publicado no livro *Historiador em Discurso Directo* de António Borges Coelho, 2003, pg. 7.

¹⁶⁸ Cláudio Torres, *Museu de Mértola – Núcleo do Castelo*, 1991, pg. 4.

embarcações que nas últimas canoas de velas esguias traziam as notícias da capital e os adultos para as terras magras da campanha do trigo.

Como entreposto mineiro em tempos pré-históricos (pelo menos desde o séc. V a.C.), como municipium do Império romano, como capital de um pequeno reino islâmico e como sede temporária da Ordem de Santiago, Mértola foi sempre uma celebrada fortaleza com o seu cosmopolita porto de abrigo, termo do troço navegável do Guadiana. O povoado apertado por detrás das suas muralhas hoje ainda altaneiras e virado para dentro, sobre si próprio, parece alhear-se de um território que sempre foi o seu termo e que se estende a perder de vista entre estevas e montado. Apenas as águas plácidas e profundas do grande rio amenizam o ar seco da canícula e enchem a noite do cochar das rãs e do chapinhar misterioso da vida aquática.

Subindo a calçada que partindo da praia fluvial ladeia as ruínas ainda magestosas de uma arcaria construída em finais do Mundo Antigo e atravessa a Porta da Ribeira, desembocamos no Largo da Misericórdia. Servindo de antecâmara à Vila velha este pequeno largo, antes pejado de mercadores de todos os portos que discutiam os seus negócios, conte hoje alguns dos mais significativos equipamentos culturais da antiga cidade. Onde em tempos da “Reconquista” se erguera a capela do Santo Matamoros, guarda-se agora no interior da igreja da Misericórdia, a memória da sacralização cristã de toda a paróquia num belo conjunto de imagens e alfaias religiosas. Logo em frente e a lembrar o tempo dos vencidos e aproveitando um edifício setecentista de interior porticado, está exposto o mais importante conjunto de arte islâmica do país. (...)

Ruas estreitas e íngremes, embrenham-se no labirinto urbano onde o avermelhado quente da telha mourisca aliado ao ocre das barras e ombreiras, destaca e moldura a brancura da cal. Pequenas escadas, ressaltos fortuitos e ângulos esquivos levam-nos ao alto da vila onde se ergue o castelo e a igreja matriz. Neste santuário hoje cristão são perceptíveis os sinais de um antigo templo romano e principalmente a volumetria e ornamentica de uma casa de orações muçulmana construída na segunda metade do século XII. É a única mesquita que em Portugal ostenta as marcas arquitectónicas da sua origem.

O castelo, embora integrando alguns elementos da anterior fortaleza islâmica, foi completamente remodelado pela Ordem de Santiago em finais do século XIII. No interior da sua imponente torre de menagem uma pequena colecção lapidar reúne fragmentos arquitectónicos

que pertenceram a edifícios, hoje desaparecidos, contemporâneos de uma basílica paleocristã também musealizada e visitável no arrabalde da vila junto da antiga via romana para Beja.

Entre a igreja matriz e o castelejo numa plataforma sujeita há vários anos a trabalhos arqueológicos, foram exumadas algumas casas, que embora apenas no seu embasamento, deixam sugerir a forma como eram habitadas em época islâmica. Numa sucessão de níveis anteriores, uma visita ao local desvenda os pavimentos de um Fórum Imperial Romano, um baptistério cristão como os seus belos mosaicos do século VI e um cemitério da Baixa Idade Média.

Estes vários sítios sistematizados em linguagem didáctica constituem um único museu polinucleado disperso por vários pontos da vila e dos seus arredores de forma a incluir num mesmo percurso cultural toda a área de povoamento entendida na sua totalidade urbanística, arquitectónica e humana.

Vir a Mértola é também assistir e participar no seu programa de recuperação cultural, é tornar-se cúmplice de um esforço em que a identificação e reconhecimento do passado não só dignificam a Vila Museu, como têm desencadeado um processo de sustido desenvolvimento, antes de tudo, favorável e benéfico aos seus habitantes

Cláudio Figueiredo Torres¹⁶⁹

¹⁶⁹ Branca e Azul: a pele da taipa – Mértola e Chefchaouen, 2001, pgs. 6, 8 e 10.

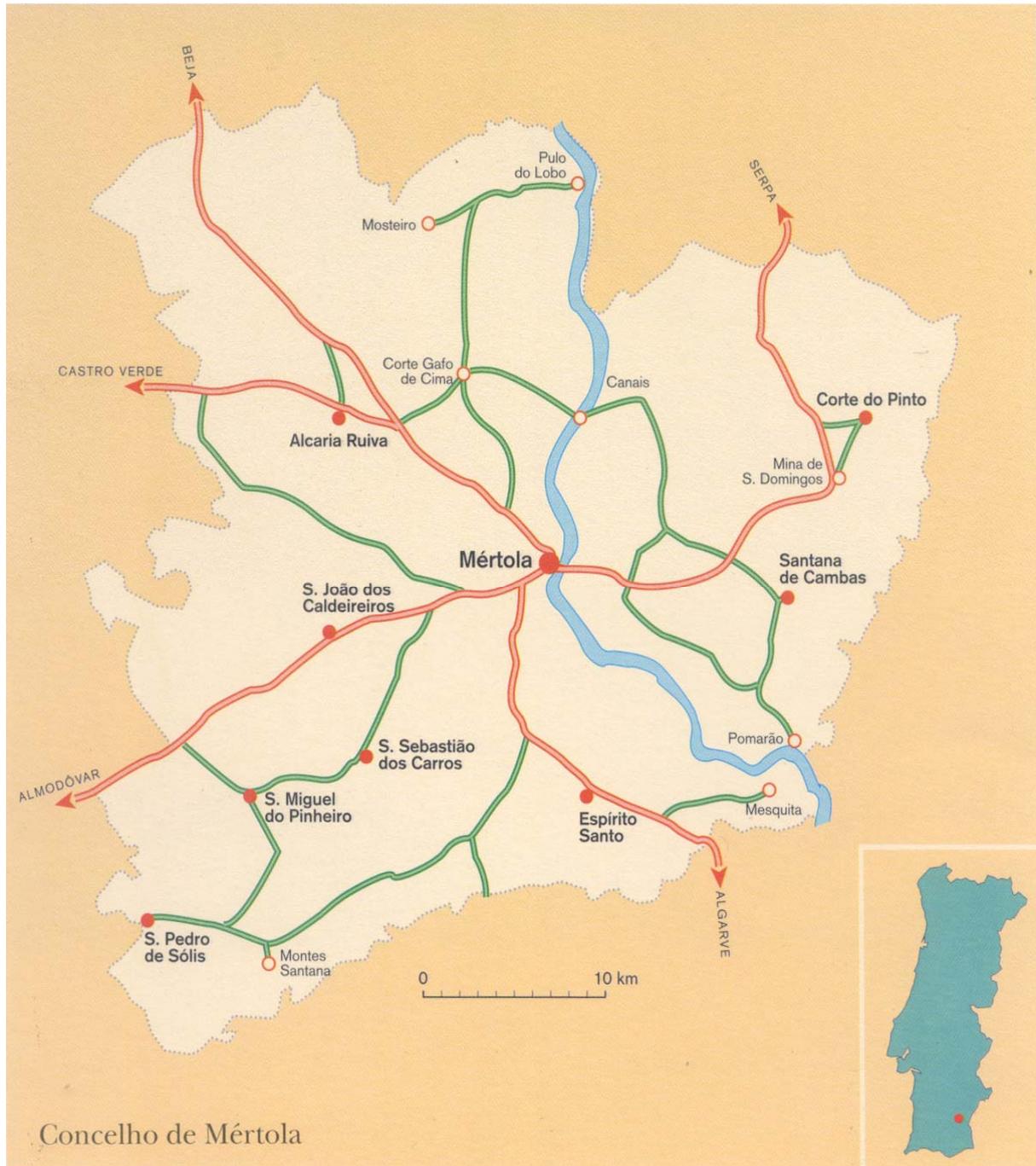


Fig. 2. Mapa do Concelho de Mértola com as suas nove freguesias.

CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA, ECONÓMICA E SOCIAL DO CONCELHO DE MÉRTOLA

O Concelho de Mértola abrange uma área de 1.279 km² e é um dos maiores de Portugal. Localiza-se no extremo SE do Baixo Alentejo, pertence ao Distrito de Beja e tem como limites os concelhos de Beja e de Serpa a Norte, Castro Verde e Almodôvar a Oeste, Alcoutim a Sul e, a Este, a província andaluza de Huelva. Na sede de concelho, a Vila de Mértola, residem aproximadamente 1500 pessoas, tendo o município, um total de 8712 habitantes.

O Município de Mértola é constituído por nove freguesias¹⁷⁰, das quais apenas uma é caracterizada como área Medianamente Urbana (AMU), a Vila de Mértola. As restantes freguesias são classificadas na sua totalidade por Áreas Predominantemente Rurais (APR). A Vila, banhada pelo Guadiana e pelo afluente Oeiras, deve ao rio grande parte da sua importância histórica.



Figs. 3 e 4. Respectivamente, vista aérea da Vila de Mértola onde se observa a confluência do rio Guadiana e da Ribeira Oeiras e pormenor da entrada das águas da ribeira de Oeiras no Rio.

¹⁷⁰ Mértola, Alcaria Ruiva, Espírito Santo, S. Miguel do Pinheiro, S. Pedro de Sólis, Santana de Cambas, Corte do Pinto, S. João dos Caldeireiros e S. Sebastião dos Carros.



Fig. 5. Perspectiva do montado alentejano na Primavera.

O actual território de Mértola divide-se em três sub-áreas bem demarcadas do ponto de vista geomorfológico e incluídas, em termos globais, na unidade geotectónica designada por Maciço Antigo, a qual ocupa as partes central e ocidental na Península Ibérica. Predominam os declives moderados e acentuados (entre 15 e 25% de declive), verificando-se a existência de zonas mais escarpadas (mais de 25% de declive) apenas em pequenos troços do vale do Guadiana.

A temperatura média anual situa-se por volta dos 17° C, sendo a precipitação registada em Mértola da ordem dos 600 mm/ano, 80% da qual concentrada entre os meses de Outubro a Março. As características genéricas da região permitem a sua inserção nos chamados climas mediterrânicos, caracterizados por serem os únicos sem chuva significativa nos meses de Verão.



Figs. 6 e 7. Respectivamente, leito da Ribeira de Oeiras e paisagem do Concelho de Mértola no período estival.

Os solos da região pertencem, quase exclusivamente, ao denominado tipo esquelético e mediterrânico, de baixa capacidade de uso agrícola. Cerca de 90% desta área inclui-se nas classes D e E, com aptidões exclusivas na actualidade para silvo-pastorícia e florestas de conservação. São terras derivadas do xisto cuja extrema pobreza e a presença persistente da rocha-mãe torna estes solos pouco aptos para o cultivo, ao mesmo tempo que aumenta a sua vulnerabilidade face ao desgaste dos agentes atmosféricos.



Fig. 8. Aspecto do terreno em períodos de seca extrema.



Fig. 9. Vista geral de Mértola banhada pelo Guadiana.

A rede hidrográfica do Concelho de Mértola tem no Guadiana e no seu afluente Chança os expoentes máximos. O prolongado Verão alentejano faz sentir a sua marca no Guadiana que diminui substancialmente o seu caudal, sendo possível atravessá-lo em alguns pontos. Os restantes cursos de água correm em violentas torrentes durante uma curta época do ano, permanecendo quase secos nos restantes meses.

O Centro Histórico de Mértola localiza-se numa vertente da elevação sobranceira ao Rio Guadiana e à Ribeira Oeiras, num declive relativamente acentuado, com os edifícios implantados em socalcos com ruas estreitas e sinuosas. Além disso, encontra-se situada no Vale do Guadiana o que produz um microclima muito quente e seco no Verão e muito frio no Inverno; por outro lado, é quase imperceptível a existência de estações intermédias já que praticamente se passa do Verão para o Inverno.



Fig. 10. Vista geral do Centro Histórico de Mértola.

Mértola é um concelho caracterizado por traços de ruralidade, com uma população extremamente envelhecida e com baixo nível de escolaridade. O Concelho registava, em 2004, à semelhança da maioria dos municípios alentejanos, uma densidade populacional baixa (6,2 hab./km²).

Em termos demográficos, o concelho apresenta períodos distintos ao longo das últimas décadas. Entre as décadas de 30 e 60 do Século XX, sofreu um acréscimo populacional, relacionado com a intensificação da actividade agrícola e com a exploração das minas de S. Domingos que absorviam a grande maioria da população activa. Entre 1950 e 1991, verifica-se uma inversão acentuada deste crescimento tendo, na década de 60, o município perdido quase metade da sua população¹⁷¹. Entre 1970 e 1990 o número de habitantes continua em decréscimo tendo abandonado o concelho cerca de 4580 indivíduos. Esta tendência de diminuição populacional continua a verificar-se até à actualidade.

¹⁷¹ Cerca de 11.641 habitantes abandonaram o concelho em procura de zonas que lhe proporcionassem emprego e melhores condições de vida.

Indicadores	Unidades	Concelho
Área	Km2	1279,4
Freguesias	N.º	9
Sede de concelho		Mértola
Temperatura média no mês mais quente	Cº	24,2
Temperatura média no mês mais frio	Cº	9,3
Precipitação média anual	mm	511,8
Densidade populacional	Hab. Km2	6,7
População residente no concelho	Hab.	8712
População residente na sede do concelho	Hab.	1451
População com idade 0-14 anos	Hab.	1008
População com idade 15-24 anos	Hab.	951
População com idade 25-64 anos	Hab.	3935
População ≥ 65 anos	Hab.	2818
Taxa de natalidade	%	6,3
Taxa de mortalidade	%	14,6
Taxa de desemprego	%	12,3
Taxa de actividade	%	35,9
Emprego sector primário	%	18,9
Emprego sector secundário	%	23,4
Emprego sector terciário	%	57,7
Taxa de Analfabetismo	%	24,3
População com curso médio ou superior	%	2,2%

Quadro 1. Indicadores gerais do Concelho de Mértola em 2001 (Fonte: INE).

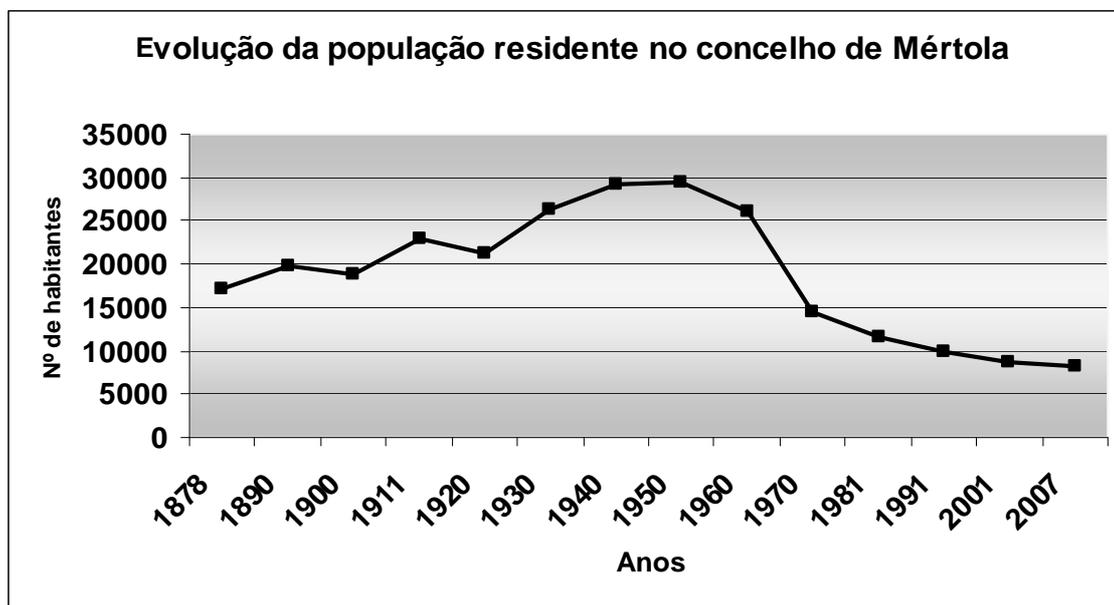


Gráfico 1- Evolução da população residente no Concelho de Mértola (Fonte: INE e Anuário Estatístico do Alentejo 2007).

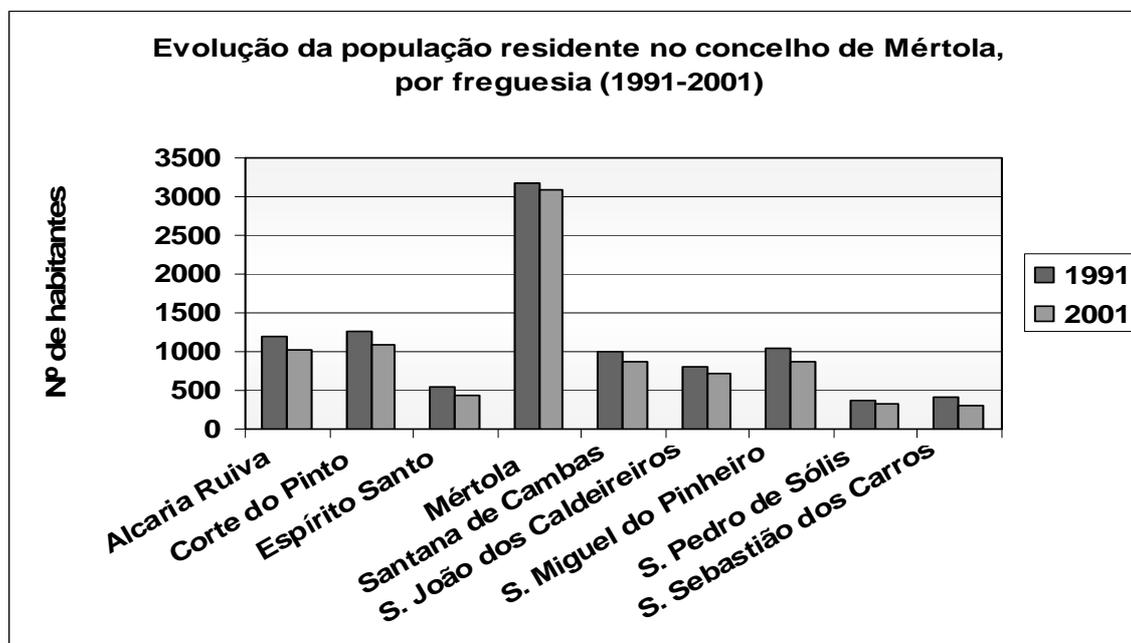


Gráfico 2. Evolução da população residente no concelho de Mértola, por freguesia (Fonte: INE, RGP 1991 e 2001).

Relativamente à estrutura etária da população, entre 1991 e 2001, o concelho de Mértola registou um forte decréscimo populacional no grupo etário mais jovem, isto é, na população com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos¹⁷². Verifica-se também uma redução significativa nos grupos etários dos 15 aos 24 anos e dos 25 aos 65 anos¹⁷³. O único grupo etário onde se registam aumentos corresponde ao dos indivíduos entre os 65 ou mais anos.

Grupo etário	1991	2001	2007
0 - 14 anos	1491	1005	702
15- 24 anos	1254	949	788
25 - 64 anos	4423	3938	3589
65 ou mais anos	2631	2820	2435

Quadro 2. População residente no Concelho de Mértola – Grupos etários (1991-2007) (Fonte: Câmara Municipal de Mértola).

Até à década de 90, o Concelho de Mértola caracteriza-se por uma elevada taxa de analfabetismo e baixo grau de escolaridade, tendência que se altera a partir de 1991 (ver Quadro 3) em que se verifica um aumento do nível de escolaridade da população relacionado com a melhoria das condições de acesso ao ensino, consciencialização da população para a necessidade de uma maior escolarização das camadas mais jovens e, também, uma abertura do sistema de ensino aos adultos e a novas oportunidades de formação (ver Quadro 4).

¹⁷² Uma evolução negativa de 32,9%, ou seja, menos 486 indivíduos em valores absolutos. Ver Quadro 3 em Anexo.

¹⁷³ Regista-se um decréscimo de 485 indivíduos.

Grau	1991 (valores em %)	2001 (valores em %)
Sem grau de ensino	29,6	22,4
Ensino Básico	61,1	62,5
Ensino Secundário	4,4	8,9
Ensino Médio e Superior	1,5	3,8

Quadro 3. Níveis de escolaridade no Concelho de Mértola (1991-2001) (Fonte: Câmara Municipal de Mértola)

Nível de ensino	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03	03/04	04/05	05/06	06/07	07/08	08/09
EPE	130	139	121	132	129	135	159	144	135	137	142
EB 1º	294	281	286	280	254	253	245	237	233	225	198
EB 2º	203	192	160	150	157	131	148	133	125	*	*
EB 3º	314	293	275	227	190	214	178	208	221	*	*
ES Gera	226	214	215	207	152	139	127	*	*	*	*
ES Tec.	0	0	0	0	0	24	44	178	142	*	*
ES Prof.	55	55	58	56	50	53	55	44	66	55	*
Total	122	1071	1009	948	841	881	869	944	922	417**	340**

Quadro 4. Evolução do número de alunos, por nível de ensino e ano lectivo (Fonte: Divisão Sócio-Educativa da Câmara Municipal de Mértola, 2008); Legenda: * Não disponho de dados; ** Informação incompleta.

Nos últimos anos a rede educativa da Autarquia foi reestruturada tendo sido encerradas muitas escolas que deram lugar a sete centros educativos com funcionamento de Pré-Primária e 1º Ciclo do Ensino Básico. A decisão da localização destes centros educativos¹⁷⁴ esteve directamente relacionada com a análise do número de alunos em cada escola, a centralidade dos centros educativos relativamente a cada freguesia e as condições de cada escola, tendo sido todas elas requalificadas a nível das instalações e dos equipamentos.

¹⁷⁴ Centros Educativos de Algodor, Penilhos, s. Miguel do Pinheiro, Mértola, Santana de Cambas, Mina de S. Domingos e Corte do Pinto.

Só na sede de Concelho existem níveis de ensino do 2º e 3º Ciclo, secundário e ensino profissional. O ensino Profissional está principalmente ligado à ALSUD – Cooperativa de Ensino e Formação do Alengarve, CRL, que lecciona cursos ligados à arqueologia, animação sócio-cultural, técnicas de recuperação do património e turismo rural e ambiental, tendo iniciado recentemente cursos para qualificação de adultos em determinadas áreas profissionais importantes para a economia local. De referir também o início em 2007 de cursos de pós-graduação e mestrado, leccionados na Associação de Defesa do Património de Mértola e Campo Arqueológico, em colaboração com a Universidade do Algarve, em áreas como o desenvolvimento local e os estudos islâmicos e do Mediterrâneo.

As associações acima referidas também têm uma oferta de formação de cursos de qualificação profissional e de especialização relacionada com as suas actividades específicas: a ADPM desenvolve formação nas áreas do desenvolvimento pessoal e profissional ligado à natureza, actividades tradicionais, gestão e desenvolvimento local; o CAM actua mais na área da história local, arqueologia e especialização em estudos islâmicos. Esta oferta formativa é muito direccionada para a população local mas também para especialistas de vários quadrantes que aqui vêm partilhar as suas ideias com a já longa experiência de Mértola em questões de salvaguarda, valorização e divulgação patrimonial.

Em termos económicos, em 2001¹⁷⁵, a análise da população do Concelho de Mértola com mais de 15 anos (6.563 habitantes) permite perceber que apenas 35,8% desempenhavam algum tipo de actividade económica, em contrapartida 52,5% dos residentes com a mesma idade não tinham qualquer tipo de ocupação com expressão económica. Relativamente ao sector de actividade, o terciário é o sector predominante com 58%, seguindo-se o sector secundário com 23% e, por último, o sector primário com 19% da população activa.

¹⁷⁵ Instituto Nacional de Estatística (INE), Censos de 2001.

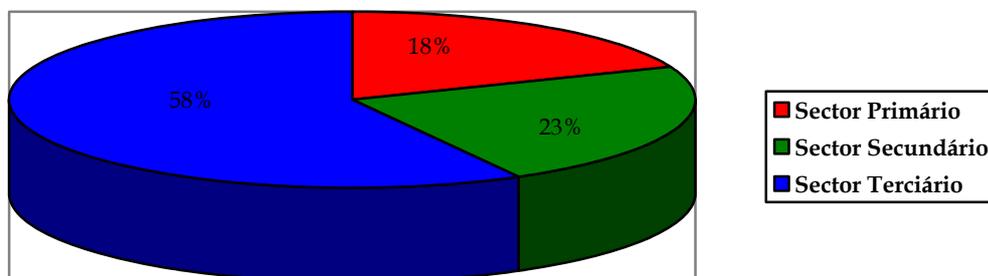


Gráfico 3. Distribuição da população por sectores de actividade.

A análise da estrutura e características da população empregada no concelho, de acordo com o grupo profissional em que se inserem, revela a predominância dos “trabalhadores não qualificados” (24,18%), aos quais se seguem os “operários, artífices e trabalhadores similares” (20%) e o “pessoal dos serviços e vendedores” (15,79%). Este cenário reflecte uma estrutura de emprego caracterizada pelas baixas qualificações profissionais já que, em 2001, só 4,66% da população do concelho corresponde aos quadros superiores ou dirigentes¹⁷⁶.

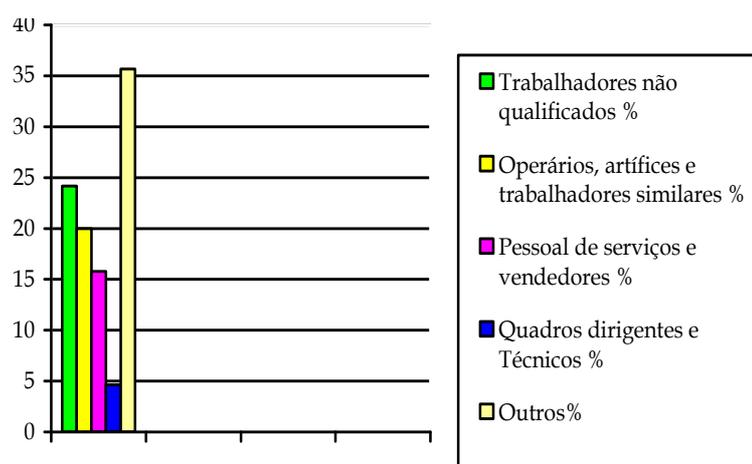


Gráfico 4. Características da população activa do concelho de Mértola.

¹⁷⁶ Instituto Nacional de Estatística (INE), Censos de 2001.

Grupo Etário	Sexo	Total Geral	População Empregada, segundo a Situação na Profissão								
			Total	Empregador	Trabalhador por Conta Própria	Trabalhador Fam. não Remunerado	Trabalhador por Conta de Outrém			Membro Activo de Cooperativa	Outra Situação
							Total	Militar	SMO		
De 15 a 19 anos	HM	91	50	3	-	-	46	-	1	-	1
	H	66	44	2	-	-	41	1	1	-	1
De 20 a 24 anos	HM	329	258	15	6	3	233	1	-	-	1
	H	194	163	10	6	2	145	6	-	-	-
De 25 a 29 anos	HM	397	339	32	14	1	286	6	-	-	6
	H	248	223	23	10	1	185	3	-	-	4
De 30 a 34 anos	HM	418	360	48	33	-	277	3	-	-	2
	H	239	220	41	24	-	154	2	-	-	1
De 35 a 39 anos	HM	426	387	55	44	1	287	2	-	-	-
	H	251	237	42	33	-	162	-	-	-	-
De 40 a 44 anos	HM	381	350	50	37	2	260	-	-	-	1
	H	245	232	41	32	-	159	-	-	-	-
De 45 a 49 anos	HM	312	287	43	45	1	195	-	-	-	3
	H	207	197	34	31	-	130	-	-	-	2
De 50 a 54 anos	HM	268	240	39	42	2	155	-	-	-	2
	H	170	161	26	30	-	103	-	-	-	2
De 55 a 59 anos	HM	206	190	32	36	3	117	-	-	-	2
	H	134	128	23	27	1	77	-	-	-	-
De 60 a 64 anos	HM	196	179	33	38	-	108	-	-	-	-
	H	143	133	26	30	-	77	-	-	-	-
De 65 a 69 anos	HM	69	69	7	17	-	45	-	-	-	-
	H	56	56	5	12	-	39	-	-	-	-
De 70 a 74 anos	HM	27	27	5	6	1	15	-	-	-	-
	H	23	23	2	5	1	15	-	-	-	-
De 75 ou mais anos	HM	5	5	2	1	-	2	-	-	-	-
	H	5	5	2	1	-	2	-	-	-	-
Total Concelho de Mértola	HM	3125	2741	364	319	14	2026	12	1	-	18
	H	1981	1822	277	241	5	1289	12	1	-	10

Quadro 6. População residente, com actividade económica, empregada segundo a situação na profissão no Concelho de Mértola em 2001 (Fonte: INE).

	Mértola		Baixo Alentejo	
	N.º	%	N.º	%
População Desempregada à procura de 1.º emprego	87	23	1130	17
<i>Homens</i>	29	8	382	6
<i>Mulheres</i>	58	15	748	11
População Desempregada à procura de novo emprego	297	77	5442	83
<i>Homens</i>	130	34	1965	30
<i>Mulheres</i>	167	43	3477	53
Total de População Desempregada	384	100	6572	100

Quadro 7. População residente desempregada (sentido lato), segundo a condição de procura de emprego e sexo, em 1991 e 2001 (Baixo Alentejo e Concelho de Mértola)

A importância do sector terciário não está directamente relacionada com o que se pode *à priori* caracterizar como desenvolvimento, já que não se traduz num aumento de taxa de actividade, que continua a ser uma das mais baixas do distrito e do país,

nem sequer com um acréscimo das actividades empresariais de cariz terciário. Ou seja, o peso deste sector fica, em grande parte, a dever-se ao aumento dos chamados serviços públicos ou administrativos (Câmara Municipal, Tribunal, Finanças, etc.), bem como do já significativo volume de emprego gerado pelos parceiros sociais não governamentais, sobretudo a ADPM, o CAM e a Santa Casa da Misericórdia de Mértola, a par dos estabelecimentos comerciais, restaurantes e cafés, como consequência do número crescente de visitantes que têm vindo também a aumentar.

O sector secundário mantém-se pouco expressivo, apesar de um ligeiro aumento, o que se deve a um aumento da construção civil, fundamentalmente na Vila, como resultado da deslocação da população dos pequenos aglomerados dispersos, para a sede do Concelho e do aumento de infra-estruturas culturais, desportivas e de serviços públicos.

Grupo Etário	Sexo	População Desempregada		
		Total	Procura 1º Emprego	Procura Novo Emprego
<i>De 15 a 19 anos</i>	HM	41	29	12
	H	22	15	7
<i>De 20 a 24 anos</i>	HM	71	28	43
	H	31	8	23
<i>De 25 a 29 anos</i>	HM	58	19	39
	H	25	6	19
<i>De 30 a 34 anos</i>	HM	58	3	55
	H	19	-	19
<i>De 35 a 39 anos</i>	HM	39	1	38
	H	14	-	14
<i>De 40 a 44 anos</i>	HM	31	2	29
	H	13	-	13
<i>De 45 a 49 anos</i>	HM	25	2	23
	H	10	-	10
<i>De 50 a 54 anos</i>	HM	28	3	25
	H	9	-	9
<i>De 55 a 59 anos</i>	HM	16	-	16
	H	6	-	6
<i>De 60 a 64 anos</i>	HM	17	-	17
	H	10	-	10
<i>De 65 a 69 anos</i>	HM	-	-	-
	H	-	-	-
<i>De 70 a 74 anos</i>	HM	-	-	-
	H	-	-	-
<i>De 75 ou mais anos</i>	HM	-	-	-
	H	-	-	-
Total Concelho de Mértola	HM	384	87	297
	H	159	29	130

Quadro 8. População residente desempregada por grupo etário no concelho de Mértola em 2001 (Fonte: INE).

Zona Geográfica	População economicamente activa							
	Total		Empregada				CAE 5-9	
	HM	H	Total		CAE 0	CAE 1-4	Total	Relacionados Com a Actividade Económica
			HM	H				
<i>Baixo Alentejo</i>	57390	33461	50818	31114	7571	11537	31710	14144
<i>Mértola</i>	3125	1981	2741	1822	517	643	1581	666

Quadro 9. População residente economicamente activa (sentido lato) e empregada, segundo o sexo e o ramo de actividade e taxas de actividade em 1991 e 2001, no Concelho de Mértola (Fonte: INE).

CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA DO CONCELHO DE MÉRTOLA

“Não será fácil encontrar em Portugal uma povoação tão marcada pela imaginária do passado como Mértola onde, até há pouco tempo, qualquer habitante que “sonhasse” três vezes tinha o direito legal de escavar no castelo à procura do “seu” tesouro, que seria repartido com as autoridades. É um passado que vive do quotidiano, espartilhado por grossas muralhas e bastiões. Sugestivos mármore, calçadas e ruelas, túneis e cisternas – um passado que é um rio e um porto que morreu”¹⁷⁷.

O passado de Mértola e os seus vestígios têm, desde há muito, chamado a atenção de viajantes, arqueólogos e historiadores. Em Portugal, as primeiras referências¹⁷⁸ são feitas no século XVI, na obra *Antiguidades da Lusitânia*, de André de Resende e, posteriormente, no século XVIII, as antiguidades de Mértola merecerem a atenção de Frei Manuel de Cenáculo Vilas Boas¹⁷⁹. As primeiras sondagens são efectuadas pelo arqueólogo Estácio da Veiga¹⁸⁰ em 1877 e 1878¹⁸¹ que para além de inventariar e

¹⁷⁷ Texto de Cláudio Torres na separata *Mértola: O Castelo, Arqueologia ... e Sonhos*, pg. 4.

¹⁷⁸ Referência feita no capítulo “Os antecedentes da fundação”, coordenado por Cláudio Torres da publicação *Memória de Portugal – o milénio português*, pg. 33.

¹⁷⁹ Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas (1724 -1814). Célebre Bispo de Beja e Arcebispo de Évora, foi um dos homens da Igreja mais respeitados e ilustrados do século XVIII em Portugal. Dedicou a sua vida ao estudo das Humanidades e da intervenção na instrução pública através da criação de cursos, bibliotecas e da constituição de uma exemplar colecção de objectos arquitectónicos e lápides funerárias de diversas proveniências e cronologias que fariam dele um pioneiro na museologia nacional. Foi fundador da Biblioteca do Convento de Jesus em Lisboa (posterior Academia Real das Ciências), da biblioteca do palácio episcopal de Beja e de duas importantes bibliotecas em Évora (a Biblioteca Pública de Évora e um biblioteca constituídas por raridades históricas e bibliográficas, medalhas e outras preciosidades actualmente integradas na Biblioteca Pública e Museu de Évora). Doou diversos exemplares de publicações à Biblioteca Pública de Lisboa.

¹⁸⁰ Sebastião Phillippes Martins Estácio da Veiga (1828-1891), nasceu em Tavira; foi arqueólogo, escritor e pertenceu a diversas instituições históricas e científicas do seu tempo. Em 1876, após as cheias ocorridas no sul de Portugal, Estácio da Veiga visita estas regiões e faz o levantamento dos vestígios arqueológicos que ficaram a descoberto. O resultado deste levantamento deu origem à publicação da Carta Arqueológica do Algarve, das Memórias das

identificar uma série de vestígios móveis e imóveis, efectuando a recolha de alguns objectos significativos que leva para os museus de Lisboa¹⁸². Apesar da passagem de outros arqueólogos e historiadores por Mértola, a arqueologia só viria a ser retomada em 1978 com os trabalhos dirigidos por Cláudio Torres¹⁸³.



Figs. 11 e 12. Respectivamente, intervenção arqueológica realizada por Estácio da Veiga em 1877/78 e aspecto geral da Alcáçova nos anos noventa do século XX.

Antiguidades de Mértola e à integração de diversas peças no acervo do Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.

¹⁸¹ Identificadas e descritas na publicação *Memórias das Antiguidades de Mértola*, de 1880.

¹⁸² Actualmente fazem parte das colecções o Museu Nacional de Arqueologia. De referir que alguns objectos foram cedidos por este museu para integrar as exposições permanentes do Museu de Mértola: Basílica Paleocristã e Arte islâmica.

¹⁸³ Cláudio Figueiredo Torres nasceu em Tondela em 11 de Janeiro de 1939. Em 2001 recebeu o Doutoramento *Honoris causa* da Universidade de Évora. De 1974 a 1984 foi Docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; de 1985 a 1996 foi Chefe da Divisão Sócio-Cultural da Câmara Municipal de Mértola e de 1996 a 2002 foi Presidente da Comissão Directiva do Parque Natural do Vale do Guadiana. Em 1978 fundou o Campo Arqueológico de Mértola, do qual continua a ser o Director. Em 1991 recebeu o Prémio Pessoa, em 1993, a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique e em 2001, Prémio Rómulo de Carvalho pela Universidade Lusíada. Entre muitos artigos publicados em diversas revistas científicas nacionais e internacionais destacamos as obras da sua autoria: "O Legado Islâmico em Portugal" publicado pelo Círculo de Leitores e os capítulos "O Garb Al-Andalus" na História de Portugal de José Mattoso (Círculo de Leitores) e "A Arte Islâmica em Portugal" na História de Arte Portuguesa de Paulo Pereira.

Abel Viana¹⁸⁴ no artigo “*O futuro Museu Arqueológico de Myrtilis*”¹⁸⁵, publicado no Diário do Alentejo em 1939, defende “*o projecto de se criar, na vetusta vila de Mértola, um museu histórico-arqueológico (...) Numerosos teem sido os documentos arqueológicos ali achados, pertencentes a várias épocas (...)*”.

Pode parecer incongruente mas, os anos de atraso e decadência desta Vila foram decisivos para a preservação do seu património arqueológico e histórico, ao contrário do que aconteceu noutras vilas e cidades, em que o progresso e desenvolvimento fizeram com que estes vestígios fossem arrasados ou simplesmente engolidos pelo crescimento urbanístico desenfreado. Em Mértola, a decadência e a paragem no tempo, durante muitos e muitos anos, preservou os vestígios e deixou zonas completamente abandonadas, como é o caso da Alcáçova de Mértola, onde os vestígios se preservaram e aguardaram que as mãos dos arqueólogos os trouxessem de novo à luz. Esta paragem no tempo é bem ilustrada no texto *A bela adormecida*¹⁸⁶, de António Serrão Martins¹⁸⁷, escrito em 1964, e que reflecte já a consciência que tinha da necessidade de

¹⁸⁴ Abel Viana nasceu em Viana do Castelo em 16 de Fevereiro de 1896 e exerceu as actividades de professor primário, etnógrafo, historiador e arqueólogo. Exerceu funções como Director do Museu regional de Viana do Castelo, catalogador do Museu Regional de Beja e colaborador do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular. Pertenceu a instituições Científicas como a Academia Nacional de Belas Artes, a Associação de Arqueólogos Portugueses e a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia. A sua intervenção em Mértola nunca foi directa mas como funcionário do Museu Regional de Beja adquiriu grande quantidade de peças, principalmente moedas, procedentes de vários locais neste concelho.

¹⁸⁵ *Arquivo de Beja – Abel Viana – antologia de textos de arqueologia*, série IV, n.º 1, 2007.

¹⁸⁶ Textos de Serrão Martins, 1985, pg.48.

¹⁸⁷ António Manuel Serrão Martins nasceu a 25 de Março de 1944 e faleceu na primavera de 1982, num trágico acidente de viação. Teve um percurso de vida atribulado que acabaria por assentar primeiro na Mina de S. domingos e depois em Mértola como professor do Externato Municipal D. Sancho II. Em 1974 é chamado para integrar a Comissão administrativa da Câmara Municipal de Mértola. Em 1977 termina a sua Licenciatura em História. À frente da autarquia revelou ser um líder incontestado pela sua sensibilidade para os problemas do Alentejo e em especial do seu Concelho, pelas suas qualidades humanas e intelectuais, e pela sua flexibilidade. A visão esclarecida que tinha do problemas e do papel do poder local,

promover medidas que tirassem Mértola do marasmo em que se encontrava, visão perfeitamente expressa no texto abaixo citado (*in, Textos de Serrão Martins, 1985*):

“Do Minho a Timor, Portugal agita-se freneticamente. Todas as forças se desdobram, multiplicam e completam numa corrida vertiginosa para a nova época que se avizinha:

A Época do Turismo!

Surgem hotéis modernos, pousadas amplas, jardins excelentes. Monumentos ressuscitam. Velhos castelos reerguem as suas torres e muralhas. O passado revive magnífico e escora um Presente promissor.

Contudo há ainda locais onde esta ânsia de vida não chegou, onde esta comunhão cronológica nem assomou sequer.

Um exemplo: MÉRTOLA.

Sim, a velha Myrtilis prossegue a sua modorra secular. O castelo, lá em cima, continua a sua agonia centenária. O seu corpo carcomido e velho desfaz-se. Morre lentamente. De vez em quando, uma pedra abandona as muralhas e, tristemente, rola pela encosta. Só a torre de menagem se ergue ancha. Olha o vasto terreno circundante. Rememora eras longínquas, glórias do passado. Mas, já não vê nem ouve. Recorda, apenas, agonizante e desesperada.

O rio, o Guadiana, continua tão selvagem como outrora. Corre, langoroso e livre, no seu leito milenário e virgem. Nas suas margens, algumas árvores raquíticas miram-se no espelho líquido das águas.

Não haverá possibilidade de integrar o Guadiana e o Castelo no futuroso movimento turístico?

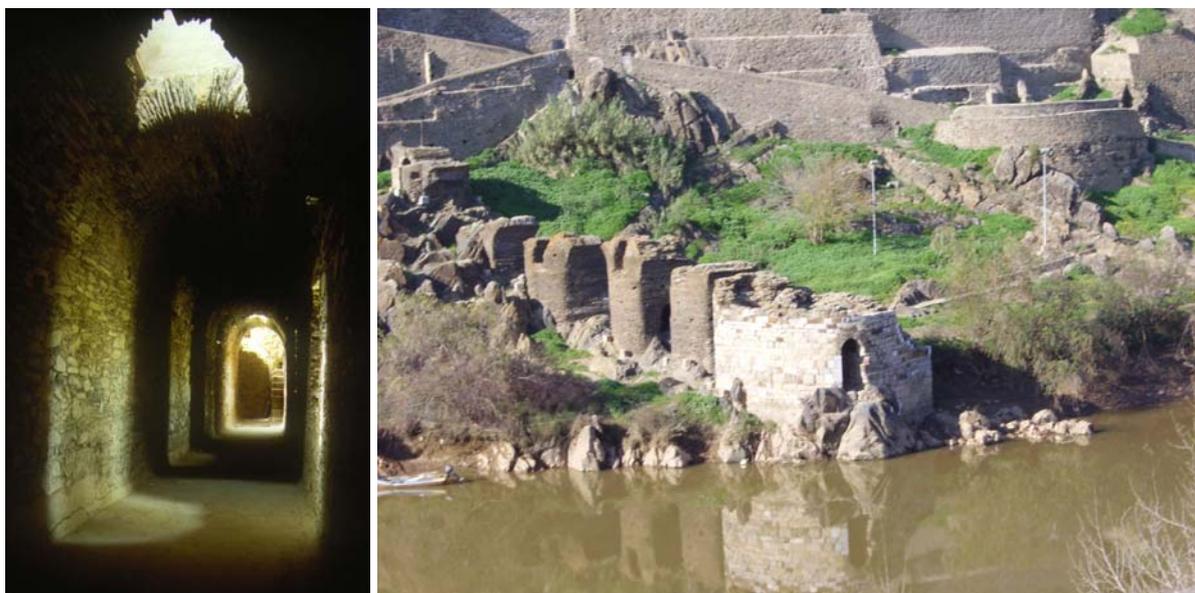
É Absolutamente necessário fazê-lo. Só assim, os turistas passam rapidamente nos seus carros ou que fazem uma paragem para tomar uma bebida poderão demorar aqui um pouco mais ou, talvez, fixar-se por alguns dias.

Impõe-se portanto, que Mértola desperte e não se limite apenas a testemunhar o progresso turístico do país, mas venha a tornar-se um dos seus elementos activos”.

ligados à sua natureza decidida e corajosa, fizeram com que Mértola vencesse as muitas décadas de letargia e inicia-se um novo caminho.

Desde o período pré-romano que Mértola foi um importante entreposto comercial, o porto interior mais a norte da grande via fluvial do Guadiana. Aqui chegaram e se fixaram as gentes e circularam os produtos dos mais díspares lugares do mundo mediterrânico antigo. Aqui se cruzavam com o rio as vias que traziam o pão e o azeite dos barros de Beja e os minérios de Aljustrel e S. Domingos.

Na combinação destes múltiplos factores Mértola, no passado, deteve uma importância histórica que o pequeno aglomerado actual, esquecido o estatuto que ostentou de cidade pré-romana, de capital de um reino muçulmano e de sede dos Cavaleiros da Ordem de Santiago, apenas longinquamente deixa adivinhar. Porém, alguns monumentos e marcas significativas desse passado pontuam a “vila velha”, ainda hoje completamente cercada por um quilómetro de muralha.



Figs. 12 e 13. Respectivamente, criptopórtico da Alcáçova e Torre do Rio.

A antiga cidade de Mértola, desde a sua fundação no período pré-romano, foi um importante porto comercial – o último porto de ligação para inúmeras rotas mediterrânicas. A *Myrtilis* romana foi desde logo um principal centro de escoamento de metais e cereais da região. Sob domínio islâmico, *Martulah* tornou-se na capital de um reino autónomo. Após a Reconquista Cristã e durante cerca de cem anos foi

também sede da Ordem de Santiago. Desde a baixa Idade Média que o Rio Guadiana perdeu a sua importância como via de comunicação o que contribuiu para a decadência da Vila de Mértola.

O Centro Histórico da Vila mantém-se quase inalterado até à actualidade. As ruas organizam-se em socalcos e os edifícios mantêm as técnicas de construção tradicionais com paredes de taipa e telhados de cana revestidos a telha mourisca. Preservam-se as muralhas que circundam todo o casco urbano apesar das duas principais portas de acesso terem sido destruídas nos finais do século XIX. A estrutura antiga do porto ainda se preserva tendo a seu lado a Torre do Rio, uma torre fortificada que tem resistido quase intacta a anos e anos de intensas cheias do Guadiana.

Por outro lado, o subsolo de Mértola preserva ainda inúmeros vestígios do passado. O Castelo, além de ser uma imponente estrutura fortificada é também um importante sítio arqueológico que revelou a existência de um bairro islâmico abandonado em finais do século XI. Situada perto do Castelo, na Alcáçova, estruturas de um bairro islâmico dos séculos XII e XIII sobrepõem-se aos vestígios de uma antiga basílica paleocristã e a um criptopórtico de construção romana. Após a Reconquista cristã, esta zona ficou desabitada e foi ocupada por um cemitério com utilização até ao século XVI.



Figs. 14 e 15. Respectivamente, castelo de Mértola e porta de acesso à Torre de Menagem.

A preservação, valorização e divulgação do património cultural de Mértola tem sido alvo de intervenção nos últimos trinta anos. Esta atitude envolveu uma série de projectos de desenvolvimento sustentável tendo como base a história e a arqueologia. Diversas entidades locais e nacionais, públicas e privadas, deram impulso a acções de preservação e valorização do património, transformando a Vila num autêntico museu. Neste momento existem nove núcleos museológicos que albergam colecções de valor inestimável nas áreas da arqueologia, arte e etnografia.



Figs. 16, 17, 18 e 19. Imagens do Centro Histórico de Mértola.

Regulamento Interno do Museu de Mértola¹⁸⁸

Preâmbulo

O Museu de Mértola é fruto da estreita relação entre duas instituições – Câmara Municipal de Mértola e o Campo Arqueológico de Mértola que, desde finais dos anos setenta do século XX, trabalharam em conjunto com o objectivo de estudar, preservar e valorizar o património cultural de Mértola.

Os núcleos museológicos foram surgindo dentro da mesma linha de valorização patrimonial e dinamização cultural do Concelho de Mértola: em 1990 foi inaugurada a Casa Romana; em 1991 o Núcleo do Castelo; em 1993 a Basílica Paleocristã; em 1999 a Ermida e Necrópole de S. Sebastião; em 2000 o Núcleo de Tecelagem e, em 2001 os núcleos de Arte Sacra, Forja do Ferreiro e Arte Islâmica.

Tendo em conta a especificidade deste projecto museológico, não foi executado um documento legal que correspondesse à criação do Museu de Mértola. Em 2 de Junho de 2004 foi aprovado, por unanimidade, em Reunião Ordinária da Câmara Municipal de Mértola (Acta n.º 011/2004) o Projecto de Protocolo a celebrar entre a Câmara Municipal e o Campo Arqueológico de Mértola relativo à gestão do Museu de Mértola.

Em 3 de Junho de 2004 foi assinado o Protocolo de Colaboração entre a Câmara Municipal de Mértola e o Campo Arqueológico de Mértola, sobre a Gestão do Museu de Mértola, assinado pelo Dr. Jorge Pulido Valente e Dr. Cláudio Torres, em representação das duas instituições. Na Cláusula 1ª – Tutela, refere-se “O Museu de Mértola (MM) será tutelado pela Câmara Municipal de Mértola, cabendo a sua direcção e gestão científica ao Campo Arqueológico de Mértola.

(...)

Artigo 4º - Vocação

“O acervo do Museu de Mértola é constituído por colecções de arqueologia, arte e etnografia – cerâmica, pedra, metais e ligas metálicas, vidro, osso trabalhado, pintura, ourivesaria, madeira policroma, terracota, material etnográfico relacionado com a actividade da

¹⁸⁸ Aprovado em Reunião Ordinária da Câmara Municipal – Acta n.º 017/2006, realizada em 16 de Agosto.

tecelagem tradicional e ofício de ferreiro – procedentes de intervenções arqueológicas, recolhas, doações ou aquisição realizadas no Concelho de Mértola. De considerar que a colecção do museu inclui também bens imóveis como é o caso das estruturas arqueológicas da Basílica Paleocristã, da Ermida e Necrópole de S. Sebastião e da Casa Romana e da pintura mural existente no Altar da Igreja da Misericórdia (Arte Sacra).

Assim sendo, o Museu de Mértola tem como principal vocação estudar, documentar, conservar e divulgar as colecções que detém, bem como apoiar e colaborar na salvaguarda, estudo e divulgação do património cultural do Concelho de Mértola. O Museu de Mértola tem também como objectivo participar na divulgação do património cultural nacional através da colaboração deste museu com outros museus nacionais e estrangeiros.

Artigo 5º -Objectivos

O Museu de Mértola tem como objectivos principais:

- 1. Estudar, salvaguardar e divulgar as colecções que constituem o seu espólio.*
- 2. Valorizar as colecções entendidas como testemunho da cultura material e da identidade das gentes de Mértola ao longo dos tempos.*
- 3. De acordo com o Campo Arqueológico de Mértola, integrar no seu acervo todos os bens procedentes de intervenções arqueológicas ou de recolhas realizadas no concelho promovendo o seu inventário, armazenamento e estudo.*
- 4. Apoiar e colaborar na salvaguarda, estudo e divulgação do património cultural do Concelho de Mértola no âmbito nacional e internacional.*
- 5. Desenvolver estratégias de trabalho que permitam captar novos públicos e incentivar os mertolenses a ir ao Museu.*
- 6. Estabelecer parcerias e colaborações com instituições locais, nacionais e estrangeiras tendo em vista o estudo, a divulgação e a fruição do património local.*
- 7. Apoiar a criação, organização e consolidação de novos núcleos museológicos ou museus a serem criados no Concelho, muito especificamente aqueles criados pela Autarquia, ajudando a promover e difundir as boas práticas inerentes à nova museologia, sempre com uma preocupação social e pedagógica e tendo em conta o desenvolvimento de um turismo cultural de qualidade”.*

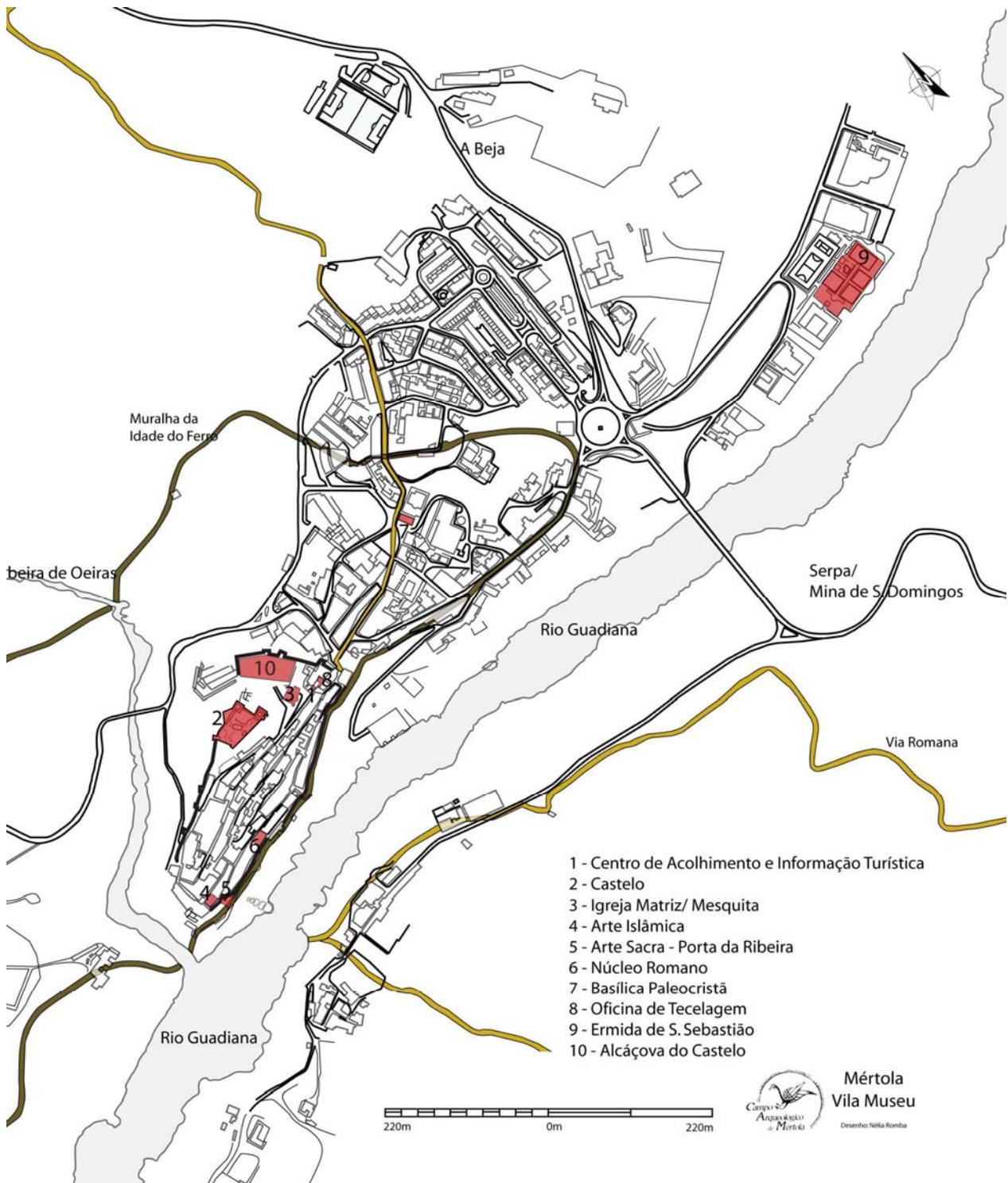


Figura 20. Planta da Vila de Mértola com a implantação dos núcleos museológicos.

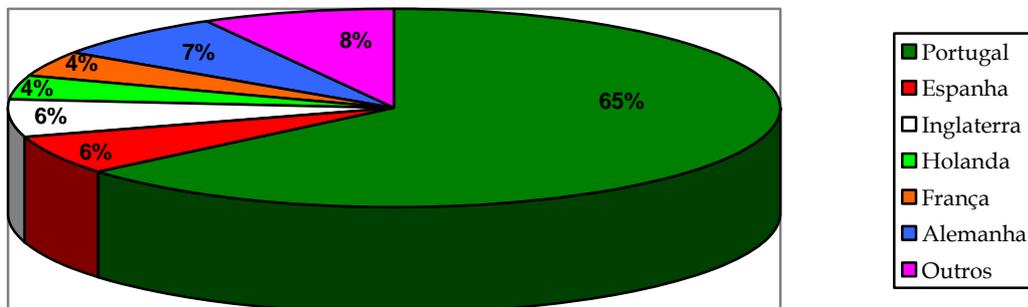


Gráfico 5. Posto de Informação Turística de Mértola - Visitantes por nacionalidade - período 1990/2000.

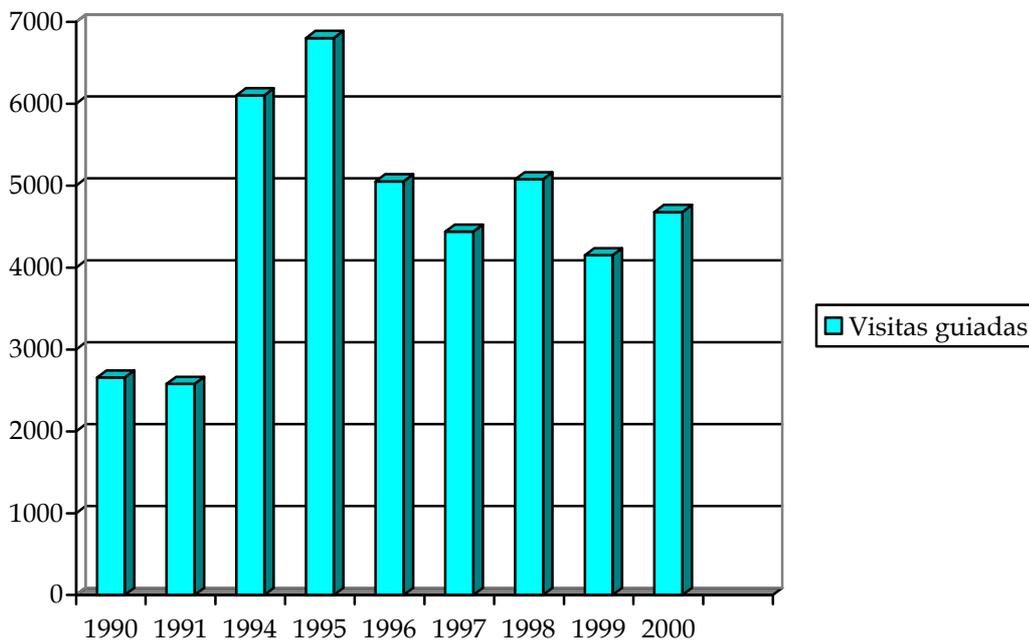


Gráfico 6. Posto de Informação Turística de Mértola - Visitas guiadas -1990/2000.

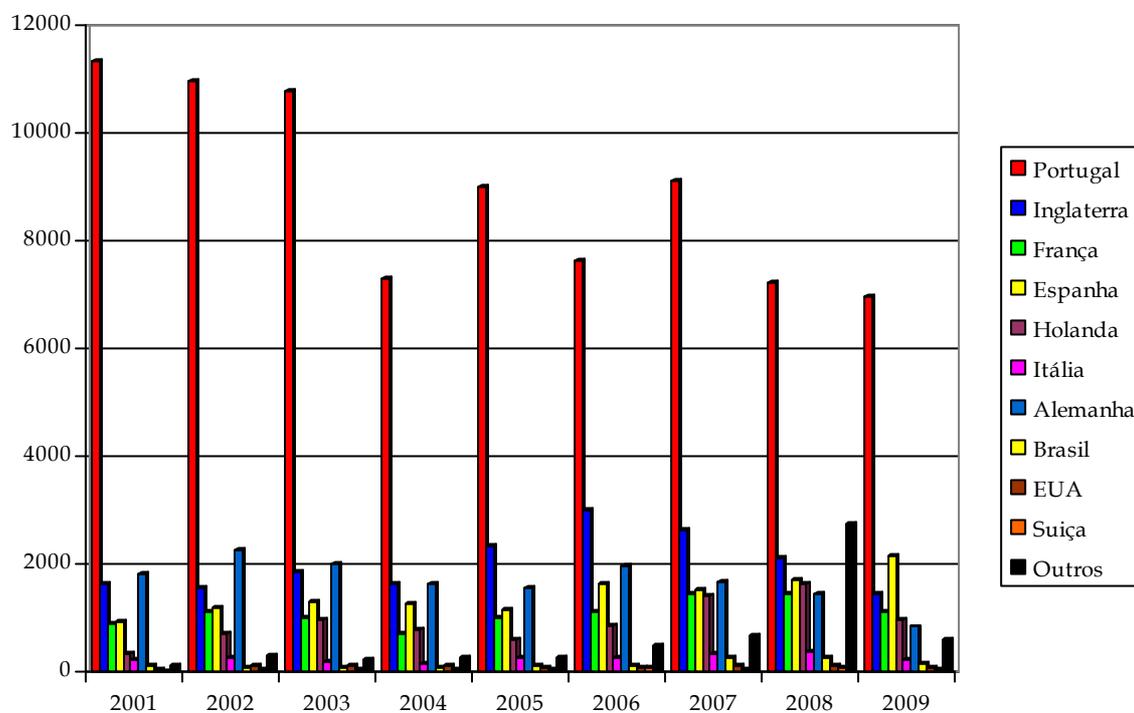


Gráfico 7. Posto de Informação Turística - Visitantes por nacionalidade de 2001 a Setembro de 2009.

Ano	Visitante/ ano	Portugal	Espanha	Inglaterra	Holanda	França	Alemanha	Outros
1990	3.687	2.407	144	340	168	194	196	175
1991	3.596	2.409	193	402	98	234	152	108
1994	2.542	1.848	137	94	73	97	104	189
1995	2.582	1.778	119	92	83	114	155	241
1996	3.844	2.499	210	202	176	152	262	343
1997	2.915	1.795	278	123	111	94	233	281
1998	3.231	1.913	242	147	129	97	350	353
1999	3.424	1.798	299	185	144	150	430	418
2000	7.370	*	*	*	*	*	*	*
TOTAL	29.767	16.510	1.622	1.585	982	1.132	1.882	2.108

Quadro 10. Visitantes por nacionalidade - 1990 a 2000 (Fonte: Posto de Informação Turística da Câmara Municipal de Mértola).

Local	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009 **
T. Menagem	13.881	6.142	6.262	3.298	4.619	3.340	4.099	4.956	8.192
Castelo *	11.587	16.662	23.003	a) 9.333	f) 12.886	h) 10.492	i) 9.161	j) 10.954	13.401
Alcáçova	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	4.383
Arte Sacra	5.216	8.407	5.103	3.933	4.833	3.787	3.816	3.414	6.123
Basílica Paleocristã	5.591	5.087	3.578	2.952	2.756	3.065	3.824	2.646	3.102
Casa Romana b)	-----	-----	3.027	2.444	4.272	3.578	4.211	2.926	2.726
Tecelagem	-----	-----	2.935 c)	4.274	g)	1.002 h)	19.104	9.874	9.376
Arte Islâmico	731 d)	11.496	8.360	6.291	7.872	6.276	7.408	6.755	6.123
Igreja Matriz	-----	-----	2.800 e)	13.232	16.591	19.383	29.432	19.029	20.987
PIT	15.052	18.768	18.733	14.072	19.539	17.393	19.407	17.160	14.751

Quadro 11. Análise comparativa de visitantes 2001/Setembro 2009 (Fonte: Posto de Informação Turística e Sector de Museus da Câmara Municipal de Mértola).

Legenda do quadro 4:

- a) Dados referentes aos meses de Janeiro, Fevereiro, Março, Abril e Maio (encerrado para obras a partir de Maio).
 - b) Dados só referentes às entradas nos fins-de-semana e feriados.
 - c) A contagem de visitantes só foi iniciada em Maio de 2003.
 - d) Inaugurado em 21 de Dezembro de 2001.
 - e) Os dados correspondem somente aos visitantes que assinaram o livro de registos. Só a partir de Abril de 2004 se iniciou a contagem de entradas.
 - f) Reabriu a 12 de Maio.
 - g) Não temos dados referentes a 2005.
 - h) O Castelo encerrou para obras em Julho e, relativamente à Tecelagem só existem dados até Junho.
 - i) Reabriu durante o Festival Islâmico e a partir de 1 de Setembro.
 - j) O Castelo esteve encerrado nos meses de Abril, Maio, Junho e Julho.
- * Entrada no Castelo sem pagamento de bilhete.
** Até Setembro.

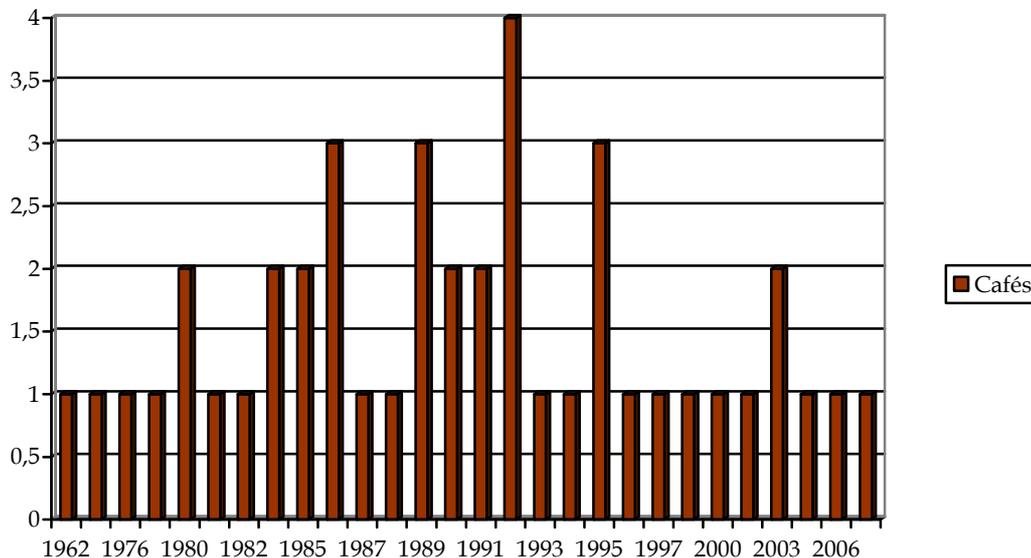


Gráfico 8. Estabelecimentos abertos de 1969 a Junho de 2009 – Tipologia Cafés. Neste período foram registadas a abertura de 43 cafés no Concelho de Mértola tendo encerrado 6 pelo que se mantém em funcionamento 37 (Fonte: Divisão de Ordenamento do Território e Urbanismo da Câmara Municipal de Mértola).

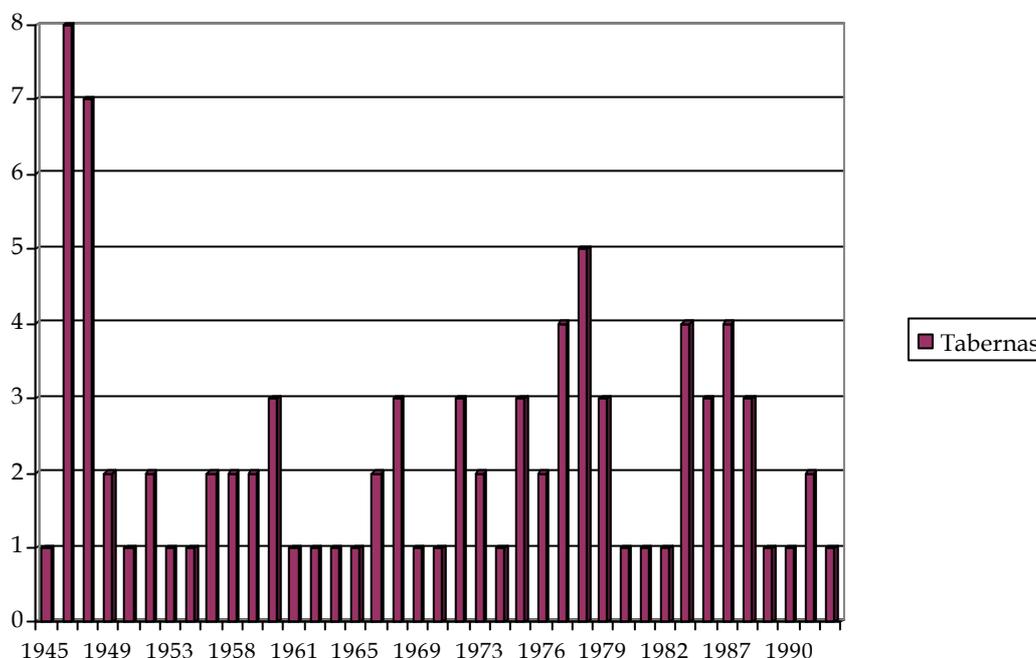


Gráfico 9. Estabelecimentos abertos de 1945 a Junho de 2009 – Tipologia Tabernas. Neste período foram registadas a abertura de 88 Tabernas no Concelho de Mértola tendo encerrado 19 pelo que se mantém em funcionamento 69 (segundo a DOTAU o número de estabelecimentos pode ser menor porque muitos

encerram e não dão baixa da actividade nos serviços camarários - Fonte: Divisão de Ordenamento do Território e Urbanismo da Câmara Municipal de Mértola).

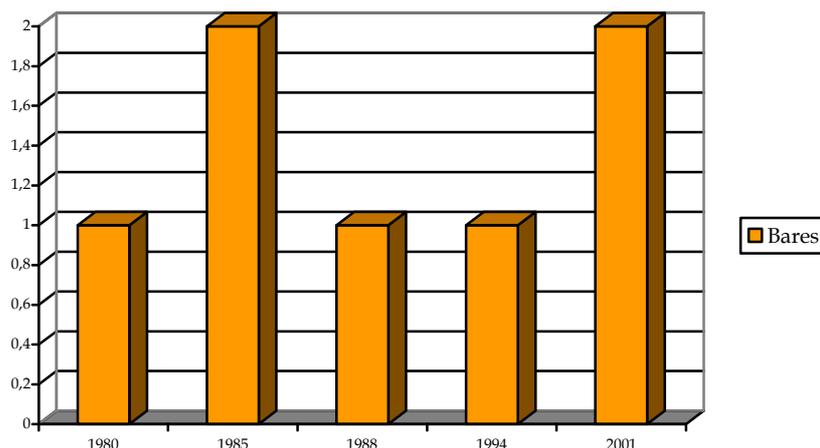


Gráfico 10. Estabelecimentos abertos de 1980 a Junho de 2009 - Tipologia Bares. Neste período foram registadas a abertura de 5 bares no Concelho de Mértola, mantendo-se todos em funcionamento e sendo três deles na Vila de Mértola (Fonte: Divisão de Ordenamento do Território e Urbanismo da Câmara Municipal de Mértola).

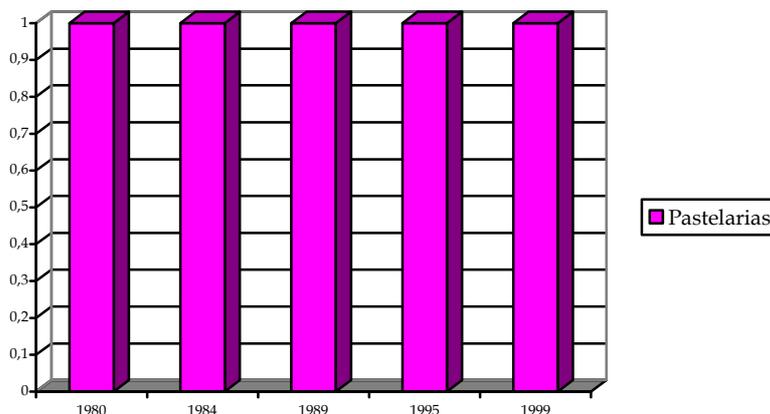


Gráfico 11. Estabelecimentos abertos de 1980 a Junho de 2009 - Tipologia Pastelarias. Neste período foram registadas a abertura de 5 pastelarias no Concelho de Mértola, tendo encerrado 2. Das três em funcionamento duas são na Vila de Mértola (Fonte: Divisão de Ordenamento do Território e Urbanismo da Câmara Municipal de Mértola).

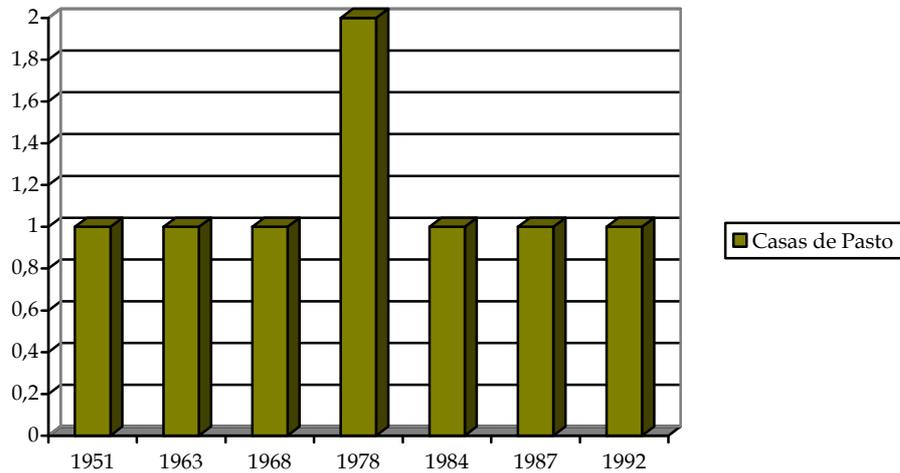


Gráfico 12. Estabelecimentos abertos de 1951 a Junho de 2009 - Tipologia Casa de Pasto. Neste período foram registadas a abertura de 7 estabelecimentos desta tipologia no Concelho de Mértola, tendo dois deles, os mais antigos encerrado (Fonte: Divisão de Ordenamento do Território e Urbanismo da Câmara Municipal de Mértola).

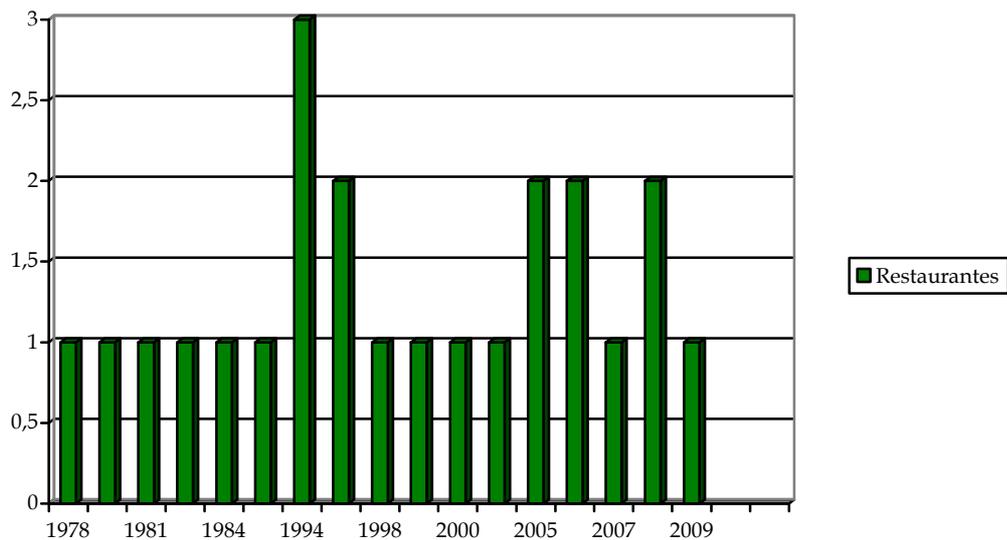


Gráfico 13. Estabelecimentos abertos de 1978 a Setembro de 2009 - Tipologia Restaurantes. Neste período foi registada a abertura de 23 estabelecimentos desta tipologia no Concelho de Mértola, sendo 13 deles na Vila de Mértola (Fonte: Divisão de Ordenamento do Território e Urbanismo da Câmara Municipal de Mértola).

Nome	Localidade	Obs.
Restaurante <i>O Repuxo</i>	Mértola	
Café - Restaurante <i>S. Domingos</i>	Mina de S. Domingos	
Restaurante <i>Esquina</i>	Mértola	
Restaurante <i>A Paragem</i>	Corvos	
Restaurante <i>Alengarve</i>	Mértola	
Restaurante <i>Avenida</i>	Mértola	
Restaurante <i>Cegonha Branca</i>	Mértola	
Restaurante <i>Alentejo</i>	Moreanes	
Restaurante <i>Fatana</i>	S. João dos Caldeireiros	
Restaurante <i>O Tamuge</i>	Mértola	
Restaurante <i>O Brasileiro</i>	Mértola	
Restaurante <i>o Náutico</i>	Mértola	
Restaurante <i>“Seppia”</i> da Estalagem S. Domingos	Mina S. Domingos	
Restaurante <i>A Taberna</i>	Mina S. Domingos	
Restaurante <i>O Rui</i>	Mértola	
Restaurante <i>2DD</i>	Vale de Açor de Baixo	
Restaurante <i>O Palheiro</i>	S. Pedro de Sólis	
Restaurante <i>Boa Viagem</i>	Mértola	
Restaurante <i>São Miguel</i>	S. Miguel do Pinheiro	
Restaurante <i>O Migas</i>	Mértola	
Restaurante <i>O Montado</i>	Amendoeira da Serra	
Restaurante <i>O Preguinho da Muralha</i>	Mértola	
Restaurante <i>Taberna Terra Utópica</i>	Mértola	

Quadro 12. Restaurantes no Concelho de Mértola até Setembro de 2009 (Fonte: Divisão de Ordenamento do Território e Urbanismo da Câmara Municipal de Mértola)

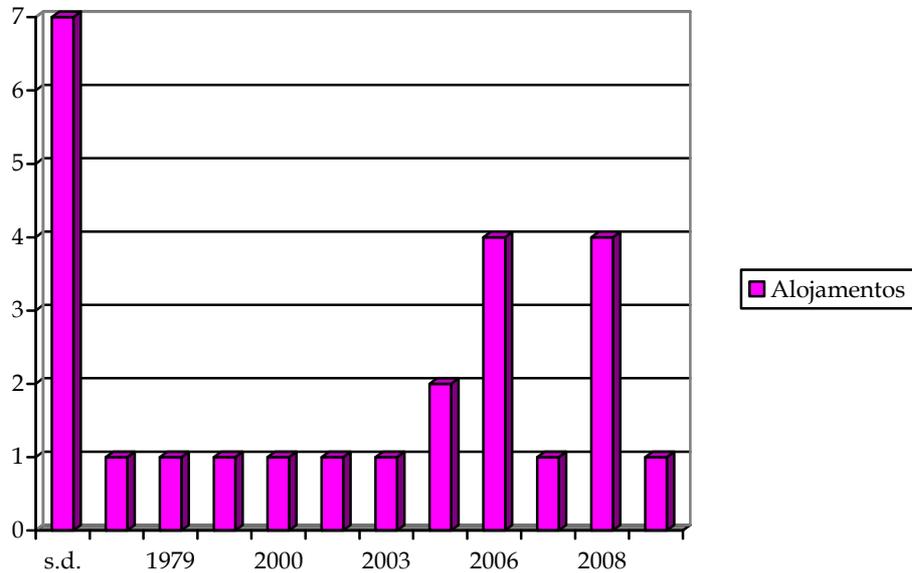


Gráfico 14. Estabelecimentos abertos de 1979 a Setembro de 2009 – Tipologia Alojamentos. Neste período foi registada a abertura de 25 estabelecimentos desta tipologia no Concelho de Mértola, sendo que para 7 deles não disponho de referência à data de abertura e 2, os mais antigos, se encontram encerrados.

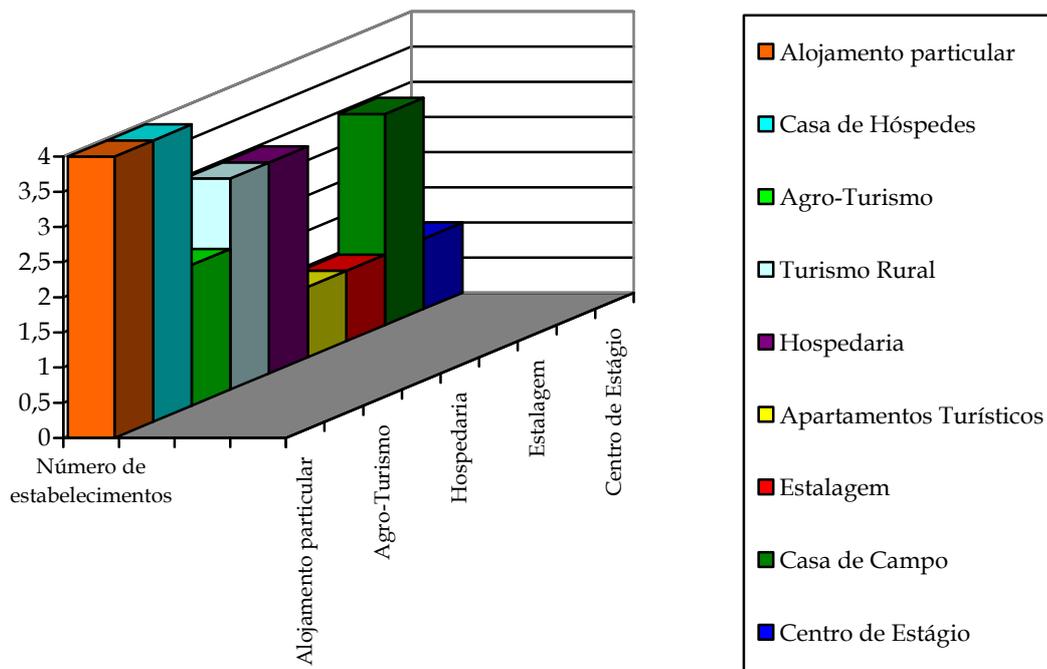


Gráfico 15. Estabelecimentos de alojamento tendo em conta a sua classificação. Actualmente existem 23 estabelecimentos desta tipologia no Concelho de Mértola.

Alojamento	Localidade	Instalações	Acesso p/ deficientes
Alojamentos Oásis	Mértola	5 Quartos casal 3 Quartos duplos	Não
Casa Rosmaninho	Mértola	3 Quartos casal 1 Quarto duplo	Não
Casa Visconde de Bouzões	Mértola	2 Quartos casal 2 Quartos duplos	Não
Centro de Estágio do Guadiana	Mértola	1 Quarto individual 1 Quarto duplo 6 Camaratas	Não
Hospedaria Beira-rio	Mértola	8 Quartos duplos 11 Quartos casal	Não
Casa de Hóspedes Fatana	Mértola	7 Quartos duplos	Não
Casa de Hóspedes Idalina M. Martins	Ledo	2 Quartos casal 3 Quartos duplos	Não
Casa de Hóspedes S. Domingos	Mina S. Domingos	10 Quartos casal 6 Quartos duplos	Não
Casas Lampreia	Mesquita	2 Apartamentos	Não
Casa dos Loendros	Alcaria Ruiva	3 Quartos casal 2 Quartos duplos	Não
Ecoland	Corte Gafo de Cima	3 Quartos duplos	Não
Estalagem S. Domingos	Mina S. Domingos	20 Quartos duplos 10 Quartos casal 1 Quarto deficientes	Sim
Herdade de Balanches	Herdade de Balanches	3 Quartos duplos	Não
Herdade Vale Côvo	Herdade Vale Côvo Corte Sines	5 Quartos duplos	Não
Hospedaria Casa do Guizo	Monte do Guizo Moreanes	3 Quartos casal 3 Quartos duplos 1 Apartamento	Não
Monte do Alinho	Monte do Alinho Moreanes	5 Quartos duplos 5 Quartos casal	Não
Monte da Belavista	Monte da Belavista Monte dos Alves	3 Quartos casal 7 Quartos duplos 1 Quarto p/ deficientes	Sim
Monte da Eirinha	Moinhos de Vento	6 Quartos duplos	Não
Monte dos Nascedios	Mte. dos Nascedios Mina S. Domingos	5 Quartos duplos	Não
Monte da Galega	Mte. da Galega Mina S. Domingos	5 Quartos casal 3 Quartos duplos	Não
Centro de Acolhimento do Mosteiro	Mosteiro	4 Quartos duplos 4 Camaratas	Não
Centro de Acolhimento da Amendoeira da Serra	Amendoeira da Serra	6 Quartos duplos 1 Camarata	Não
Hospedaria Rita	Mértola		

Quadro 13. Unidades de Alojamento no Concelho de Mértola em 2009 (Fonte: Câmara Municipal de Mértola).

Entidade Promotora	Localidade	Actividades
Associação de Defesa do Património	Monte do Vento (Corte Gafo)	- Visitas guiadas à quinta ecológica; - Percursos pedestres.
Associação de Defesa do Património	CIPAS - Amendoeira da Serra	- Visitas ao centro; - Visionamento das exposições existentes; - Compra de produtos e artesanato Local; - Percursos pedestres e/ou carro.
Associação de Defesa do Património	Mértola	- Viagens no Rio Guadiana; - Viagens eco-saudáveis
Câmara Municipal de Mértola	Mértola	- Viagens no Rio Guadiana.
Museu de Mértola	Mértola	- Visitas guiadas aos núcleos museológicos.
Clube Náutico de Mértola	Mértola	- Descidas do Rio Guadiana em canoas com vários percursos; - Aluguer de canoas; - Passeios de jipe; - Passeios pedestres; - Tiro arcaico, besta e zarabatana; - Tiro aos pratos; - Passeios de TT; - Passeios de BTT; - Actividades com cordas; - Paintball.
Ecoland - Empresa de Animação Turística	Corte Gafo de Cima	- Percursos pedestres com Interpretação da paisagem; - Ateliers e workshops temáticos.
Cabra Montês	Mértola	- Descidas do Rio Guadiana; - Passeios BTT; - Passeios TT.
MERTURIS - Empresa Municipal de Turismo	Mértola	- Parapente; - Birdwatching; - Percursos temáticos; - Organização de eventos de promoção de produtos tradicionais
Parque Natural do Vale do Guadiana	Mértola	- Acções de educação ambiental; - Birdwatching; - Percursos temáticos.

Quadro 14. Actividades turísticas no Concelho de Mértola em 2009 (Fonte: Câmara Municipal de Mértola).

Definições de Património Cultural e Natural ¹⁸⁹:

1. São considerados património cultural: *“os monumentos – Obras arquitectónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos ou estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; os conjuntos – Grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitectura, unidades ou integração na paisagem, têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; Os locais de interesse – obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional, estético, etnológico e antropológico”*.

2. São considerados como património natural: *“os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico; As formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação; Os locais de interesse naturais ou zonas naturais estritamente delimitadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência, conservação ou beleza natural”*.

¹⁸⁹ In, Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, realizada em Paris, em 16 de Novembro de 1972.

Definição de Museu extraída dos Estatutos do ICOM¹⁹⁰:

(...)

Artigo 2º - Definições

1. Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição.

a) A definição de museu supracitada deve ser aplicada sem quaisquer limitações resultantes da natureza da entidade responsável, do estatuto territorial, do seu sistema de funcionamento ou da orientação das colecções da instituição em causa.

b) Para além das instituições designadas "museus", são abrangidos por esta definição:

i) Os sítios e monumentos naturais, arqueológicos e etnográficos e os sítios e monumentos históricos com características de aquisição, conservação e comunicação dos testemunhos materiais dos povos e do seu meio ambiente.

ii) As instituições que conservam colecções e expõem espécimes vivos de vegetais e animais, tais como jardins botânicos e zoológicos, aquários e viveiros.

iii) Os centros científicos e planetários;

iv) As galerias de arte sem fins lucrativos, os institutos de conservação e galerias de exposição dependentes de bibliotecas e arquivos;

v) As reservas naturais;

vi) As organizações internacionais, nacionais, regionais e locais de museus, as administrações públicas que tutelam museus de acordo com a definição supracitada;

vii) As instituições ou organizações sem fins lucrativos que desenvolvem actividades de conservação, investigação, educação, formação, documentação e outras relacionadas com museus e museologia;

¹⁹⁰ Adoptados na 16ª Assembleia-Geral do ICOM (Haia - Holanda, 5 de Setembro de 1989) e alterados pela 18ª Assembleia-Geral do ICOM (Stavanger - Noruega, 7 de Julho de 1995) e pela 20ª Assembleia Geral do ICOM (Barcelona - Espanha, 6 de Julho de 2001).

viii) Os centros culturais e outras instituições cuja finalidade seja promover a preservação, continuidade e gestão dos recursos patrimoniais materiais e imateriais (património vivo e actividade criativa digital).

ix) Quaisquer outras instituições que o Conselho Executivo, ouvido o Conselho Consultivo, considere como tendo algumas ou todas as características de um museu, ou que proporcione aos museus e aos profissionais de museus os meios para a investigação na área da museologia, da educação ou da formação.

Código Deontológico dos Profissionais de Museus¹⁹¹:

O Código Deontológico é o documento de referência para os profissionais de museu em todo o mundo. Pela abrangência que o ICOM lhe quis dar desde a primeira hora, é uma norma minimal que, em cada país, deve encontrar continuação e aprofundamento seja num quadro legislativo e normativo, seja num quadro de acreditação e qualidade ou de formação profissional. Todavia, num quadro em que se exige uma maior responsabilização, competência profissional e qualidade, o Código é um instrumento de trabalho fundamental e qualificador do sector.

Este documento *“representa uma norma mínima para museus e apresenta-se como uma série de princípios fundamentados em directrizes para práticas profissionais desejáveis”*.

1. *“Os museus preservam, interpretam e promovem o património natural e cultural da Humanidade. Os museus são responsáveis pelo património natural e cultural material e imaterial. As autoridades de tutela e todos os responsáveis pela orientação estratégica e a supervisão dos museus têm como primeira obrigação proteger e promover este património, e assim como promovem os recursos humanos, materiais, financeiros necessários para este fim”*.

(...)

3. *“Os museus conservam testemunhos primários para construir e aprofundar o conhecimento. Os museus têm responsabilidades específicas para com a sociedade em relação à protecção e às possibilidades de acesso e de interpretação dos testemunhos primários reunidos e conservados em seus acervos”*.

6. *“Os museus trabalham em estreita colaboração com as comunidades de onde provêm seus acervos, assim como com aqueles ás quais servem. Os acervos dos museus reflectem o património cultural e natural das comunidades de onde provêm. Desta forma, seu carácter ultrapassa aquele dos seus comuns, podendo envolver forte referências à identidade nacional,*

¹⁹¹ O Código Deontológico do ICOM foi adoptado por unanimidade pela 15ª Assembleia-Geral do ICOM, reunida em Buenos Aires (Argentina), a 4 de Novembro de 1986. Foi revisto pela 20ª Assembleia-Geral reunida em Barcelona (Espanha), a 6 de Julho de 2001, e pela 21ª Assembleia Geral de Seoul (República da Coreia), a 8 de Outubro de 2004.

regional, local, étnica, religiosa ou política. Consequentemente, é importante que a política do museu corresponda a esta possibilidade”.

(...)

8. *“Os museus actuam com profissionalismo. Os profissionais dos museus devem observar as normas e a legislação vigentes, manter a dignidade e honrar a sua profissão. Todas as oportunidades devem ser aproveitadas para educar e informar ao público sobre os objectivos, finalidades e aspirações da profissão a fim de desenvolver uma melhor compreensão a respeito das contribuições que os museus oferecem à sociedade.*

Definição de Profissional de Museus: *“São profissionais de museu todos os membros do pessoal dos museus (...) que hajam recebido uma formação especializada ou possuam experiência prática equivalente, em todas as áreas ligadas à gestão e às actividades do museu e pessoas independentes que respeitem o Código Deontológico do ICOM para os Museus e trabalham para os museus de acordo com o definido acima, como consultores ou profissionais, excluindo todos os que promovem e comercializam produtos e equipamentos necessários aos museus e aos seus serviços”.*

N.º	Nome	Residência	Profissão/atividade	Idade
1	Abdallah Khwali	Vidigueira	Investigador	46
2	Ana Alexandre	Serpa	Técnica Superior - Desenvolvimento Local	41
3	Armanda Salgado	Ferreira do Alentejo	Bibliotecária	30
4	Carlos Manuel C. Pedro	Castro Verde	Técnico Superior - Antropologia	52
5	Clara Frayão Camacho	Lisboa	Técnica Superior IMC	49
6	Clara M. Guerreiro Rodrigues	Mértola	Técnica Superior - História	32
7	Cláudio Figueiredo Torres	Mértola	Director Museu de Mértola e Campo Arqueológico	70
8	Deolinda M. Sousa Tavares	Odemira	Conservadora- Restauradora	57
9	Fernando M. G. F. Martins	Mértola	Assistente Operacional - Turismo	45
10	Filipa Medeiros	Mértola	Bibliotecária	28
11	Filipe João Candeias Gomes	Mértola	Técnico Superior de Gestão	28
12	Germano Vaz	Lisboa	Realizador de documentários	52
13	Guilherme Machado	Mértola	Técnico Superior - Geografia	46
14	Guilhermina M. C. Bento	Mértola	Assistente Técnica - Museografia	48
15	João Miguel Serrão Martins	Mértola	Técnico Superior	35
16	Jorge Pulido Valente	Mértola	Administrador EDIA	52
17	Jorge Revez	Mértola	Técnico superior - Sociologia	46
18	Luís Carlos Silva Borges	Açores	Técnico de Museografia - estagiário	23
19	Manuel José Dias Marques	Mértola	Técnico Superior - Sociologia	46
20	Maria Alice L. Guedelha	Mértola	Psicóloga	42
21	Maria Eugénia S. Monteiro	Mértola	Assistente Técnica - Anim. Cultural	44
22	Maria de Fátima Palma	Mértola	Arqueóloga	27
23	Maria Manuela M. de Deus	Castro Verde	Arqueóloga	36
24	Mariana Ricardina Costa	Mértola	Assistente Operacional - Turismo	32
25	Mariana Mestre Lopes	Mértola	Assistente Operacional - Reprografia	46
26	Miguel da Conceição Bento	Mértola	Assistente Social	46
27	Nádia Ferreira Torres	Mértola	Professora de Artes	47
28	Nélia Isabel Revez Romba	Mértola	Técnica de Museografia Arqueológica	26
29	Paula Cristina C. Martins	Mértola	Assistente Operacional - Turismo	32
30	Rosa Maria Roxo dos Santos	Mértola	Assistente Técnica - Turismo	32
31	Rossana Torres	Mértola	Formadora	44
32	Rui Mateus	Mértola	Investigador	46
33	Rute Isabel do R. Fortuna	Mértola	Técnica Conservação e Restauro	32
34	Santiago Macias	Mértola	Técnico Superior - Arqueologia	46
35	Susana Gómez Martinez	Mértola	Arqueóloga	42
36	Susana M. Rafael Martins	Lisboa	Jurista	37
37	Tânia Patrícia do R. Fortuna	Mértola	Designer Gráfica	31
38	Teresa Silveira	Tomar	Conservadora-Restauradora	38
39	Virgílio António M. Lopes	Mértola	Arqueólogo	43

Quadro 15. Listagem de entrevistados.

ENTREVISTA

Introdução

A presente entrevista é um importante meio de instrumento de trabalho a ser utilizado na Dissertação de Mestrado “*Os Trinta Anos do Projecto Mértola Vila Museu: Balanço e Perspectivas*”, no âmbito do Mestrado em Museologia, que me encontro a realizar na Universidade de Évora.

O Projecto Mértola Vila Museu, onde se insere o Museu de Mértola, é uma referência para a museologia nacional. A importância que lhe é atribuída advém do facto de, há 30 anos, se ter iniciado em Mértola um projecto de desenvolvimento local que teve como principal ponto de partido o património histórico-arqueológico e a sua relação com a comunidade local.

O que levaria este projecto desenvolvido fora dos grandes centros políticos, económicos e culturais a constituir uma referência na museologia nacional? Quais os seus antecedentes e como se desenvolveu? Quem foram os seus mentores? Quais as consequências sociais e económicas para a população local? Será que pode ser considerado o motor do desenvolvimento de Mértola nos últimos trinta anos? Qual a situação actual e que futuro?

Pretendo com este trabalho clarificar a relação existente entre o Projecto Mértola Vila Museu e o desenvolvimento local, caracterizando e analisando-o com o objectivo de conhecer as suas acções, implicações e consequências no desenvolvimento de Mértola. Será que os objectivos, bem definidos, desde a primeira hora foram de facto atingidos? Se sim, será este um projecto com futuro e enquadrável na sociedade actual?

Passados trinta anos esta reflexão é essencial para perceber se realmente este projecto foi, e ainda é, factor de desenvolvimento local, e quais são as perspectivas para o futuro.

A informação recolhida será somente utilizada no âmbito deste estudo pelo que se solicita aos entrevistados, a análise e utilização dos dados constantes das suas respostas bem como autorização para a sua reprodução integral em anexo ao texto principal da tese.

Agradeço desde já a colaboração e espero uma resposta para o e-mail ligiarafael62@gmail.com até ao dia 5 de Setembro.

Lígia Isabel da Silva Rafael

ENTREVISTA

1. Qual a sua actividade profissional e onde a exerce?
2. A designação Projecto Mértola Vila Museu é-lhe familiar? Se sim, qual é, ou foi, a sua ligação com ele.
3. Pode explicar de uma forma sucinta o conhecimento e impressão que tem deste projecto?
4. Considera-o um projecto de valorização patrimonial e desenvolvimento local? Porquê?
5. O que pensa relativamente às parcerias entre as entidades locais, nomeadamente Autarquia, Campo Arqueológico e Associação de Defesa do Património. Foram elas as impulsionadoras deste projecto?
6. Relativamente à comunidade local, pensa que esta sempre esteve envolvida no projecto? Considera que esse envolvimento se mantém?
7. Que balanço faz dos trinta anos do Projecto Mértola Vila Museu.
8. Relativamente ao futuro qual a sua impressão relativamente a este projecto, ou seja, que futuro para o Projecto Mértola Vila Museu?

Nome:

Idade:

Actividade Profissional

Data: ____/____/2009

Obrigada pela colaboração.

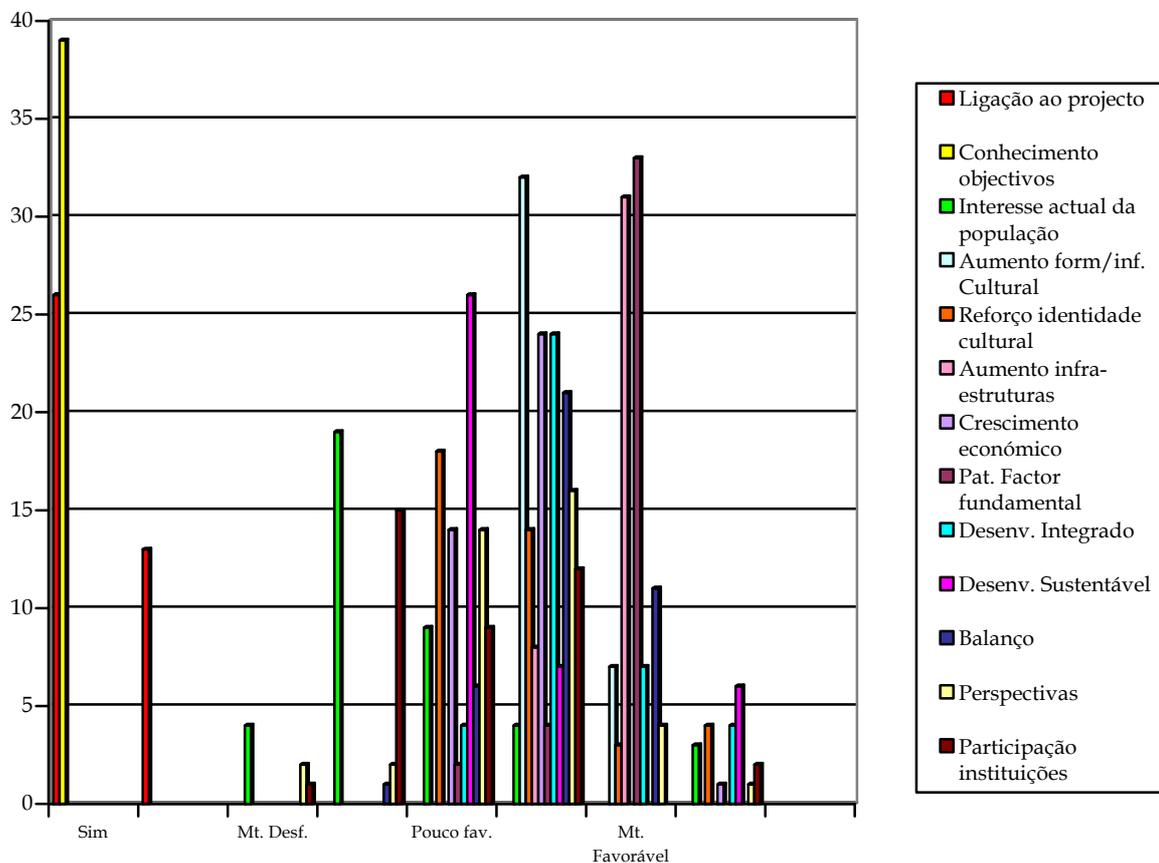


Gráfico 16. Análise das respostas dos entrevistados tendo em conta os indicadores definidos.

ALGUNS EXCERTOS DAS RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS:

Interesse actual da população:

- "Não teria sido possível levar a bom termo este projecto sem a participação e envolvimento directo da população. De um natural entusiasmo inicial, como em qualquer actividade pioneira, passou-se nos últimos anos a um facto consumado em que metade dos habitantes já cresceu no ambiente actualmente dominante da Vila, onde a actividade se transformou num autêntico atributo do sítio".

- *“A comunidade local esteve pouco envolvida no projecto e mantém-se igual (...). Relativamente ao futuro deste projecto, só com o envolvimento/apoio da população dos vários sectores e principalmente com o envolvimento da política local”.*

- *“Uma parte considerável da comunidade local, sim. No entanto, sinto que as dinâmicas entretanto quebradas, transferem-se como já sabemos, para o sentimento colectivo. Se há os que souberam ler as origens das alterações e souberam resistir, mantendo intacto o seu apreço, admiração e empenho, outros, os deixaram esmorecer. Mas é necessário interpretar o que de nocivo encerram os interesses pouco claros da imaturidade democrática em Portugal, para chegar ao fundo pleno desta questão. As orientações políticas nacionais, absorvidas cegamente pelas organizações concelhias dos diferentes partidos, não compreendem que devem descobrir um estatuto próprio, de acordo com as características de um território tão particular e único como o de Mértola. Procurar afinar o futuro de Mértola pela bitola política generalista, é perpetuar a amargura de uma comunidade que definha em perda de população activa, que só cresce em terceira idade e serviços a ela afectos”.*

-*“A comunidade local acompanhou também a tendência que se tem verificado para a resolução de problemas de preocupações de cariz mais material e individual e não conseguiu fazer a distinção que o desenvolvimento local não consegue em ciclos de curto prazo inverter um processo de sub-desenvolvimento e marginalização com várias centenas de anos e na maior parte dos casos decorrentes da inércia de investimento in situ por parte da Administração Central (pois os principais problemas são claramente de Política Regional/Nacional, pois ao nível dos governos locais isto é, das autarquias, na maior parte das áreas da sua competência o esforço foi de louvar). Não é possível comparar Mértola e o seu desenvolvimento com áreas de grande densidade populacional como as cidades e respectivas áreas sub-urbanas que apresentam uma maior concentração de pessoas, capitais, conhecimento, tecnologia etc. Apesar do reconhecimento da qualidade do trabalho e do empenho em favor do desenvolvimento de Mértola, parte significativa duma população ainda muito fragilizada entende (contrariamente ao que sucede em países, cidades e locais mais dinâmicos) que a cultura o ambiente e o património não geram riqueza e que se deve fazer investimentos estruturantes de capital físico e*

tangível de grande intensidade mas que o território paradoxalmente não dispõe de recursos para tal efeito. No entanto é desejável um maior envolvimento da população local através do recurso a outras estratégias que estimulem a participação dos cidadãos em termos individuais e colectivos e um a estratégia de sensibilização, educação e formação ao longo da vida que permita compreender o mérito de uma aposta em processos que mobilizem as capacidades e recursos locais e que esteja centrado na comunidade e no território”.

–“ Julgo que a comunidade vive um pouco à parte deste projecto. Pelo que me tem sido dado a entender, não me parece que haja grande interesse, nem motivação para participar neste projecto que deveria ser, mais do que é, um projecto comum. Existe uma acomodação, muito grande, por parte dos naturais de Mértola. Um dos componentes deste projecto, é o sector dos museus, e deste falo com conhecimento de causa, não noto grande motivação por parte das pessoas para se deslocarem aos museus. Sei que grande parte dos Mertolenses, não conhecem a maior parte dos museus que cá existem. E seria de extrema importância que, por exemplo, se confrontados, com algum pedido de esclarecimento por parte de um visitante, soubessem dar uma resposta acertada. O que por vezes não acontece. O museu de Mértola, deveria englobar, também, as pessoas, as ruas, os cheiros e os sabores, a vivência e saber-contar de cada um, enquanto indivíduo, mas também enquanto parte essencial de um todo. E, para isso, falta mais envolvimento, de quem deste projecto faz, ou deveria fazer, parceria: os mertolenses”.

Património é o factor fundamental:

- “(...) Em primeiro lugar, coloca Mértola “no mapa” cultural, turístico, arqueológico e museológico do País e são raros os projectos que o conseguem a nível local. A visibilidade exterior da vila está indissociavelmente ligada a este projecto patrimonial. Ao mesmo tempo, a criação do Museu e dos seus núcleos museológicos e a intervenção urbana na vila histórica originam emprego, serviços, restauração, dormidas e, creio, fixação de pessoas, o que é da maior relevância no interior alentejano”.

- “É seguramente um projecto de valorização patrimonial. Quanto a ser um projecto de desenvolvimento local, não me parece porque não surgiu, à volta e por causa deste projecto de

valorização patrimonial, um conjunto de actividades de cariz económico ou outro que fizessem o Projecto Mértola Vila Museu poder ser considerado como sendo de desenvolvimento local”.

- “Porque tem como pilares o património e serve de alavanca ao desenvolvimento de Mértola. Tendo surgido a propósito de aspectos patrimoniais, particularmente da arqueologia, cresceu e robusteceu-se quer nesse campo, sobretudo pela museologia, quer noutros campos: o ambiente, a conservação da natureza, a investigação, a formação académica e profissional. Hoje é sobretudo um projecto de desenvolvimento local, assente na valorização dos recursos locais, em particular do património”.

- “Os aspectos menos conseguidos relacionam-se com a sua capacidade de alavancar o desenvolvimento económico e de criar mais riqueza a nível local, sobretudo ao nível do estímulo à criação de actividades subsidiárias. Nesta perspectiva a iniciativa privada não tem correspondido e conseguido explorar as oportunidades resultantes do projecto, nomeadamente: a criação de alojamento turístico de qualidade em nº suficiente de camas, a restauração de referência, a oferta complementar de actividades de animação turística, a especialização do comércio e a exploração de outras áreas de negócios complementares ao projecto”.

- “Primeiro porque forma pessoas, cria áreas e disciplinas de estudo a nível local que até então não estavam previstas ou incluídas nos manuais da formação escolar local. Depois, porque cria dinâmicas aos mais variados níveis, sejam elas nas áreas da arqueologia e toda a esteira de investigações científicas que ela sugere e impulsiona. Ainda porque, dinamiza a curiosidade e as sensibilidades locais, que as leva a interessarem-se na observação, na integração nos espaços de trabalho disponibilizados pela instalação da rede de museus, e ainda porque levanta o ânimo e orgulho às próprias populações, que de uma não existência, passou para uma visibilidade notável e comentada nos mais diversos quadrantes da cultura e do turismo cultural. Outro dos aspectos, é o manancial de possibilidades que pode ser dinamizado no âmbito das conferências e congressos que em Mértola deviam ter calendário anual bem determinado, mas para isso falta

um centro de conferências moderno com vários auditórios, para a transformar numa Universidade Livre, disponível para toda a gente”.

- “(...) no projecto que me parece ser pioneiro, teve esse objectivo e Mértola deve, a esse esforço, a notoriedade que lhe é dada hoje em dia. Musealizar uma vila é a” cereja em cima de qualquer bolo”.

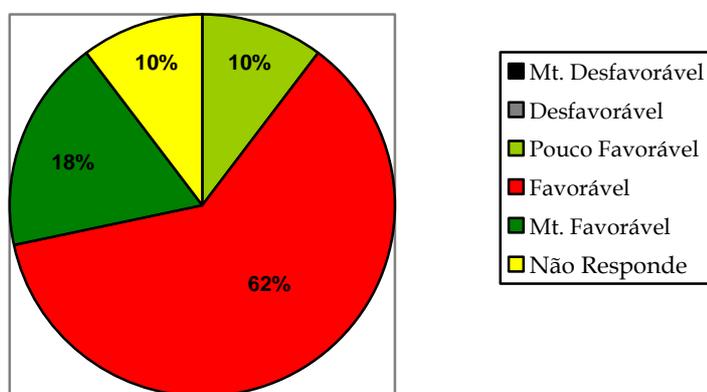


Gráfico 17. Avaliação das entrevistas relativas ao Indicador “É um projecto de desenvolvimento integrado”.

- “(...) Sobre a questão da valorização patrimonial a resposta é objectiva porque há “obra feita” e de grande qualidade como é o caso dos diferentes núcleos museológicos, as exposições, as publicações. Trata-se efectivamente de um projecto de desenvolvimento local, na perspectiva de valorização dos recursos locais e pela sua ligação à comunidade local e por ter conferido identidade e visibilidade a Mértola”.

- “É seguramente um projecto de valorização patrimonial. Quanto a ser um projecto de desenvolvimento local, não me parece porque não surgiu, à volta e por causa deste projecto de valorização patrimonial, um conjunto de actividades de cariz económico ou outro que fizessem o Projecto Mértola Vila Museu poder ser considerado como sendo de desenvolvimento local”.

- *“Primeiro porque tem o Património como recurso de base local, denotando à época e estamos a falar em finais da década de 70, uma visão e capacidade prospectiva extraordinária ao assumir a importância de um recurso que por diferenciação poderia prestigiar, afirmar e constituir o que actualmente se designa economicamente como um “Cluster” sustentado no Património e na Cultura. Depois porque se tentava por um lado fixar jovens locais que continuassem a estudar, a trabalhar e a viver em Mértola tal como se estimulava aqueles que eram oriundos do exterior do concelho (e que pelo seu conhecimento e competências profissionais não era possível recrutar em Mértola) a viver e a colaborar no seu quotidiano na dinâmica local, sendo inclusiva pois todos contribuíam na sua diversidade para este processo de Desenvolvimento. Para além de ter mobilizado vontades, criado sinergia, reforçado o sentimento de identidade, pertença e a auto-estima de ser ou de viver em Mértola, houve também um investimento na qualificação dos recursos locais, na consolidação das competências nos saberes locais para além de se reforçar a capacidade organizativa e negocial de quem estava a viver e a gerir o território”.*

- *“É um projecto de desenvolvimento local, integrado, participado pela população local, sustentado no património, na cultura e no ambiente, mas enquadrado na valorização do território e na promoção social, cultural e económica. É um projecto pioneiro em Portugal e que conseguiu mesclar a investigação e a prática, assumindo em muitos aspectos, uma metodologia de investigação-acção. A “história” deste projecto não está ainda contada, até porque ainda não terminou. É talvez dos processos mais interessantes de desenvolvimento local ocorridos em Portugal depois do 25 de Abril e pelo qual se podem investigar uma enorme quantidade de aspectos que retratam a evolução do Desenvolvimento Local em Portugal, do surgimento de estruturas da sociedade civil a desempenhar activamente o papel de actores locais, da parceria entre a investigação e a prática, entre o mundo académico e a prática quotidiana da implementação. O próprio papel das autarquias locais pode também ser avaliado neste Projecto. É também um processo multidisciplinar, que recorre a variadas disciplinas e formações, o que o enriquece constantemente. É sobretudo um processo que para além de criar empregos, dinamizou todo um território, estruturou o seu desenvolvimento e catapultou para o grande público, Mértola e o seu território”.*

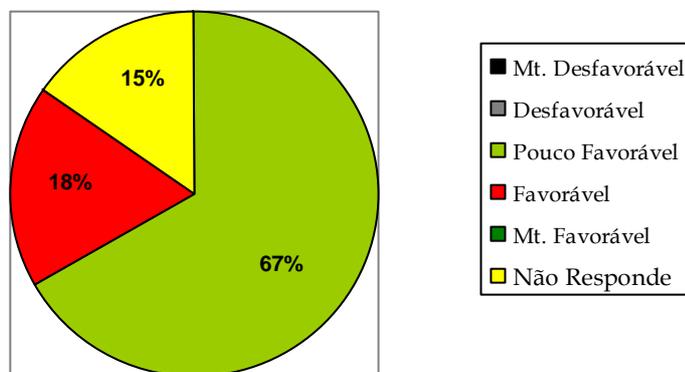


Gráfico 18. Avaliação das entrevistas relativas ao Indicador “É um projecto de desenvolvimento sustentável”.

- “Aqui em Mértola - apesar de trinta anos de trabalho arqueológico, etnográfico e museográfico, ainda estamos no início de um processo que pretende ir mais longe, mergulhando no esforço de compreensão e reestruturação de uma dignidade regional. Quer dizer, daquilo que é, afinal, a grande conquista e o significado profundo do património cultural: a tomada de posse, pelas populações, daquilo que sempre lhe pertenceu. Felizmente, hoje, já não é tão fácil desapossá-los destes bens. Os Museus Nacionais saquearam o país inteiro no século XIX, concentrando em Lisboa, na grande cidade, os objectos que lhes interessavam na construção de um nacionalismo romântico. Hoje isso já não é possível. As pessoas, as comunidades, “seguram” com vigor aquilo que consideram a sua propriedade colectiva, o seu monumento, o seu objecto arqueológico, não o deixam fugir da sua região e querem que lhe seja dado mais valor. Não querem que o seu património seja apenas visto, consumido, querem que seja revalorizado, que seja envolvido culturalmente, que sirva de símbolo, que consiga representar a alma da sua terra, o elemento fundamental representativo da sua comunidade.

Esta aproximação aos interesses da população começou por ser, naturalmente, e apenas, um trabalho de investigação arqueológica. O local de intervenção tinha, naturalmente de coincidir com uma estação arqueológica adequada, onde os vestígios de época tardo romana ou islâmica, não só existissem, como fossem acessíveis. Assim foi escolhida Mértola, importante

cidade antiga e quase completamente abandonada nos tempos modernos. Os primeiros passos foram há 30 anos.

Eram anos de forte criatividade, na sequência da revolução do 25 de Abril, quando o Alentejo era agitado por fortes convulsões sociais pela posse da terra, quando surgiram as primeiras cooperativas agrícolas e quando se consolidavam as comunidades rurais. Numa postura de clara solidariedade política com todo este processo, procurámos integrar-nos no ambiente geral e divulgar pedagogicamente os nossos projectos científicos e as nossas intenções de participar no desenvolvimento local. Como é evidente, tínhamos de conjugar essa postura pedagógica com a máxima qualidade científica da investigação. Para nos afirmarmos e sermos reconhecidos no meio científico tínhamos de publicar em revistas da especialidade, porém, em simultâneo era preciso falar uma linguagem compreensível para todos. Essa linguagem era a linguagem museográfica. Portanto, desde muito cedo começámos a organizar mostras temáticas, exposições e os primeiros museus, onde mostrávamos e justificávamos tudo o que andávamos a fazer com o objectivo expresso de provar que o fenómeno científico e cultural pode e deve ser potenciador de progresso e desenvolvimento económico.

De certa forma, esta postura obrigou-nos muito cedo a aprender como construir um museu local. Como organizar pedagogicamente, seguindo rigorosos critérios científicos, um discurso claro, coerente para o especialista e perfeitamente decifrável e compreensível para o habitante local. Este processo de sublimação é naturalmente acompanhado por um irreprimível movimento de dignificação e valorização do objecto exposto no museu de sítio que se enquadra num consistente empenho de fomentar o orgulho identitário.

Mértola é uma pequena povoação com pouco mais de 1.500 habitantes e com um imenso território municipal de mil e duzentos quilómetros quadrados onde vivem sete mil habitantes, na sua maioria envelhecidos e abandonados pelo chamado desenvolvimento urbano, distribuindo-se por mais de uma centena de pequenos povoados. Hoje, depois destas dezenas de anos de trabalho arqueológico, entre os habitantes, já é sensível uma sensação de auto estima, um certo orgulho em pertencer à pequena cidade que até há pouco tempo nada tinha de atractivo e muito menos qualquer elemento cultural que despertasse a atenção de qualquer turista.

Com o objectivo de chegar aos mais novos, desmontar o discurso filo-urbano e anti camponês da escola oficial e minorar a fuga para as cidades do litoral, o Campo Arqueológico de

Mértola, em colaboração com a Câmara Municipal e outras entidades regionais, criou uma escola profissional onde são formados técnicos em arqueologia, turismo e ambiente. São cursos de três anos que também permitem acesso à Universidade. A maioria dos alunos desta escola que funciona há mais de uma dezena de anos tem encontrado trabalho na região. Por outro lado e no sentido de atrair mais investigadores e técnicos especializados, criamos um Centro de Estudos Islâmicos onde, em colaboração com várias universidades do país e do Mediterrâneo, leccionamos cursos de mestrado

O conjunto museográfico está montado, o museu hoje é a própria vila. Conseguimos que o emaranhado das ruas, todo o conjunto urbano fosse incluído no conceito de museu. Aqui e além, no próprio local onde uma intervenção arqueológica pôs a descoberto um novo monumento, ou ruína histórica, erguem-se novos núcleos museológicos, especialmente organizados para proteger e expor dignamente os artefactos. Neste momento temos visitáveis oito locais considerados como museus de sítio, que obrigam o turista a parar, a fazer todo um percurso de visita e descoberta. Já não é suficiente uma só manhã e todo um dia já se torna apertado. Por isso se nos anos setenta, havia apenas um restaurante, hoje ultrapassa a quinzena. A população vai respondendo a uma procura cada vez maior e mais exigente. Como entretanto conseguimos oficializar um Parque Natural de setenta mil hectares, procuramos nestes últimos anos distribuir por circuitos de natureza uma parte significativa dos mais de 25 mil turistas anuais que nos visitam e que um crescimento excessivo pode afectar a escala das ruas e espaços da pequena cidade. Estes percursos alternativos destinam-se a tomar conhecimento com um mundo rural ainda activo, a tomar contacto com outros locais do território, a percorrer velhos caminhos, moinhos de água e de vento recentemente reabilitados, chamar a atenção para outros locais que começam a ser interessantes para um novo e activo turismo de natureza.

De certa maneira temos conseguido requalificar o turista que nos visita. O veraneante que vai a caminho das praias do Sul, pára pouco tempo e segue viagem para fugir ao calor tórrido destas paragens. Não é esse o turista que procuramos. Felizmente está em franco crescimento um outro tipo de visitante culto e interessado que já tem referências do local e que tenciona ficar mais tempo. Além do dinheiro que vai deixar e que naturalmente é sempre bem-vindo, este turista, devido à sua formação cultural, vai necessariamente trazer outras informações, outras formas de riqueza imaterial, outros saberes sempre interessantes e

enriquecedores para a população local. Este turista que perde um dia inteiro a deambular pelas ruas à procura dos vários núcleos museológicos, que entra em contacto com a população e que, de forma inevitável, lhe transmite algo da sua própria cultura, do seu saber, da sua experiência, é um visitante bem vindo, capaz de cimentar laços de conhecimento, formas de intercambio, geradoras de um verdadeiro desenvolvimento sustentável.

Assim, não temos só de seleccionar o turista, estamos também, de certa forma, a qualificar o morador, aquele que o acolhe e o orienta nos percursos. Muitas vezes é mais importante e inovador um percurso falado em que a informação é dada pelo habitante, do que belos cartazes com sofisticada sinalética. Por vezes a informação escrita impede o turista de comunicar, de perguntar, de estabelecer diálogo com as pessoas que, quase sempre, esperam esse gesto de civilidade e simpatia.

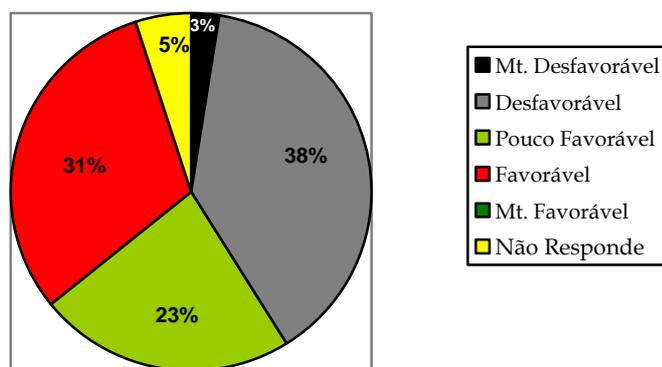


Gráfico 19. Avaliação das entrevistas relativas ao Indicador "participação actual das instituições locais".

- "Foram, de facto, estas três entidades as impulsionadoras iniciais deste projecto. No entanto, não só não conseguiram incorporar as novas entidades que surgiram entretanto que foram sempre consideradas como sendo subsidiárias e de segundo plano, como a forte parceria entre as três entidades referidas na pergunta só se manteve enquanto a sua filiação político-partidária foi a mesma".

- "Julgo que ao longo dos anos o papel das 3 entidades referidas foi / é diferente. No início, a acção de Cláudio Torres e, em consequência, do Campo Arqueológico que se foi constituindo, é

vital e impulsionadora-mor do projecto. O bom enquadramento e a boa parceria que o projecto encontra ao longo de muitos anos na autarquia local vieram a determinar o sucesso e as alianças forjadas em confiança mútua. Infelizmente esses laços vieram a modificar-se nos últimos anos, com prejuízo para o Projecto”.

- “Desde o início que estas três entidades estiveram directamente envolvidas no projecto e a sua participação é vital para o desenvolvimento futuro”.

- “Mértola sempre esteve muito dividida e muito clivada. Hostilizada entre si mesma. Resultado dos agentes políticos terem optado por um caminho agressivo e nada moderado. Por um espírito de crispação que inevitavelmente passa para o quotidiano das populações. E observo que é com algum, ou mesmo enorme esforço, que as partes por vezes dialogam e conseguem acordar estratégias concertadas de orientações para o desenvolvimento. Este fenómeno aberrante intensificou-se com a perda do Presidente Serrão Martins, que era, tal como José Afonso, um espírito consensual. Depois dele, esse espírito não foi mais restaurado. O que deu lugar ao sucesso dos primeiros 22 anos deste projecto, foi resultado da herança e da Aliança entre Serrão Martins e Cláudio Torres, com uma Autarquia gerida pelo Partido Comunista a subscrever tudo o que eram as prioridades neste domínio. O Partido Socialista local, mais deslumbrado pelas economias liberais, foi sempre um opositor e forte contestatário relativamente ao grande volume destas opções. Conquistando o poder local de Mértola em 2001, esta força política rompeu e inviabilizou o conjunto de protocolos entre a entidade municipal e as restantes instituições, que foram até então, o principal motor do desenvolvimento local”.

- “Foram seguramente. Neste momento não o são. O Projecto Mértola Vila Museu tal como foi idealizado já não existe, uma vez que não existe um fio condutor entre as principais três entidades (...). Esse papel caberia à autarquia, mas, digo-o sem desdém, o (...) ainda nem sequer percebeu o papel que a CMM poderia e deveria ter neste domínio. Agora vive-se dos louros do passado. Do trabalho feito. Não sei durante mais quanto tempo. Para além disso, o facto da ADPM ter enveredado pela área do ambiente e formação e o CAM pela investigação científica, deixam, completamente a descoberto a vertente original de dinamização territorial a partir do

património, da museologia, etc. Anda-se agora, e como diz o povo, “ao Deus dará”, onde se sente falta de uma liderança, que caberia, naturalmente ao Poder Local, até porque isso “encaixaria” naquilo que é uma nova visão para a intervenção das autarquias, que têm vindo progressivamente a passar de construtoras/gestoras, para assumirem uma postura mais de governação à escala dos seus territórios. Em Mértola, pelo menos nos próximos 4 anos isso não acontecerá. As pessoas que estão na CMM não têm essa perspectiva. Aliás, não têm perspectiva nenhuma para nada”.

- “(...) Primeiro surgiu a ADPM, que rapidamente se especializou numa área específica. Depois, em 1988, o CAM, enquanto entidade autónoma. Ficou daí o mito, simpático mas irreal, de que o projecto Mértola Vila-Museu resulta de uma articulação entre as duas entidades. Na verdade, enquanto estive a tempo inteiro em Mértola (1991-2005) não assisti a uma única reunião entre as direcções das duas entidades. O que significa que, na realidade, há dois projectos distintos, um na área ambiental e do desenvolvimento, outro no domínio do património. É este que, por norma, é associado à ideia de Vila Museu. O que até nem está errado, uma vez que foi o CAM a liderar os projectos museológicos montados entre 1988 e 2001, bem como a produzir a maior parte da informação que ainda hoje está disponível. Também creio ser correcto dizer-se que esta visibilidade do projecto também deve ser associada ao facto de Cláudio Torres ser, desde há anos, o impulsionador do projecto e o Director do CAM”.

Balço dos últimos trinta anos:

- “(...) penso que foi e continua a ser uma referencia positiva para Mértola. Colocou esta terra no mapa cultural português e internacional (...)”.

- “(...) Como desconheço na totalidade o “estado” em que o projecto “Mértola Vila Museu” está actualmente e trabalho diária e directamente com o Museu de Mértola penso que o Município deverá continuar a reunir esforços no sentido de melhorar a receptividade dos visitantes e continuar a apoiar o empreendedorismo em todas as vertentes turísticas. Faz falta a investigação a preservação do nosso património, mas vivendo “neste” Alentejo, torna-se necessário e urgente

fixar a população e valorizar os Mertolenses. A cooperação entre as entidades locais deve existir sempre. E entenda-se cooperação, e não “fusão” de entidades”.

- “Ao fim de 30 anos do projecto de Mértola, penso que o balanço é positivo, o projecto vingou merecendo o reconhecimento de sucessivos governos, transpondo Mértola para o circuito das rotas turísticas. A riqueza e a diversidade cultural foi, e é, um importante impulsionador de desenvolvimento da região, graças á forma como conseguiu preservar e potenciar o seu riquíssimo e vasto património (...).”

- “Um balanço positivo. Se Mértola é hoje reconhecida a nível nacional e internacional, deve-se a este projecto. O “slogan” Mértola Vila Museu foi extraordinariamente bem conseguido mas também está hoje, infelizmente, abandonado. Não tenho dúvidas que os actuais cerca de 30 mil visitantes/ano em Mértola são reflexo deste trabalho mas poderão baixar nos próximos anos se a autarquia prosseguir as politicas de “dispersão” relativamente ao desenvolvimento turístico”.

- “É um balanço positivo. Toda a projecção que Mértola tem além fronteiras, deve-se ao sucesso deste projecto. A divulgação que hoje se faz de Mértola, é todo o resultado de um enorme trabalho de investigação e recuperação do património. Não existem muitos exemplos, pelo menos em Portugal, como o de Mértola: o de uma vila do interior, longe dos grandes centros urbanos e escassos meios de subsistência, que tenha conseguido inverter o êxodo rural, aproveitando o património histórico/cultural, de forma a beneficiar toda uma população, criando meios de auto-subsistência (...).”

-“Necessariamente positivo, na medida em que Mértola saiu do anonimato, afirmando-se no plano nacional e internacional. Representa um exemplo da forma como o património pode estar ao serviço do desenvolvimento local, sustentável, fomentando as suas raízes e identidade”.

- *“Há muito a fazer. As potencialidades são enormes. Outras vilas que seguiram o nosso exemplo, com muito menos estão cheias de dinâmica cultural e artística e, claro está, de desenvolvimento local”.*

- *“Trata-se de um projecto que tem dado os seus frutos, a saber: criou uma marca reconhecida e com projecção a nível nacional e nalguns segmentos, também a nível internacional; recuperou e continua a recuperar e a valorizar o seu património histórico, criou uma rede de núcleos museológicos de grande qualidade, aumentando assim os recursos turísticos locais., tem atraído anualmente um número crescente de visitantes e turistas., criou emprego especializado, atraiu novos residentes e conferiu identidade a Mértola. Os aspectos menos conseguidos relacionam-se com a sua capacidade de alavancar o desenvolvimento económico e de criar mais riqueza a nível local, sobretudo ao nível do estímulo à criação de actividades subsidiárias. Nesta perspectiva a iniciativa privada não tem correspondido e conseguido explorar as oportunidades resultantes do projecto, nomeadamente: a criação de alojamento turístico de qualidade em nº suficiente de camas, a restauração de referênciã, a oferta complementar de actividades de animação turística, a especialização do comércio e a exploração de outras áreas de negócios complementares ao projecto”.*

- *“ Penso que é um projecto muito interessante e bastante bem sucedido, face ao conhecimento produzido e publicado e às alterações positivas que trouxe a Mértola. Passados 30anos (e é fácil falar à posteriori) há dois aspectos que eu apontaria como menos brilhantes: o primeiro foi a falta de aposta numa maior multidisciplinaridade da equipa, constituindo a lacuna na área da conservação e restauro o calcanhar de Aquiles do projecto (como já muitas vezes referi); o outro, o facto de não se ter conseguido consolidar e reforçar em credibilidade e competência o ensino profissional com os cursos de técnicos de arqueologia e de património edificado, de que o mercado de trabalho é carente. De qualquer maneira, é um projecto muito inspirador e prometedo”.*

- *“Ao fim de 30 anos do projecto de Mértola, penso que é o balanço é positivo, o projecto vingou merecendo o reconhecimento de sucessivos governos, transpondo Mértola para o circuito das*

rotas turísticas. A riqueza e a diversidade cultural foi, e é, um importante impulsionador de desenvolvimento da região, graças á forma como conseguiu preservar e potenciar o seu riquíssimo e vasto património. A projecção e o trabalho desenvolvido por duas instituições como o Campo Arqueológico de Mértola e a Associação de Defesa do Património de Mértola, a par da autarquia têm conseguido atrair cada vez mais visitantes que vão permanecendo em Mértola alguns dias dinamizando todo o comércio local. Há três décadas atrás existia apenas uma unidade hoteleira e duas de alojamento de baixa qualidade hoje, a oferta e a qualidade do serviço aumentou significativamente, tendo-se já verificando insuficiente algumas vezes. A câmara tem vindo a criar varias iniciativas por forma a que o visitante tenha sempre vontade de voltar com a certeza de uma nova descoberta, tendo para isso o cuidado de as realizar ao longo de todo o ano, de forma a que a dinâmica económica seja uma realidade para aqueles que dependem directamente de quem nos visita. É preciso repensar e renovar todos os dias, essa tem sido a tónica dominante de todos os parceiros intervenientes no território sempre preocupados com todos aqueles que cá residem para que permaneçam bem como atrair novos residentes para esta região onde “ainda” é possível viver com qualidade”.

-“É naturalmente um projecto altamente positivo que até já serve para dissertações de mestrado e teses de doutoramento. Mas isso será o menos importante. Até mesmo os museus, os livros, ou as conferências que se têm feito, não terão importância nenhuma quando comparados com o orgulho que proporcionam a todo o território. Sem Mértola Vila Museu, penso que a vila não passaria de mais uma “Alcoutim”, onde nada acontece, e que só o rio ressuscitou de uma morte anunciada”.

Perspectivas futuras do Projecto:

- “Apesar das dificuldades e de algumas frustrações actuais, Mértola ganhou um outro futuro e uma outra dinâmica impossível de retroceder. É um processo muito longe de estar concluído e que de certa forma pode servir de modelo a um outro tipo de desenvolvimento sustentável tão necessário ao interior empobrecido”.

- *“Este projecto tem uma enorme importância para o desenvolvimento de Mértola, desde que não seja utilizado como instrumento político de oposição à CMM e se procure integrar na comunidade local”.*

- *“O projecto só continuará a estar no topo se estiver atento ao que de melhor se vai fazendo no país e no estrangeiro, devendo sobretudo não desperdiçar recursos que nestes territórios são extremamente escassos. Trabalho, Parceria e Inovação são as palavras-chave”.*

- *“O futuro do Museu deve passar por um bom entendimento institucional entre as entidades-chave que estão na sua base - Campo Arqueológico, Câmara Municipal e Associação de Defesa do Património – para assegurar a sua gestão coerente. Deve também passar por uma aliança mais forte com o turismo cultural e pela formação de agentes locais. Deve finalmente passar por um processo de reconhecimento claro da liderança científica e técnica de Cláudio Torres na actualidade e pela capacidade de preparar uma liderança futura para este notável projecto”.*

- *“(…) Não será um caminho fácil (também nunca o foi), e dependerá, para além do que já foi dito, da visão que as entidades locais tiverem para o futuro do território, particularmente no que respeita ao modelo de desenvolvimento, à coesão social, à participação pública, à integridade e valorização dos recursos locais e à motivação para a criatividade e inovação no âmbito da Governança Local”.*

“ O projecto Mértola Vila Museu continua a ser um projecto em construção e deverá continuar a sê-lo. Felizmente para Mértola e para o conhecimento científico, as escavações arqueológicas continuam a trazer à luz muito do passado escondido. Muitos desses recursos poderão ter interesse na perspectiva da sua exploração em termos turísticos. Obviamente, o projecto ter-se-á que adaptar às novas dinâmicas e paradigmas, nomeadamente: através da construção de uma plataforma de diálogo e comunicação com os diferentes agentes locais e evitando as rupturas; criando sinergias com outras dinâmicas instaladas ou em perspectiva (caça, enoturismo); inovando e explorando o potencial das novas tecnologias, interactividade e animação nos Núcleos Museológicos; alimentando e reforçando o potencial de comunicação com exterior

sobretudo junto do poder político e comunicação social e incentivando as parcerias público/privadas como forma de estimular o empreendedorismo a nível local.

- *“Apesar das dificuldades e de algumas frustrações actuais, Mértola ganhou um outro futuro e uma outra dinâmica impossível de retroceder. É um processo muito longe de estar concluído e que de certa forma pode servir de modelo a um outro tipo de desenvolvimento sustentável tão necessário ao interior empobrecido”.*

- *“È uma realidade que o Projecto Mértola Vila Museu, está incluído nos circuitos turísticos e culturais de todo o mundo as estatísticas confirmam-no. Quanto ao futuro só depende da disponibilidade das instituições que o representam para lhe dar continuidade. Quanto a mim já muito foi feito mas muito mais há para fazer, há algumas arestas a limar para que tenhamos um produto de qualidade superior àquele que de momento apresentamos aos visitantes. Condições temos, haja boa vontade”.*

- *“O derradeiro objectivo deste projecto deverá ser sempre a melhoria das condições de vida da população local. Um dos principais problemas de Mértola é a falta de emprego e conseqüente despovoamento, pelo que, é imprescindível um maior envolvimento das empresas (sobretudo as mais ligadas ao turismo) no Projecto Mértola Vila Museu. No futuro, o projecto terá que conseguir captar maior investimento, demonstrando junto de potenciais investidores que ainda existem em Mértola muitas oportunidades de negócio ligadas ao Património”.*

- *“É necessário que as entidades ponham de parte as questões políticas e se centrem no que é necessário para o concelho e as suas populações. Tem que existir uma aproximação com a comunidade, o projecto tem que deixar de ser quase exclusivamente elitista, tem que ir de encontro às necessidades e anseios da população. É um projecto fulcral para Mértola e para o seu desenvolvimento, tem é que existir equilíbrio entre as diversas entidades, entre os seus objectivos e as necessidades da comunidade”.*

- *“Relativamente ao futuro na minha opinião é bastante negativo, devido à política de direita praticada pelo executivo da autarquia desde 2001”.*

- *“Penso que só existirá futuro se houver um trabalho de equipa, em que a autarquia é um elemento fundamental”.*

- *“Era um projecto que mostrava claramente o potencial de aproveitar os recursos culturais, e quando da grande expansão das novas tecnologias, poderia ter tido capacidade, a manter-se a anterior visibilidade, de atrair múltiplas empresas da área dos serviços. Turísticos, criativos, de comércio de produtos naturais de alta qualidade, etc., e assim vê-se nas mãos de uma quase monocultura da caça desportiva, e já vai sendo difícil encontrar grandes pedaços do seu território que não estejam rodeados de redes altas... Penso que se deduz, para não repetir o que está para trás que, sim, penso que poderia ser esse projecto, mas não com o actual cenário político e de investimento do poder central, sem contar aqui com a dificuldade da própria equipa gestora em dar a volta à situação, em resultado da sua actual pequenez. O regresso «à pesca» de sangue novo nas universidades afigura-se me não só como urgente mas também decisivo para garantir a fuga à extinção deste projecto”.*

- *“Houve ao longo dos tempos um desenvolvimento gradual mas significativo da Vila de Mértola com este projecto, mas esse desenvolvimento não foi suficiente para concretizar o principal objectivo de conseguir um desenvolvimento sustentável para o nosso concelho, talvez se possa relacionar este facto com o facto não existir um trabalho em conjunto entre as entidades e a população. Neste momento tornou-se necessário e urgente reformular o conceito desenvolvimento nesta região para poder tornar Mértola num local atractivo não só para visitar como para viver”.*

- *“Em primeiro lugar, é necessário dar continuidade aos princípios directores que regeram o projecto: rigor, qualidade, perseverança. Será necessário renovar a criatividade que se associou ao projecto, para uma melhor adaptação aos novos condicionantes sociais e económicos. É necessário captar mais jovens para a renovação dos “quadros” das equipas de modo a renovar*

energias e perceber melhor as novas tendências e linguagens das novas gerações. No âmbito do turismo e do público-alvo a que vai dirigido, é necessário melhorar a divulgação e reformular as estratégias de difusão para uma melhor selecção de públicos. Será necessário, também, renovar o âmbito das actividades a desenvolver, diversificando-as e coordenar melhor as distintas instituições envolvidas que deverão fazer um esforço conjunto de planificação a médio prazo”.

- “Considero que continua a ser um Projecto com futuro, quer a nível local como a nível da sua projecção a nível nacional como internacional. Contudo, o futuro deste projecto passa pela revisão dos seus objectivos, dos seus matizes, bem como das parcerias locais. Passa também pela modernização dos espaços museológicos existentes, de novas formas de interacção com o património local, bem como a realização de novas acções dinamizadoras do património local, isto através de uma acção mais presente da população local”.

“O Futuro pertence aos deuses. Este projecto deveria ser assumido pela autarquia e deveria ser fomentado o trabalho em equipa que outrora existiu para manter o projecto vivo e dinâmico. Se não houver entendimento e colaboração entre as diversas instituições o projecto não terá futuro”.

- “Este projecto tem sempre futuro, pois há muito trabalho a fazer, há que integrar mais a população local no mesmo, há que desenvolver, há muito para conservar, e muito para aprender”.

Acções realizadas no âmbito do Projecto Integrado de Mértola:

1. A requalificação e instalação do Posto de Informação Turística na Rua da Igreja, principal via de acesso ao Castelo, Igreja Matriz e alcáçova.
2. A criação do núcleo museológico da Cooperativa/Oficina de Tecelagem com o objectivo de preservar e valorizar a actividade milenar da tecelagem. Inaugurado em 2000, este espaço inclui uma zona expositiva e uma área de trabalho onde o visitante tem contacto directo com a actividade tradicional da tecelagem
3. A reorganização do núcleo museológico de Arte Sacra, inaugurado em Abril de 2001, instalado na Igreja da Misericórdia e seus anexos onde se encontra exposta uma interessante colecção de arte sacra com peças representativas de todo o Concelho.
4. O enquadramento paisagístico da Torre do Rio/Porta da Ribeira com o objectivo de reabilitar e musealizar as muralhas e a zona envolvente da Torre do Rio e da Porta da Ribeira.
5. A musealização de uma forja de ferreiro instalada no seu edifício original e adquirida pela Autarquia, que integra o espólio instrumental associado à actividade de ferreiro e é também um espaço de profunda relação com a memória histórica do casco urbano (inaugurado em Junho de 2001).
6. O núcleo de Arte Islâmica, instalado nos edifícios dos antigos celeiros da Casa de Bragança e inaugurado em Dezembro de 2001, encontra-se inserido no quadro das iniciativas de valorização patrimonial do casco histórico de Mértola, e constitui a peça nuclear de todo o projecto de musealização da Vila.
7. A reabilitação do edifício designado “Casa Amarela”, sede do Campo Arqueológico de Mértola e do Centro de Estudos Islâmicos e do Mediterrâneo, que dispõe também de uma sala de exposições temporárias que serve de apoio ao núcleo de Arte Islâmica (inaugurado em Maio de 2007).

IMAGENS DOS NÚCLEOS MUSEOLÓGICOS DO MUSEU DE MÉRTOLA



Fig. 21. Pormenor do “mosaico dos leões” do Circuito de Visitas da Alcáçova.



Fig. 22 e 23. Respectivamente, perspectiva da Alcáçova com o circuito de visitas já implantado e pormenor do pórtico onde se encontram os mosaicos.



Figs. 24 e 25. Pormenor do núcleo de Arte Islâmica e prato de cerâmica de corda seca (século XII).



Figs. 26 e 27. Respectivamente, aspecto geral do altar da Igreja da Misericórdia e pixide de prata pertencente à colecção deste núcleo museológico.



Figs. 28 e 29. Pormenores da Exposição de objectos na Forja do Ferreiro.



Figs. 30 e 31. Respectivamente, aspecto geral do interior da Basílica Paleocristã com as estruturas arqueológicas em primeiro plano e detalhe do exterior deste núcleo museológico.



Fig. 32. Vista do Castelo desde a Alcáçova.



Figs. 33 e 34. Torre de Menagem do Castelo e aspecto geral da exposição na Torre de Menagem.



Fig. 35 e 36. Respectivamente, uma das tecedeiras a trabalhar no tear e aspecto da exposição no núcleo da Oficina de Tecelagem.



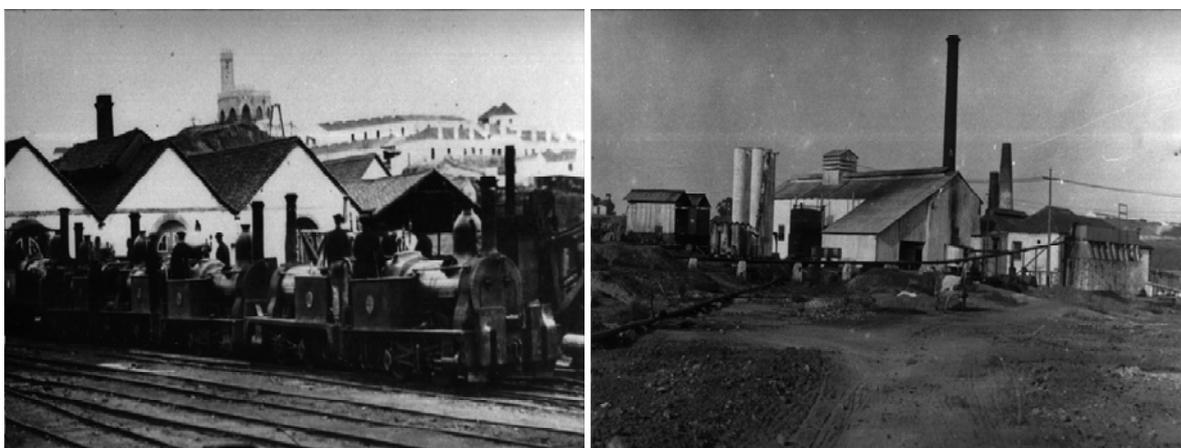
Fig. 37 e 38. Respectivamente, aspecto geral da Ermida de S. Sebastião e medalha de ouro com *crismon*.



Fig. 39. Aspecto exterior do edifício dos Paços do Concelho onde se situa a Casa Romana.



Figs. 40 e 41. Pormenores da exposição no núcleo museológico Casa Romana.



Figs. 42 e 43. Imagens antigas da Mina de S. Domingos ainda em laboração.



Fig. 44. Corta da Mina de S. Domingos onde se situa a “Casa do Mineiro”, último núcleo museológico a integrar o Museu de Mértola.



Figs. 45 e 46. Pormenores da exposição na Casa do Mineiro.



Fig. 47. Actividades dos serviços educativos realizadas no núcleo de Arte Sacra.



Figs. 48 e 49. Concertos de música clássica realizados no núcleo de Arte Sacra.



Figs. 50 e 51. Comemorações do Dia Internacional dos Museus (18 Maio 2009) – visita nocturna ao Museu de Mértola, aspectos da Basílica paleocristã.